

DÉBORA HEINECK

**ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS DO TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem: Fonologia e Morfologia.

Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt  
Orientador

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS DO TRUNCAMENTO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

DÉBORA HEINECK

PORTO ALEGRE

2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Heineck, Débora

Aspectos morfofonológicos do truncamento no português brasileiro / Débora Heineck. -- 2018.  
119 f.

Orientador: Luiz Carlos Schwindt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Truncamento. 2. Processos não concatenativos. 3. Formação de palavras no português. 4. Morfofonologia. 5. Morfologia. I. Schwindt, Luiz Carlos, orient. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Iria e Jorge. Mesmo com a distância, sempre apoiaram minhas decisões, me deram todo o amor e carinho que eu precisava e foram a minha base e a minha força pra enfrentar todas as dificuldades. Souberam compreender as ausências e estiveram sempre de braços abertos para mim. Pai e mãe, amo muito vocês!

Agradeço ao meu orientador, prof. Luiz Carlos Schwindt, que já na graduação despertou meu interesse pela linguística formal e que vem tão sabiamente guiando meus passos na pesquisa. Obrigada por todos os ensinamentos, por toda atenção e pela confiança. Essa parceria me faz crescer cada dia mais.

Aos membros da banca, agradeço imensamente pela leitura do texto e pela atenção dada ao trabalho. Suas contribuições foram muito importantes para o crescimento desse trabalho.

Um agradecimento especial à prof. Gisela Collischonn, que me ensinou os caminhos da pesquisa e que tão humildemente compartilhou seu vasto conhecimento sobre linguística. À prof. Elisa Battisti por ter acompanhado minha formação desde a graduação e ter sempre me proporcionado momentos de crescimento e aprendizado.

A todos os professores e colegas do Círculo Linguístico por todas as trocas, por todas as discussões e, principalmente, por todo o aprendizado. A todos os professores das linhas de Fonologia e Morfologia e Sociolinguística com os quais eu pude aprender muito ao longo destes dois anos.

Às amigas de Arroio do Meio, que sempre acompanham e torcem pelo meu sucesso. Aos amigos e colegas da Letras, com os quais eu compartilhei tantos momentos de alegria, muito companheirismo e muito crescimento. Mesmo seguindo caminhos diferentes, a amizade sempre prevaleceu.

Um agradecimento ao Samuel Oliveira, o melhor amigo e o melhor companheiro que eu poderia ter encontrado na Letras. Obrigada por me acompanhar em tudo! Por estar sempre disponível seja para discutir linguística, problemas de pesquisa ou apenas para jogar conversa fora. Obrigada por me compreender tão bem e me apoiar sempre!

Preciso agradecer, ainda, àqueles que se tornaram minha segunda família. À Renata, que compartilha a vida e a casa comigo. Muito obrigada por ser essa pessoa tão amiga, tão sincera e tão companheira! Ganhei, ao mesmo tempo, uma *roommate* e uma irmã. Obrigada por fazer de Porto Alegre um lar para mim! Agradeço à Irene por todo

carinho, acolhimento e apoio! Por fim, ao Thiago, que acalmou todas minhas angústias, que me deu força pra alcançar meus objetivos, que me ajudou com tabelas, fórmulas e problemas tecnológicos e que me deu todo o amor e carinho que eu precisava. Obrigada por ter esse coração enorme e por ter me acolhido nele!

Agradeço aos participantes da pesquisa, pela paciência e disponibilidade.

Ao PPG-Letras UFRGS pela oportunidade e pelo ambiente de aprendizado e ao CNPq por ter financiado meus estudos.

## RESUMO

O truncamento é um processo não concatenativo de formação de palavras que, diferentemente dos processos de prefixação e sufixação, não se estrutura a partir da adjunção de afixos, mas sim a partir da supressão de segmentos da palavra-matriz. Essa supressão de segmentos que ocorre no truncamento não é, necessariamente, uma supressão de afixos. Por esse motivo, o truncamento não se enquadra em análises formais de processos lineares de formação de palavras e foi considerado por alguns autores como um processo assistemático e idiossincrático.

Entretanto, autores como Gonçalves (2004), Araújo (2002), Vilela, Godoy e Silva (2006), Scher (2011, 2016) e Belchor (2009, 2014) propõem análises sistemáticas do truncamento que atestam a regularidade do processo. Grande parte dos autores acreditam que o truncamento é um processo morfoprosódico e, portanto, para buscar sua regularidade é necessário realizar uma análise que integre primitivos morfológicos e primitivos prosódicos, como pé, acento e sílaba. A grande maioria dos trabalhos nessa perspectiva se baseia em teorias que aliam morfologia e fonologia, como a Morfologia Prosódica e a Teoria da Otimidade (e suas subteorias, como, por exemplo, a Teoria da Correspondência). Há ainda análises como a de Scher (2011, 2016) sob a perspectiva da Morfologia Distribuída, que propõe que o truncamento possa ser um processo morfológico, no qual a forma truncada é resultado da derivação de uma raiz.

Neste trabalho, realizou-se uma revisão da literatura sobre o processo do truncamento no português brasileiro e, a partir dos trabalhos lidos, levantaram-se dados de truncamento. Esses dados foram organizados em um *corpus* de acordo com critérios fonológicos e morfológicos tanto da base (palavra-matriz) quanto do produto (forma truncada) do processo. Os dados do *corpus* serviram de base para a elaboração de um experimento. O experimento consistia em um questionário social e em três exercícios. Nos exercícios, os participantes eram solicitados a produzir truncamentos a partir de algumas palavras do português, identificar as palavras-base de uma lista de formas truncadas e, por fim, propor formas diminutivas para truncamentos. Pretendíamos, com o experimento, identificar possíveis padrões no processo do truncamento, bem como analisar o papel de elementos morfológicos e prosódicos no processo.

Como objetivo mais geral, esse trabalho se propõe a investigar e descrever o processo do truncamento, bem como compreender o seu funcionamento e as condições implicadas na sua ocorrência. No âmbito mais restrito, propõe-se a investigar o papel do acento e do número de sílabas da palavra-base na formação dos truncamentos; analisar o comportamento de truncamentos formados a partir de bases compostas e com dois acentos fonológicos; e, por fim, investigar o *status* da vogal final do truncamento, verificando se ela se aproxima mais de uma vogal temática, de um morfema de gênero ou de um sufixo derivacional.

A partir dos resultados do experimento, verificamos que, de um modo geral, os falantes reconhecem as formas truncadas e fazem uso de padrões descritos na literatura para produzir truncamentos a partir de palavras do português. A maior parte dos truncamentos produzidos eram dissílabos, paroxítonos e eram formados a partir das duas primeiras sílabas das palavras. A nossa hipótese de que, nos casos de palavras com prefixos autoacentuados ou compostas por duas raízes eruditas, o truncamento seria formado pelo prefixo ou pela raiz mais à direita da palavra também se confirmou. Verificamos que, de um modo geral, há correspondência da vogal final dos diminutivos com o gênero da palavra, o que parece ser uma evidência de que a relação das formas truncadas testadas com suas palavras-base ainda é transparente para os falantes. Em casos como *fotinho* e *motinho*, por outro lado, parece que a base não é mais tão transparente aos

falantes, que já reconhecem *foto* e *moto* como palavras da língua e, portanto, como palavras femininas terminadas em *o*, que são muito pouco frequentes na língua.

Sendo esse um estudo descritivo do truncamento, reconhecemos que tem limitações. Para aprimorá-lo, seria necessária a coleta de mais dados de truncamento em diferentes fontes. Poderia ser interessante, ainda, realizar entrevistas presenciais e gravadas, de modo a poder investigar com maior precisão o papel do acento no truncamento. Além disso, investigar o papel da frequência lexical no processo do truncamento poderia ser bastante explicativo sobre o funcionamento do processo. Por fim, tendo feita a análise descritiva a que se propôs esse trabalho, abre-se caminho para sua interpretação na esfera explicativa, considerando perspectivas teóricas capazes de dar conta do enquadramento do processo na gramática.

**Palavras-chave:** Truncamento. Processos não concatenativos. Formação de palavras no português. Morfofonologia.

## ABSTRACT

Truncation is a non-concatenative word-formation process that, differently from prefixation and suffixation, is not structured by affix adjunction but by deletion of segments from the base. This deletion of segments on truncation process is not, necessarily, a deletion of affixes. Because of that, truncation does not fit in formal analyses of linear word-formation processes and it was considered by some authors as an unsystematic and idiosyncratic process.

However, authors such as Gonçalves (2004), Araújo (2002), Vilela, Godoy e Silva (2006), Scher (2011, 2016) and Belchor (2009, 2014) propose systematic analyses of truncation that attest the regularity of the process. Most authors believe that truncation is a morphoprosodic process e, therefore, to seek its regularity it is necessary to make an analysis that integrates morphological and prosodic primitives, such as foot, stress and syllable. Most studies on this perspective are based on theories that combine morphology and phonology, such as Prosodic Morphology and Optimality Theory (and its subtheories, such as Correspondence Theory). On the other hand, Scher (2011, 2016) makes an analysis from the Distributed Morphology perspective and suggests that truncation might be a morphological process, in which the truncated form is a result of a root derivation.

In this study, we made a literature review of the truncation process in Brazilian Portuguese e, from the studies we read, truncation data were collected. These data were organized in a *corpus* according to phonological and morphological criteria from both the base (base-word) and the product of the process (truncated form). The *corpus* data were used as the basis for the elaboration of an experiment. The experiment consisted of a social questionnaire and three exercises. In the exercises, the participants must produce truncations of words from Portuguese, identify the base of truncated forms and, finally, suggest diminutive forms to truncated words. We intend, with the experiment, to identify possible patterns on truncation process, as well as to investigate the role of morphological and prosodic elements in the process.

As a general objective, this study aims to investigate and to describe truncation process, as well as to understand its operation and the conditions involved in its occurrence. In a more restricted scope, the study aims to investigate the role of word stress and of the number of syllables of the base-word in formation of truncated words; to analyze the behavior of truncated words formed from composed bases and bases with two phonological words; and, finally, to investigate the status of final vowel of truncated words, verifying whether it is more similar to a thematic vowel, a gender morpheme or a derivational suffix.

From the experiment results, we attest that, in general, speakers recognize truncated forms and they use patterns that were described in literature to produce truncated forms from Portuguese words. The majority of truncated words produced in the experiment were dissyllabic, paroxytone and were formed from the two first syllables of the word. Our hypothesis that, in cases of words with autostressed suffixes or composed by two erudite roots, the truncated word would be formed by the prefix or the rightmost root was confirmed. We attest that, in general, there is correspondence between the final vowel of truncated words and the word gender, which seems to be an evidence that the relation between the truncated forms and its base-words is still transparent to the speakers. On the other hand, in cases like *fotinho* and *motinho*, it seems that the base is no longer transparent to the speakers, who recognize *foto* and *moto* as Portuguese words e, therefore, as feminine words that end in o, which are infrequent in the language.

Being this a descriptive study of truncation, we recognize its limitations. To enhance it, collecting more truncation data in different sources would be necessary. It



could also be interesting conducting face-to-face and recorded interviews, in order to do a more accurate investigation of the role of stress in the truncation process. Furthermore, investigating the role of lexical frequency in truncation process could be quite explanatory about the operation of the process. Finally, the descriptive analysis proposed by this study opens the way to an interpretation in the explanatory sphere, considering theoretical perspectives capable of framing the process in grammar.

**Key-words:** Truncation. Non-concatenative processes. Word-formation in Portuguese. Morphophonology.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

<b>Figura 1</b> - Representação da circunscrição do truncamento. Fonte: Gonçalves (2004, p.20).....	28
<b>Figura 2</b> - Esquema de hierarquia de restrições de fidelidade e marcação no truncamento. Fonte: Gonçalves e Vazquez (2004, p. 61).....	30
<b>Figura 3</b> - Representação da inserção de material fonológico à base do truncamento. Fonte: Martini (2010, p. 244) .....	35
<b>Figura 4</b> - Diagrama do processo do truncamento proposto por Scher (2011, p. 73) ...	37
<b>Figura 5</b> - Exemplo do exercício 1 do teste <i>online</i> (imagem retirada da plataforma SurveyMonkey) .....	64
<b>Figura 6</b> - Exemplo do exercício 2 do teste <i>online</i> (imagem retirada da plataforma SurveyMonkey) .....	64
<b>Figura 7</b> - Exemplo do exercício 3 do teste <i>online</i> (imagem retirada da plataforma SurveyMonkey) .....	65
<b>Figura 8</b> - Exemplo do exercício 2 do teste presencial.....	68
<b>Figura 9</b> - Exemplo do exercício 3 do teste presencial.....	69
<b>Quadro 1</b> - Exemplo de organização dos dados do corpus desse trabalho.....	59
<b>Quadro 2</b> - Dados de truncamento formados a partir de compostos e/ou palavras compostas por duas palavras fonológicas.....	60
<b>Quadro 3</b> - Perfil dos participantes do teste <i>online</i> .....	62
<b>Quadro 4</b> - Perfil dos participantes do teste presencial .....	67

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Teste <i>online</i> : Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade dos truncamentos .....	72
<b>Tabela 2</b> - Teste <i>online</i> : Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade esperada para as palavras-base .....	73
<b>Tabela 3</b> - Teste <i>online</i> : Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas dos truncamentos .....	74
<b>Tabela 4</b> - Teste <i>online</i> : Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para as palavras-base.....	75
<b>Tabela 5</b> - Teste <i>online</i> : Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade das palavras-base .....	77
<b>Tabela 6</b> - Teste <i>online</i> : Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade esperada para os truncamentos .....	78
<b>Tabela 7</b> - Teste <i>online</i> : Proporção do nº de sílabas dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação ao nº de sílabas das palavras-base.....	79
<b>Tabela 8</b> - Teste <i>online</i> : Proporção do nº de sílabas dos truncamentos propostos pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para os truncamentos.....	80
<b>Tabela 9</b> - Teste <i>online</i> : Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero das formas truncadas.....	81
<b>Tabela 10</b> - Teste <i>online</i> : Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação às vogais finais das formas truncadas .....	82
<b>Tabela 11</b> - Teste <i>online</i> : Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero e à vogal final dos truncamentos .....	83
<b>Tabela 12</b> - Teste presencial: Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade dos truncamentos .....	86
<b>Tabela 13</b> - Teste presencial: Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade esperada para as palavras-base .....	87
<b>Tabela 14</b> - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas dos truncamentos .....	88
<b>Tabela 15</b> - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para as palavras-base .....	89

<b>Tabela 16</b> - Teste presencial: Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade das palavras-base .....	91
<b>Tabela 17</b> - Teste presencial: Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade esperada para os truncamentos .....	92
<b>Tabela 18</b> - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação ao nº de sílabas das palavras-base .....	93
<b>Tabela 19</b> - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas dos truncamentos propostos pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para os truncamentos .....	94
<b>Tabela 20</b> - Teste presencial: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero das formas truncadas.....	95
<b>Tabela 21</b> - Teste presencial: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação às vogais finais das formas truncadas .....	96
<b>Tabela 22</b> - Teste presencial: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero e à vogal final dos truncamentos .....	97

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 TRUNCAMENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO .....</b>	<b>17</b>
2.1 Fenômenos não concatenativos em PB.....	17
2.2 Truncamento .....	18
2.2.1 Abordagens tradicionais.....	18
2.2.2 Truncamento e Hipocorização .....	20
2.3 Análises sistemáticas do truncamento em PB.....	23
2.3.1 Araújo (2002) .....	23
2.3.2 Gonçalves (2004) .....	27
2.3.3 Gonçalves e Vazquez (2004).....	29
2.3.4 Vilela, Godoy & Silva (2006) .....	31
2.3.5 Martini (2010) .....	33
2.3.6 Scher (2011) .....	35
2.3.7 Belchor (2014).....	37
2.3.8 Scher (2016) .....	39
<b>3 STATUS DA VOGAL FINAL DE FORMAS TRUNCADAS NO PORTUGUÊS</b>	<b>44</b>
3.1 O nome e os mecanismos de flexão e derivação.....	44
3.1.1 Flexão de gênero .....	44
3.1.2 Vogal temática.....	46
3.1.3 Flexão e Derivação.....	49
3.2 Vogal final das formas truncadas.....	51
3.2.1 Gonçalves (2004) .....	51
3.2.2 Belchor (2009, 2014).....	52
3.2.3 Araújo (2002) .....	52
3.2.4 Vilela, Godoy e Silva (2006).....	53
3.2.4 Santos (2002).....	54
3.2.5 Scher (2016) .....	55
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>58</b>
4.1 Levantamento de dados e composição do <i>corpus</i> .....	58
4.2 Teste <i>online</i> .....	60
4.3 Teste presencial.....	66

4.4 Tratamento e análise dos dados .....	69
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>71</b>
5.1 Teste <i>online</i> .....	71
5.1.1 Exercício 1.....	71
5.1.2 Exercício 2.....	76
5.1.3 Exercício 3.....	81
5.2 Teste presencial.....	85
5.2.1 Exercício 1.....	85
5.2.2 Exercício 2.....	90
5.2.3 Exercício 3.....	94
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>108</b>
Anexo 1 - Teste <i>online</i> .....	108
Anexo 2 - Teste presencial.....	112
Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	118

## 1 INTRODUÇÃO

O truncamento é entendido, assim com outros processos com características semelhantes a ele, como um processo não concatenativo de formação de palavras. Os processos não concatenativos se diferenciam de outros processos de formação de palavras no português, pois não se estruturam a partir do encadeamento de morfemas, como seria o mais esperado para o português, que é uma língua predominantemente aglutinativa e que forma suas palavras através de processos lineares. O truncamento, por sua vez, se caracteriza, de acordo com estudos acerca do fenômeno, pela supressão de segmentos na palavra e, como consequência disso, pela formação de um novo vocábulo que, apesar do seu caráter expressivo, com um sentido pragmático que se diferencia ligeiramente da sua base, ainda mantém uma relação estrutural e de sentido que faz com seja possível a sua identificação com a sua palavra de origem, como vemos nos exemplos a seguir.

- |  |  |
|--|--|
| (1) <i>refrigerante</i> > <i>reFRI</i> | <i>namorado</i> > <i>NAmors</i>                |
| <i>Maracanã</i> > <i>maRAcã</i>        | <i>paranoia</i> > <i>NOIa</i>                  |
| <i>professor</i> > <i>PROfe</i>        | <i>aniversário</i> > <i>aNIver<sup>1</sup></i> |

Os processos não concatenativos, incluindo o truncamento, foram descritos por gramáticas tradicionais e manuais de morfologia como processos idiossincráticos e imprevisíveis. No caso do truncamento, a dificuldade de análise reside no fato de que o processo não se dá apenas pela supressão de afixos ou de alguma outra marca morfológica e, por isso, não se enquadra nas análises mais lineares da língua. Os trabalhos mais recentes sobre o processo (Araujo, 2002; Gonçalves, 2004; Martini, 2010; Belchor, 2014, entre outros) acreditam que a regularidade do truncamento está na integração de primitivos morfológicos com primitivos prosódicos e que os processos não concatenativos seriam resultado de uma morfologia que tem acesso a informações prosódicas, como acento, mora, pé e estrutura silábica.

Partindo dos pressupostos desses trabalhos que acreditam no caráter morfológico da palavra truncada, esse estudo se propõe a fazer uma descrição do processo do truncamento, aliando elementos morfológicos e prosódicos na análise.

---

<sup>1</sup> Para marcar graficamente a sílaba tônica das formas truncadas, a mesma é escrita em caixa alta, como em *reFRI*, em que o acento recai na última sílaba do truncamento [re'fri]. Essa notação será usada ao longo de todo texto.

Como objetivo mais geral, pretendemos investigar e descrever o processo do truncamento no português brasileiro, de modo a compreender o seu funcionamento, bem como as condições que estão implicadas na sua ocorrência, principalmente no que diz respeito ao papel da estrutura morfológica e prosódica envolvidas nesse processo.

Nossos objetivos específicos são os que seguem.

- i) investigar o papel da tonicidade da palavra-base na formação dos truncamentos, verificando se a posição do acento na palavra de origem tem influência na posição do acento na forma truncada;
- ii) investigar se o número de sílabas da palavra-base pode determinar o tamanho da forma truncada. Pretendemos observar se a forma truncada deve, necessariamente, ser menor do que a sua base;
- iii) analisar a formação de truncamentos a partir de bases formadas por dois acentos fonológicos, como palavras com prefixos autoacentuados (*pós-graduação*) e palavras compostas por duas raízes eruditas (*psicologia*), e verificar se, nesses casos, o processo se dá de forma diferente dos demais contextos.<sup>2</sup>
- iv) investigar o *status* da vogal final do truncamento, ou seja, se ela apresenta características que a aproximam mais de uma vogal temática, de uma marca de gênero, de um sufixo derivacional ou ainda se deve ser caracterizada como uma vogal específica do processo do truncamento.

Para alcançar os objetivos acima descritos, foi feito, em um primeiro momento, um levantamento de dados de truncamento em trabalhos anteriores sobre o processo. Esses dados foram organizados em um *corpus* de acordo com critérios morfológicos e fonológicos. A partir dos dados do *corpus*, um experimento foi elaborado. O experimento consistia em exercícios nos quais os participantes deveriam produzir truncamentos, identificar a base de formas truncadas e ainda propor formas diminutivas para alguns truncamentos. Tínhamos, como objetivo, identificar possíveis padrões no processo do truncamento, bem como analisar o papel de elementos morfológicos e prosódicos no processo.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo 2, é feito um levantamento dos diferentes trabalhos acerca do truncamento no português brasileiro.

---

<sup>2</sup> Esse objetivo tem como base a hipótese de que há diferença entre truncamentos que envolvem morfemas (como em *pós* < *pós-graduação* e *psico* < *psicologia*) e truncamentos que ocorrem dentro de uma raiz (como *tranks* < *tranquilo*, por exemplo).



Traçamos um caminho desde as abordagens mais tradicionais de gramáticas e manuais de morfologia, até os estudos mais recentes com diferentes abordagens teóricas e que procuram descrever o truncamento de forma sistemática.

No capítulo 3, discutimos de que forma a literatura define o *status* da vogal final do truncamento. Para tanto, buscamos descrever os diferentes mecanismos da flexão e derivação, como a vogal temática, o sufixo de gênero e os sufixos derivacionais. A partir disso, procuramos compreender de que forma a vogal final das formas truncadas é descrita em diferentes estudos do truncamento em PB.

O quarto capítulo é destinado à descrição da metodologia utilizada nesta pesquisa. Descrevemos como se deu o levantamento dos dados e a organização e composição do *corpus* utilizado no trabalho. Também é feita uma descrição do teste *online* e do teste presencial, de como foi feita a aplicação dos testes e qual o perfil dos participantes, bem como a descrição de como foi feita a análise dos resultados de ambos os testes.

No capítulo 5, os resultados do teste *online* e do teste presencial são apresentados. Aqui, analisamos e discutimos os resultados dos testes e procuramos estabelecer relações entre os nossos resultados e os resultados de estudos anteriores sobre o truncamento. Além da análise quantitativa dos dados, realizamos também uma análise qualitativa, destacando alguns resultados interessantes e que possam contribuir para a discussão sobre o funcionamento do processo.

O capítulo 6 apresenta as nossas considerações finais acerca dos resultados e das discussões levantadas ao longo desse trabalho. Revisamos os nossos principais resultados e apresentamos possíveis desdobramentos futuros.

Por fim, seguem as nossas referências e os anexos do trabalho, nos quais são encontrados exemplares dos testes aplicados e o termo de consentimento livre e esclarecido que foi entregue aos participantes do teste presencial.

## 2 TRUNCAMENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

### 2.1 Fenômenos não concatenativos em PB

O português é uma língua predominantemente aglutinante ou concatenativa, ou seja, caracteriza-se pelo encadeamento de seus morfemas e pela formação de palavras através de processos lineares. Por esse motivo, de acordo com Gonçalves (2004), estudos sobre o português tendem a conceber a Morfologia como “um módulo sintagmaticamente determinado pelo encadeamento de formativos” (p.10) e o português, de modo geral, se enquadra bem nesse tipo de estudo. Há, no entanto, alguns processos de formação de palavras que envolvem padrões não lineares de formação. Esses processos são denominados como **não concatenativos** pela ausência de encadeamento de elementos na sua formação.

Os processos não concatenativos são descritos como “mal-comportados” por se diferenciarem do padrão linear da maioria dos processos de formação de palavras e por não se ajustarem bem a modelos como o de Item-e-Arranjo e, por isso, são interpretados como irregulares e aleatórios, sem que seja feita uma descrição sistemática desses processos. Essa suposta irregularidade repousa no fato de que, segundo Spencer (1991, p.133 *apud* GONÇALVES, 2004, p.9), tais operações não constituem "morfologia pura, mas morfologia que requer acesso a informações prosódicas", resultado da integração de primitivos morfológicos (radical, afixo) com primitivos prosódicos (mora, pé).

Gonçalves (*op. cit.*) propõe uma divisão dos processos não concatenativos em três grupos: (a) Processos de Afixação Não linear (Reduplicação), (b) de Encurtamento (Truncamento e Hipocorização) e (c) de Fusão (Mesclagem Lexical e Siglagem). Neste trabalho, analisaremos apenas o processo do Truncamento. Nas próximas seções, trataremos das diferentes abordagens do processo do truncamento: como ele é analisado nas gramáticas tradicionais e nos manuais de linguística (subseção 2.2.1); as diferenças e semelhanças entre o truncamento e a hipocorização e como diferentes autores tratam os processos (subseção 2.2.2); e as análises mais recentes acerca do truncamento que procuram descrevê-lo de forma sistemática, com base em diferentes teorias (subseção 2.2.3).

## 2.2 Truncamento

### 2.2.1 Abordagens tradicionais

Nas gramáticas tradicionais, não há uma descrição mais sistemática do truncamento e de como é o seu funcionamento. Não há tampouco critérios para distinguir o truncamento de outros processos semelhantes a ele e, por isso, ele é geralmente descrito junto ao processo de abreviação. Essas descrições apresentam apenas uma lista de dados e lhes dão uma denominação.

Cunha e Cintra (1985) tratam de compostos greco-latinos que sofrem um processo de encurtamento, como em *auto* < *automóvel*, *foto* < *fotografia*, *moto* < *motocicleta*, *pneu* < *pneumático*, *quilo* < *quilograma*, etc. Os autores denominam o processo como *Abreviação vocabular* e afirmam que o mesmo não prejudica a compreensão, pois a forma abreviada assume o sentido da forma plena. Os autores dão como justificativa para a ocorrência do processo a ideia da economia linguística, pois afirmam que “economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje” e que isso seria consequência do ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias, que nos obriga a uma “elocução mais rápida” (CUNHA E CINTRA, 1985, p.114).

Bechara (2006) também denomina o truncamento como abreviação e a define, de forma muito breve, como o “emprego de uma parte da palavra pelo todo” (p.309). O autor cita poucos exemplos como *extra* para *extraordinário* ou *extrafino*, e *foto* para *fotografia*. Afirma ainda que o processo é comum tanto na fala coloquial, quanto na linguagem cuidada, por “brevidade de expressão”. O autor define como um caso especial da abreviação o processo de criação de palavra através da leitura das letras que compõem siglas, processo que Gonçalves (2004) denomina de Siglagem.

As definições de Cunha & Cintra e Bechara se assemelham ao denominar o truncamento como *abreviação* e por usarem da economia linguística como justificativa para sua ocorrência. No entanto, nenhum dos gramáticos dedicou-se a uma análise mais precisa e sistemática do processo, nem se preocupou em descrever seu funcionamento.

Nos manuais de linguística, os autores fazem uma diferenciação mais acurada dos processos de encurtamento, separando truncamento de processos como acronímia e abreviação, por exemplo. No entanto, esses estudos ainda carecem de um olhar mais preciso para o funcionamento desses processos, visto que eles são ainda descritos como imprevisíveis.

Basilio (1991) trata de alguns exemplos de formas truncadas como *portuga* < *português*, *boteco* < *botequim*, *delega* < *delegado*, etc., e afirma que são resultado de um processo de encurtamento que a autora chama de *redução* ou *abreviação*. Apesar de mencionar essas formas truncadas, a autora afirma que, na maioria dos casos, a parte a ser suprimida é imprevisível e, por isso, o processo é considerado assistemático.

Basilio vê alguma regularidade em truncamentos advindos de bases compostas, como em *mini* < *minissaia*, *micro* < *microcomputador* e *vídeo* < *videocassete*, por exemplo, pois a redução nessas formas se dá pelos constituintes da composição. A autora afirma, ainda, que, em relação à semântica, a palavra truncada é sinônima da matriz e é usada, geralmente, em um estilo mais coloquial.

De forma semelhante à Basilio, Sandmann (1992) distingue dois tipos de abreviação: palavras do tipo *cerva* e palavras do tipo *maxi*. No grupo de palavras do tipo *maxi*, há uma certa regularidade no processo de encurtamento, pois a estrutura da palavra complexa é levada em consideração, como ocorre em *maxi* que pode ser abreviação para *maxissaia* ou *maxidesvalorização*. Já no primeiro grupo, formado por palavras do tipo *cerva*, o autor não vê a mesma regularidade, pois no caso de *cerveja*, por exemplo, não há, sincronicamente, mais de uma palavra. Por esse motivo, a abreviação *cerva* é considerada arbitrária pelo autor.

Villalva (2007) trata do truncamento em um capítulo intitulado “Processos não morfológicos na Formação de Palavras”. Neste capítulo, a autora afirma que tratará de fenômenos que não são do domínio da morfologia, mas produto da criatividade dos falantes. Diferentemente de alguns autores, Villalva faz uma diferenciação dos processos de truncamento, acronímia e formação de siglas e abreviaturas.

Em relação ao processo de truncamento a autora afirma que

(...) é um processo de redução de uma palavra, que elimina uma sequência, geralmente no final da palavra, e pode associar à sequência truncada um índice temático geralmente distinto do índice temático da base, sendo imprevisivelmente *-a* ou *-o*.

(VILLALVA, 2007, p.50)

A autora afirma que, de um modo geral, as formas truncadas são masculinas e não admitem contraste de gênero. Quando admitem esse contraste, ele é feito sintaticamente (*um comuna* / *uma comuna*). Ou, ainda, o truncamento preserva o valor de gênero da forma de base (*um heli(cóptero)* / *uma expo(sição)*). Villalva percebe alguma regularidade em formas como *foto* < *fotografia*, *metro* < *metropolitano*, pois, nesses

casos, “o truncamento parece reconhecer a estrutura de uma composição morfológica, preservando o primeiro radical (que é geralmente um radical neoclássico) e a vogal de ligação.” (p. 51). Por fim, a autora apresenta ainda alguns exemplos de hipocorísticos que, de acordo com ela, são formados por truncamento, como *Quim* < *Joaquim*, *Nando* < *Fernando*, por exemplo.

Apesar de os autores dos manuais de morfologia admitirem que há alguma regularidade em formas truncadas derivadas de compostos, como *foto* < *fotografia* e *mini* < *minissaia*, não há grande inovação em relação às gramáticas tradicionais na descrição do truncamento. Os autores ainda veem processos como o truncamento, a siglagem e a hipocorização como processos marginais e reduzem sua explicação à lei do menor esforço. Não há uma análise formal destes processos.

## 2.2.2 Truncamento e Hipocorização

Para fins de análise, delimitamos o foco deste trabalho e nos deteremos, apenas, no processo do truncamento. No entanto, reconhecemos que há diversas discussões a respeito das diferenças e semelhanças entre as formas truncadas e os hipocorísticos. Alguns autores entendem que, apesar de semelhantes, os processos apresentam características distintas suficientes para serem compreendidos como processos diferentes. Outros autores acreditam que se trata do mesmo processo e que um possa apenas ser um subgrupo do outro. Por esse motivo, faremos uma breve revisão de dois trabalhos – Gonçalves (2004) e Martini (2010) – que apresentam diferentes interpretações para os processos de truncamento e hipocorização.

Gonçalves (2004, p.18) entende que o truncamento e a hipocorização não podem ser compreendidos como o mesmo processo e apresenta quatro diferenças entre os processos que justificam essa divisão: (a) a (não) formação de palavras mínimas, (b) a (não) superficialização de estruturas marcadas, (c) a (não) existência de afixo de redução e, por fim, (d) o tipo de circunscrição utilizado no processo (positiva ou negativa).

A primeira diferença diz respeito à formação de palavras mínimas. O autor afirma que a hipocorização forma sempre uma palavra mínima da língua, pois nunca extrapola o limite de duas sílabas. Por outro lado, o truncamento tende a formar trissílabos. A hipocorização respeita condições de boa-formação silábica, pois privilegia estruturas silábicas menos complexas, como sílabas destravadas, *onsets* simples e sempre

preenchidos, ou seja, as sílabas não se iniciam por vogais, como é exemplificado nos hipocorísticos abaixo.

(2)	Francisco > Chico	Alexandre > Xánde	Mariana > Nána
	Roberto > Beto	Euclides > Kide	Joelma > Mélma
	Augusto > Guto	Gertrudes > Túde	Eduardo > Dado

Fonte: Gonçalves (2004)

O truncamento, pelo contrário, não segue necessariamente essas condições, não impede a presença de *onsets* complexos e não forma necessariamente pés binários e sílabas abertas. Por esse motivo, o autor afirma que o Truncamento privilegia a Fidelidade sobre a Marcação. As restrições de marcação estão organizadas em um *continuum* que ranqueia as propriedades da linguagem que são completamente não marcadas, isto é, comuns a todas as línguas, até propriedades bastante restritas. O *onset* complexo, citado acima, é uma propriedade que está na parte mais restrita do *continuum* e, por isso, é mais marcada no português. As restrições de fidelidade, por sua vez, exigem a manutenção no *output* das propriedades presentes no *input* (SCHWINDT, 2005, p.267). Tendo isso em vista, o truncamento, por privilegiar Fidelidade sobre Marcação, tem como preferência a maior semelhança com a base ao invés de estruturas mais simples e menos marcadas na língua. Por isso, as formas truncadas são mais fiéis à base, preservando uma sequência da palavra-matriz, mesmo que isso implique em preservar estruturas silábicas mais marcadas, como o *onset* complexo.

Quando o autor se refere à existência de afixo na redução, está se referindo à vogal que é inserida no processo do truncamento, como em *salafrário* > *salafra*, *flagrante* > *flagra* e *estrangeiro* > *estranja*. Nos hipocorísticos, essa afixação da vogal -a não ocorre e essa é, de acordo com o autor, uma diferença bastante considerável entre os dois processos.

A última diferença citada por Gonçalves diz respeito ao tipo de circunscrição. De acordo com o autor, a circunscrição utilizada na hipocorização é positiva, ou seja, a sequência mapeada é a utilizada na forma resultante. No truncamento, ao contrário, a circunscrição utilizada é negativa, fazendo com que a sequência mapeada seja descartada para, então, ser adjungido o sufixo -a.

Diferentemente de Gonçalves, Martini (2010) entende que truncamentos e hipocorísticos constituem o mesmo fenômeno no português brasileiro. A autora afirma

que tanto o truncamento quanto a hipocorização não formam palavras mínimas na língua, pois a autora encontra dados de hipocorísticos trissílabos como *Carola* < *Carolina*, *Samuca* < *Samuel*, *Maneco* < *Manuel*. Esses exemplos seguem o mesmo padrão dos truncamentos trissilábicos, pois em ambos há a inserção de material fonológico (não necessariamente -a) na margem direita.

Gonçalves afirma que o truncamento é cego à pauta acentual; no entanto, Martini contesta essa informação e afirma que essa relação irá depender da ancoragem em relação à forma de base: “se a forma truncada estiver ancorada à esquerda da palavra-matriz, o Truncamento será insensível ao acento principal da forma de base; entretanto, se a forma truncada estiver ancorada à direita da palavra-matriz, o Truncamento será sensível ao acento principal da forma de base.” (MARTINI, 2010, p. 188).

<p>(3) <b>Truncamento ancorado à esquerda</b>  <b>insensível ao acento</b>  cerveja &gt; CERva  professor &gt; PROfe</p>	<p><b>Truncamento ancorado à direita</b>  <b>sensível ao acento</b>  Flamengo &gt; MENgo  amor &gt; MOR</p>
--	---

Martini critica a abrangência da análise de Gonçalves, que trata apenas de formas truncadas que sofrem a inserção de -a. Por esse motivo, a autora questiona a afirmação de Gonçalves de que os truncamentos serão sempre paroxítonos e afirma que há também formas oxítonas, como ocorre nos hipocorísticos. A restrição da análise de Gonçalves também é problemática no que diz respeito à definição do tipo de circunscrição que ocorre no truncamento. Gonçalves afirma que a circunscrição é negativa, no entanto, Martini afirma que essa análise abrange apenas os truncamentos trissilábicos com inserção de -a. Por isso, propõe que, da mesma forma que na hipocorização, a circunscrição é positiva no truncamento, pois tanto nos truncamentos com corte à esquerda quanto naqueles com corte à direita, o material aproveitado é aquele que é mapeado pela circunscrição.

Como dito anteriormente, estamos cientes desta discussão a respeito dos processos de truncamento e hipocorização. No entanto, neste trabalho, delimitaremos a nossa análise apenas às formas em que o truncamento não envolve hipocorização e não serão feitas comparações com dados de hipocorísticos, nem tampouco uma reflexão mais aprofundada a respeito das diferenças e semelhanças dos processos.

## 2.3 Análises sistemáticas do truncamento em PB

### 2.3.1 Araújo (2002)

Araújo (2002) realiza uma investigação sobre os fenômenos de truncamento e reduplicação. O autor define o truncamento como o processo pelo qual uma palavra é reduzida sem perda de valor semântico.

Araújo destaca que os principais processos morfológicos do português são concatenativos. Entretanto, há outros processos morfológicos que, apesar de marginais, também são produtivos em português. Esses processos são chamados pelo autor de morfologias não lineares ou não concatenativas e se caracterizam pela ausência de encadeamento. No truncamento, o encadeamento é substituído por supressão de elementos na palavra. Em outros processos não lineares há também a cópia total ou parcial da base (reduplicação), sobreposição ou amálgama (*blending* ou *portmanteaux*), acronímia (siglas), entre outros.

No que diz respeito ao truncamento, o autor afirma que o processo se caracteriza pela “redução de uma palavra-matriz sem perda de valor semântico” (ARAÚJO, 2002, p. 64). Essa redução gera a perda de material segmental no limite direito da palavra. Uma exigência para a aplicação do truncamento é que a palavra-matriz deva ter no mínimo três sílabas. Outra característica importante do truncamento, destacada pelo autor, é a de que a forma truncada e a palavra-matriz devem ser semântica e pragmaticamente intercambiáveis, ou seja, que não haja perda ou mudança de sentido na troca de uma forma pela outra. Há análises como a de Martini (2010) que vão de encontro a essa afirmação de Araújo, pois acreditam que, apesar de não haver mudança semântica na troca da palavra-matriz pela forma truncada, há uma mudança no sentido pragmático (cf. seção 2.3.5).



(4) *cerveja* → *cerva*

Vou comprar uma *cerveja*.

Vou comprar uma *cérva*.

*refrigerante* → *refrí*

O preço do *refrigerante* aumentou de novo.

O preço do *refrí* aumentou de novo.<sup>3</sup>

(ARAÚJO, 2002, p. 65)

Nos exemplos em (4) não há perda de sentido na troca da palavra-matriz pela forma truncada, pelo menos no que diz respeito à semântica. Essa definição permite identificar casos do que Araújo chama de *pseudotruncamentos*. Um exemplo de pseudotruncamento seria o da forma *deprê*, que poderia ser derivada de *depressão*, *deprimido(a)* ou *depressivo(a)*. Nesse caso, portanto, o falante seria incapaz de rastrear a palavra-matriz que gerou a forma *deprê*, pois essa forma permite que mais de uma palavra-matriz seja a base. O tratamento de *deprê* como pseudotruncamento é posteriormente questionado por Vilela, Godoy e Silva (2006), como veremos ainda nesse capítulo.

O autor considera, ainda, como prováveis pseudotruncamentos, as formas derivadas de afixos cultos de origem greco-latina, germânica, etc., ou de palavras com estrutura semelhante à composição por afixos.

minissaia, minidicionário, etc.	míni
microcomputador, microscópio, etc.	micro
fotografia, fotocélula, etc.	foto
gastrologia, gastrocentro, etc.	gástro
eletrocardiograma, eletrodoméstico, etc.	elétro

(ARAÚJO, 2002, p. 66)

Nos casos apresentados nos exemplos acima, a palavra-matriz é recuperável contextualmente, segundo o autor. Em um exemplo como *eletro*, a palavra de origem é identificável no contexto de uso e a forma truncada é usada metonimicamente.

---

<sup>3</sup> A notação aqui utilizada para demarcar o acento do truncamento é a notação do próprio autor (ARAÚJO, 2002), que faz uso do acento gráfico para demarcar a sílaba tônica da forma truncada (ex. *refrí*, *deprê*)

Essa falta de delimitação precisa entre o truncamento e os pseudotruncamentos tem gerado análises equivocadas do fenômeno, segundo Araújo. Por esse motivo, o truncamento tem sido tratado pela literatura como aleatório e imprevisível. Neste trabalho, o autor propõe uma descrição do truncamento que evidencia a previsibilidade e regularidade do processo, mostrando que o truncamento obedece a mecanismos possíveis de formação de palavras da língua.

A regularidade do truncamento está, primeiramente, no fato de que há sempre uma redução de uma palavra-matriz (com no mínimo três sílabas<sup>4</sup>) para uma palavra truncada, que geralmente é formada por duas sílabas. Essa redução privilegia um dos limites da palavra-matriz. Já a posição do acento no truncamento é variada e exige uma análise mais cuidadosa. Observemos os exemplos a seguir.

- (5) a. *cerveja* → *cérva*  
       *neurose* → *nêura*  
       *flagrante* → *flágra*  
   b. *professor* → *prófi*  
       *bijuteria* → *bijú*  
       *refrigerante* → *refrí*

(ARAÚJO, 2002, p. 68)

No grupo (5a) estão palavras-matriz com três sílabas e acento na penúltima sílaba, o que implica que a palavra-matriz não possui acento secundário. Nesses casos, formam-se, invariavelmente, formas truncadas com duas sílabas e paroxítonas. No grupo (5b) estão as palavras com três sílabas ou mais e acento secundário. Nesses casos, o acento da forma truncada recairá na sílaba que carregava o acento secundário da palavra-matriz. No entanto, a questão do acento secundário em PB é complexa. Alguns autores, como Abaurre et al. (1997), sugerem que a distribuição do acento secundário é essencialmente rítmica. Araújo considera que, além da função rítmica, a gramática faz uso do acento secundário na formação de truncamentos. Uma evidência disto seria a variação dialetal que implica em diferenças na acentuação das formas truncadas. Na variante paulista, por exemplo, usa-se a forma truncada *éxpo*, para exposição; já na variante paraense, *expô* é uma palavra oxítona. O autor acredita que isso se deva a diferença da posição do acento

---

<sup>4</sup> Nossos dados apontam para truncamentos a partir de palavras com duas sílabas como em *chinês* > *china*.

secundário na palavra *exposição* em cada um dos dialetos (*èxposição* no dialeto paulista; *expòsição* no dialeto paraense).

A importância do acento secundário é vista também na diferença entre as formas truncadas *prófi* e *profí*, derivadas respectivamente de *professor* e *profissional*. Em *professor*, o acento secundário recai na sílaba na primeira sílaba da palavra, por isso, forma o truncamento paroxítono *prófi*. Já em *profissional*, o acento secundário está na segunda sílaba, formando o truncamento oxítono *profí*.

A partir dessa descrição, Araújo propõe uma série de condições que precisam se aplicar para que o truncamento ocorra. As condições são as que seguem.

- (6) (i) a palavra-matriz deve ter três ou mais sílabas;
- (ii) contando-se da esquerda para a direita, selecionam-se as duas primeiras sílabas da palavra e eliminam-se as restantes:  $\sigma_1 \sigma_2 \sigma_3 \sigma_4 \sigma_5 \sigma_6 \dots \rightarrow \sigma_1 \sigma_2$ ;
- (iii) as condições fonotáticas da língua devem ser respeitadas;
- (iv) o acento deve ser atribuído à sílaba que guardava acento secundário na palavra-matriz. Se não houver acento secundário, acentua-se a penúltima sílaba.

Existem, ainda, embora menos comuns do que os truncamentos dissilábicos, uma segunda classe de truncamentos que engloba formas truncadas trissilábicas, como em *delegado* > *deléga*, *português* > *portúga*. Essas formas, segundo Araújo, são paroxítonas e tendem a manter a raiz da palavra-matriz. Essas formas trissilábicas podem surgir, segundo o autor, da necessidade de se manter a especificação lexical nas formas truncadas. É preciso garantir a fidelidade da forma truncada ao conteúdo lexical da palavra-matriz, mesmo que isso viole a condição (6ii).

A epêntese que surge nessas formas truncadas trissilábicas (*portuga*) tem a função de impedir formações com codas proibidas no português (\*portug) (cf. seção 3.2.3). O autor traz, ainda, dados de truncamentos com sílabas finais terminadas em codas possíveis (R, S, L, N), mas que, mesmo assim, sofrem apagamento da coda final, como em *retardado* > *rêta* e *pervertida* > *pérva*. A análise dos dados, portanto, leva Araújo a concluir que a tendência geral do truncamento é formar uma palavra dissilábica com sílaba final aberta, bem como a manutenção de estruturas prosódicas alinhadas à direita na palavra-base.

### 2.3.2 Gonçalves (2004)

Para realizar uma análise dos processos não concatenativos da morfologia portuguesa, incluindo o truncamento, Gonçalves utiliza a teoria da Morfologia Prosódica (McCARTHY, PRINCE, 1990). Além de fazer uma descrição de como se dão esses processos, o autor procura analisar também o caráter semântico dessas formas em nossa língua.

No que diz respeito ao truncamento, o autor afirma que esse processo pode ser concebido como “recurso morfológico de natureza expressiva”, isto é, através das formas truncadas, o locutor imprime sua marca ao enunciado, há um impacto pragmático em relação ao enunciado e aos participantes da enunciação. Gonçalves chega à conclusão de que o truncamento não apresenta função lexical, pois não há um distanciamento entre o significado da palavra-matriz e da palavra truncada. São exemplos de truncamento as formas em (7).

(7) delega (delegado)	salafra (salafrário)	Maraca (Maracanã)
sapa (sapatão)	analfa (analfabeto)	estranja (estrangeiro)
cerva (cerveja)	gurja (gorjeta)	vagaba (vagabunda)

(GONÇALVES, 2004, p.13)

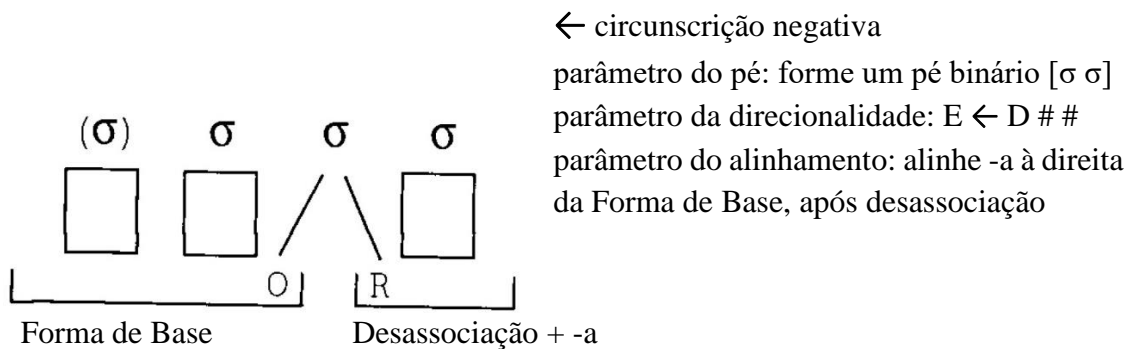
Em relação à semântica do truncamento, o autor afirma que as formas truncadas são responsáveis pela expressão do pejorativo, que revelam o ponto de vista do falante e chamam a atenção para uma avaliação negativa do falante sobre o que diz. Essa expressão do pejorativo pode se aplicar a alguns dados de truncamento, como em *chinês* > *china*, *japonês* > *japa*, *travesti* > *trava*. No entanto, encontramos dados nos quais não parece haver uma avaliação negativa por parte do falante, como em *responsabilidade* > *responsa*, *satisfação* > *satisfa*, *confiança* > *confa*, por exemplo.

Quanto à forma, o autor verifica que o truncamento reproduz parte da base, mas também há o acréscimo de uma vogal que nem sempre está presente na palavra-matriz. Por esse motivo, o truncamento pode ser considerado um processo “simultaneamente não concatenativo (cópia) e aglutinativo (acréscimo de vogal final)” (GONÇALVES, 2004, p. 14).

Gonçalves coloca os processos de truncamento e hipocorização em um mesmo grupo que denomina de “Processo de Encurtamento”. Apesar disso, o autor afirma que os dois processos são bastante diferentes um do outro em forma e função e, diferentemente

de outros autores, como Colina (1996) e Piñeros (2000), não considera a hipocorização um tipo de truncamento.

A circunscrição utilizada no truncamento é negativa, ou seja, a sequência mapeada é descartada e, ao que resta, se adjunge um sufixo: a vogal -a, como vê-se na representação abaixo:



Ex.: ba. te. r (is. ta)    +-a = batera  
 ves. ti. b (u. lar)    +-a = vestiba  
 fla. gr(an. te)       +-a = flagra  
 sa. p (a. tão)       +-a = sapa

**Figura 1** - Representação da circunscrição do truncamento. Fonte: Gonçalves (2004, p.20)

Na representação vê-se que a circunscrição mapeia um pé binário da direita para esquerda, deixando apenas o *onset* da penúltima sílaba, com o qual se adjunge a vogal -a. A parte mapeada é descartada e o que é preservado é o material restante à esquerda do material descartado.

Através de uma análise que propõe uma interface entre morfologia e fonologia, portanto, Gonçalves propõe uma análise que procura provar a regularidade dos processos não lineares do português, refutando a tese de vários autores de que esses processos são idiossincráticos e aleatórios.

### 2.3.3 Gonçalves e Vazquez (2004)

Gonçalves e Vazquez (2004) analisam o fenômeno do truncamento a partir da Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), uma subteoria da teoria da Otimidade que trata de fenômenos de interface fonologia-morfologia, e propõe um alargamento da noção clássica de fidelidade. A Teoria da Correspondência trata não somente da relação de fidelidade do tipo *input-output* (I-O), mas também da relação entre *outputs* (O-O), permitindo, dessa forma, de acordo com Gonçalves (2009, p.217), diferenciar operações morfológicas de processos puramente fonológicos, pois “as primeiras podem atuar numa dimensão de correspondência O-O, enquanto os últimos se restringem à dimensão I-O”.

Os autores fazem um levantamento das restrições que atuam no truncamento e as organizam em uma hierarquia. Com base no *corpus* coletado pelos autores, foram estabelecidos quatro tipos de truncamento. O primeiro tipo é o que os autores afirmam ser o mais frequente na língua. Neste tipo, a base da palavra é preservada e se acrescenta uma vogal especificada do truncamento /-a/, como nos exemplos *cafajeste* > *cafa*, *delegado* > *delega*. Esse tipo de truncamento é o foco do trabalho. O segundo tipo é, de acordo com os autores, semelhante ao primeiro, com exceção do acréscimo da vogal /-a/. As palavras cortadas preservam uma vogal que está presente na sua estrutura prosódica, como nos exemplos *depressão* > *deprê*, *refrigerante* > *refri*, *bicicleta* > *bici*. O terceiro tipo engloba formas nas quais o corte é feito em uma consoante. Temos dois subgrupos: com epêntese e sem epêntese. O grupo no qual ocorre a epêntese é aquele em que o corte acontece em uma consoante oclusiva, como em *trabalho* > *trab(i)*, *bobeira* > *bob(i)*. A epêntese não ocorre se o encurtamento se dá em uma consoante licenciada para coda, como as líquidas e as vibrantes, como nos exemplos *Fortaleza* > *Fortal*, *aniversário* > *niver*.

Por fim, o último grupo se caracteriza por preservar o morfema inicial da palavra, que pode ser um radical preso ou um prefixo, como nos exemplos *psicologia* > *psico*, *odontologia* > *odonto*, *pentacampeão* > *penta*.

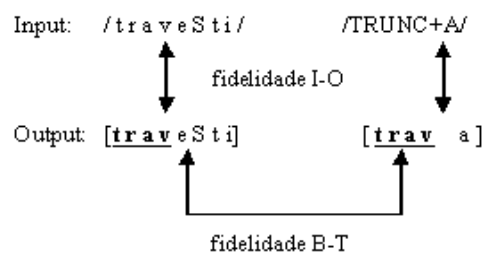
Para ter uma base para a escolha das restrições que atuam no truncamento e para a elaboração da hierarquia, os autores aplicaram um teste de forma a detectar padrões de uso geral e variáveis para as formas truncadas. Os participantes tiveram que recuperar o significado de palavras truncadas, encurtar palavras polissílabas que lhe foram

apresentadas e escolher, dentre diferentes contextos, os mais adequados para o uso de formas truncadas.

A partir dos resultados desse teste, os autores propuseram uma hierarquia genérica para o fenômeno do truncamento, na qual as restrições de fidelidade aparecem em dois lugares diferentes da hierarquia.

### FIDELIDADE > MARCAÇÃO > FIDELIDADE

De acordo com Gonçalves e Vazquez (*op. cit.*), as restrições de fidelidade são de extrema relevância para o truncamento, pois “são elas que vão propiciar ao falante a recuperação da base de uma palavra truncada” (p.61). No esquema a seguir, visualiza-se como se dá essa dupla associação de fidelidade.



**Figura 2** - Esquema de hierarquia de restrições de fidelidade e marcação no truncamento.  
Fonte: Gonçalves e Vazquez (2004, p. 61)

Como se vê no esquema, na posição hierárquica mais alta estão as restrições de fidelidade I-O (*input-output*), e, na mais baixa, as de fidelidade O-O (*output-output*). No primeiro nível de fidelidade, temos, no *input*, somente a vogal /-a/ como elemento plenamente especificado. O morfema /TRUNC/ não possui material fônico, é um morfema vazio. A restrição MAX-IO é violada, portanto, quando a vogal /a/ não estiver presente no *output*. O segundo nível de fidelidade é base-truncamento. Neste nível, a restrição MAX-BT será violada toda vez que algum segmento da base for apagado. Os autores propõem a seguinte hierarquia para as restrições:

MAX-IO >> ALIN-B, esq, T, esq >> TODO-PÉ (D) >> TROQ >> ONSET >> MAX-BT >> ANAL-s

De acordo com os autores, a restrição MAX-BT, apesar de ocupar uma posição baixa na hierarquia, será, quase sempre, responsável pela escolha do candidato ótimo, que será aquele que violar menos essa restrição. Isto confirma que o truncamento é um

processo que prioriza fidelidade em detrimento de marcação, pois é importante que o falante possa recuperar a base de uma forma truncada.

#### 2.3.4 Vilela, Godoy & Silva (2006)

Vilela, Godoy & Silva (2006) realizam um estudo sobre o truncamento e propõem oferecer uma descrição mais refinada do processo, visto que, segundo as autoras, são poucos os estudos sobre o fenômeno e tais estudos divergem quanto à conceituação e à nomenclatura, “ora misturando processos distintos, ora baseando-se em poucos dados para construir suas generalizações” (p.151). Além de avaliarem o tratamento do truncamento por abordagens tradicionais de diferentes gramáticas e manuais de morfologia, as autoras apresentam as propostas de análise de Gonçalves (1999) e Araújo (2002) e, a partir dessas, apresentam sua própria análise.

Com o objetivo de testar as generalizações apresentadas por Gonçalves (1999) e Araújo (2002) e avaliar suas propostas para o truncamento, as autoras realizaram um experimento com 59 alunos da Faculdade de Letras da UFMG e, à luz desses dados, propõem uma análise que se diferencia um pouco das análises de Gonçalves e Araújo. A primeira crítica ao trabalho dos autores diz respeito à representatividade dos dados utilizados nas análises: os trabalhos de Gonçalves (1999) e Araújo (2002) apresentam poucos dados e isso poderia comprometer de alguma forma a análise. Com o experimento, Vilela, Godoy & Silva conseguiram coletar um *corpus* de 152 palavras.

Os dados das autoras põem em questão a assertiva de Gonçalves (1999) de que haveria sempre a inserção de uma vogal final -a no truncamento. Isso parece ser tendência em truncamentos trissílabos. No entanto, em truncamentos dissílabos há quase 50% de contra-exemplos à generalização de Gonçalves. As palavras truncadas podem terminar em uma vogal já presente na palavra-matriz, como é o caso de *profissional* > *profi* e *faculdade* > *facu*.

Em relação ao local de corte na palavra-matriz, Araújo (2002) afirma que a perda de material segmental se dá sempre no limite direito da palavra. No entanto, as autoras atestaram em seus dados casos em que o corte ocorreu no limite esquerdo da palavra (*paranoia* > *noia*; *cachaça* > *chaça*; *professor* > *fessô*). Nesses casos, é interessante notar que o acento da palavra-matriz é preservado na palavra truncada. Araújo (2002) afirma ainda que a tendência é que a palavra truncada seja dissílaba, apesar de reconhecer que casos de truncamentos trissilábicos são possíveis. As autoras observam que há um número



bastante expressivo de casos de truncamentos trissilábicos e, portanto, esse tipo de formação deve ser considerado nas análises.

Outra questão discutida pelas autoras é a condição que Araújo (2002) coloca como necessária à legitimidade do truncamento que exige que a palavra-matriz seja sempre rastreável. Sob essa condição, *deprê* não poderia ser considerado um truncamento por poder corresponder tanto a *depressão* quanto a *deprimido*. As autoras, no entanto, afirmam que esse tipo de truncamento é facilmente rastreável em seu contexto semântico-pragmático e propõe que, nesses casos, não é o truncamento que apresenta duas palavras-matriz, mas sim há duas (ou mais) palavras-matriz diferentes que geram truncamentos homônimos. Por esse motivo, palavras como *deprê* não devem ser excluídas do grupo dos truncamentos.

No que diz respeito à semântica da palavra truncada, as autoras vão de encontro à asserção de Gonçalves (1999) de que o truncamento sempre expressa um tom pejorativo. Os dados parecem mostrar que também há, nas formações truncadas, um tom jocoso, de zombaria, bem como de afetividade e familiaridade. As autoras ressaltam a importância de que estudos futuros levem em consideração não só os aspectos fonológico e morfológico do fenômeno, mas também a relação entre forma e significado das formas truncadas.

Como dito anteriormente, as autoras fazem uma distinção entre truncamento e redução vocabular. A redução vocabular seria um fenômeno apenas morfológico, e não morfofonológico como o truncamento. O local de corte na palavra que sofre a redução é um limite morfológico e as palavras-matriz da redução são palavras compostas. Portanto, o limite para o corte é o limite dessa composição e a forma resultante é uma das bases da palavra composta, como vemos em *fotografia* [foto+grafia] > *foto*.

Por fim, fazendo uma análise das generalizações feitas por Araújo (2002), as autoras propõem algumas modificações, principalmente no que diz respeito à relação entre acento secundário da palavra-matriz e palavra truncada. No caso de palavras-matriz sem acento secundário, as palavras podem, além de ser trissílabas como afirma Araújo, ser também dissílabas e há uma tendência, e não uma obrigação, a se formarem truncamentos paroxítonos. Para palavras-matriz portadoras de acento secundário, “a tendência é que gerem truncamentos oxítonos, quando esses forem dissílabos (movimento > movi)” (VILELA, GODOY & SILVA, 2006 p. 169). No caso de truncamentos trissilábicos, eles serão sempre paroxítonos e terminarão preferencialmente em -a. As autoras ainda constatam que, em alguns casos, pode haver a inserção de segmentos que não pertenciam

à palavra-matriz, como é o caso de tranquilo > *tranquis*, pirralho > *pirras*. Partindo da proposta da Difusão Lexical (WANG, 1969), as autoras afirmam que os resultados apresentados no trabalho podem “contribuir para uma melhor compreensão do processo de formação de palavras, ou de ampliação do léxico no PB.” (2006, p. 170)<sup>5</sup>.

### 2.3.5 Martini (2010)

Martini (2010) propõe uma análise que integre os processos de Truncamento e Hipocorização, pois, como dito anteriormente neste capítulo, a autora acredita que o truncamento deva ser compreendido como um subgrupo da hipocorização. A análise também não considera formas “que se estruturam com a manutenção integral do morfema à esquerda da forma de base” (p.254), como, por exemplo, *vídeo* < *videocassete*, *odonto* < *odontologia*, *eletro* < *eletrocardiograma*, pois os classifica como processos puramente morfológicos. O processo do truncamento é dividido em cinco padrões e procura-se estabelecer hierarquias de restrições que expliquem a formação de cada um deles.

O primeiro padrão compreende formas que preservam a sílaba mais à esquerda da forma de base e, por isso, a sua formação faz referência apenas à estrutura silábica. Alguns exemplos desse padrão são *bi* < *bilhão*, *Fla* < *Flamengo*, *Lu* < *Luciana*.

O segundo padrão, denominado como Tipo-B, diz respeito a formas que preservam o pé principal da forma de base. O corte ocorre à esquerda da forma de base, como nos exemplos *mor* < *amor*, *Mengo* < *Flamengo*, *Nense* < *Fluminense*. A autora propõe que as principais características desse padrão são: “a coincidência entre a margem esquerda da forma truncada com a margem esquerda da cabeça do pé da forma de base, a coincidência entre a margem direita da base com a margem direita do molde para a formação do Truncamento, a preservação do acento primário da forma de base e o isolamento, da esquerda para a direita, de um troqueu moraico.” (MARTINI, 2010, p. 255).

O terceiro padrão (Tipo-C) engloba formas truncadas insensíveis ao acento da base e nas quais apenas a margem esquerda é relevante, pois o segmento mais à esquerda

---

<sup>5</sup> De acordo com as autoras, a Difusão Lexical propõe que a “produtividade da criação lexical, alinhada à variação inerente a tal processo de criação, sugere uma concepção de léxico como um sistema com plasticidade que se adapta às necessidades dos falantes.” Nesse sentido, as autoras afirmam que os resultados da pesquisa, apesar de preliminares, apontam para o caráter produtivo do léxico e para a sua tendência a seguir os critérios estruturais da língua em questão. Elas acreditam, ainda, na necessidade de estudos que busquem “uma avaliação dinâmica e contextualizada do léxico na organização da linguagem com enfoque no truncamento e na redução vocabular no português brasileiro” (p.170).

da forma truncada deve estar ancorado com o segmento mais à esquerda da forma de base. O corte é feito da esquerda para a direita e a circunscrição delimita um troqueu silábico a partir da margem esquerda da base. Nesse padrão não há mais a exigência de coincidência da margem esquerda da forma truncada com a margem esquerda da cabeça do pé da forma de base, como nas formas do Tipo-B. As formas truncadas do Tipo-C também não levam em conta a pauta acentual da base e são sempre paroxítonas. São exemplos de formas truncadas do Tipo-C *palha* < *palhaço*, *bisa* < *bisavó*, *profe* < *professor*.

Ao quarto padrão, denominado Tipo-D, são aplicadas as mesmas restrições do Tipo-C e, portanto, ele possui as mesmas características do Tipo-C, com exceção do acento, visto que os truncamentos do Tipo-D são sempre oxítonos. São exemplos de formas truncadas do Tipo-D *belê* < *beleza*, *expô* < *exposição*, *refri* < *refrigerante*.

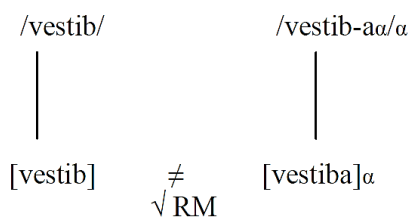
O último padrão (Tipo-E) se diferencia mais dos outros padrões. As formas truncadas podem ser dissilábicas ou trissilábicas e há sempre a inserção de uma vogal final ou sílaba CV que não estava presente na forma de base, como nos exemplos *sarja* < *sargento*, *motora* < *motorista*, *sanduba* < *sanduíche*. Em decorrência disso, de acordo com a autora, foi necessária a inserção da restrição RM na hierarquia, como uma restrição dominante.

#### (8) *Realize Morpheme (RM)*

Dado que  $\alpha$  seja uma forma morfológica,  $\beta$  seja uma categoria morfossintática e  $F(\alpha)$  seja a forma fonológica da qual  $F(\alpha + \beta)$  é derivada para expressar uma categoria morfossintática  $\beta$ . Então, RM será satisfeita em relação à  $\beta$  se, e somente se,  $F(\alpha + \beta) \neq F(\alpha)$  fonologicamente.

(MARTINI, 2010, p. 238)

Portanto, RM é satisfeita se o candidato for não idêntico ao *output* da raiz, enquanto que a restrição é violada se ambas as formas compartilharem exatamente da mesma representação fonológica. A não identidade requerida para a satisfação de RM não está limitada por nenhum desvio fonológico específico da base (MARTINI, 2010, p. 241). Nas formas truncadas do Tipo-E, é necessário inserir RM no ranking de restrições, pois há a inserção de material fonológico à base, que, nesse caso, é o sufixo *-a*, como vemos na figura abaixo.



**Figura 3** - Representação da inserção de material fonológico à base do truncamento. Fonte: Martini (2010, p. 244)

Em um truncamento do Tipo-E, RM é plenamente satisfeita porque, em todo candidato desse tipo, o *output* da raiz não contém nenhum afixo, mas o *output* da forma derivada carrega um segmento sufixal.

### 2.3.6 Scher (2011)

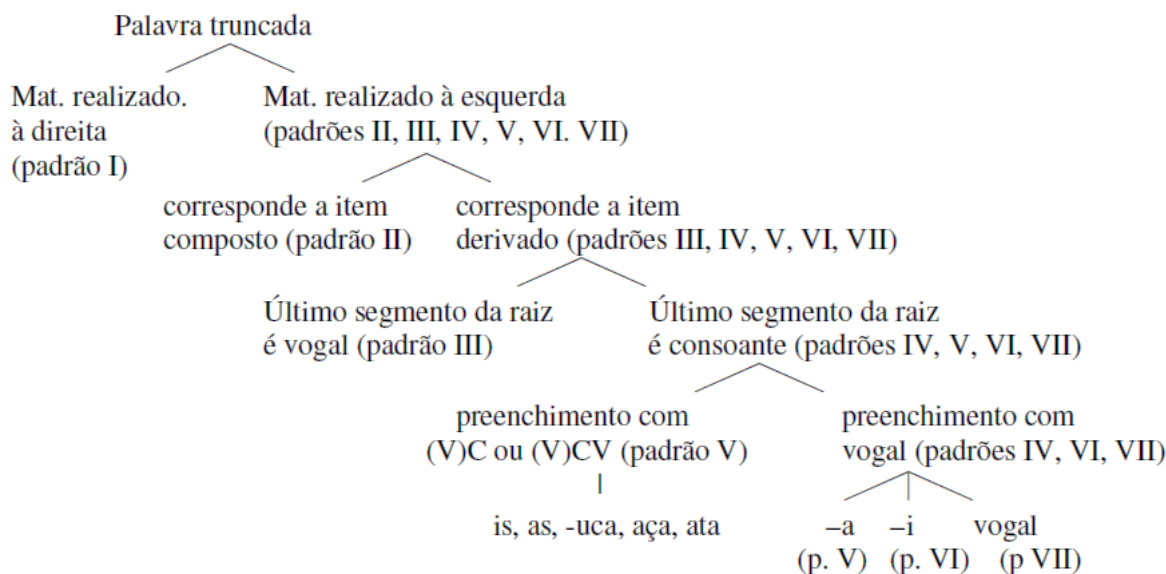
Scher (2011) apresenta uma descrição de alguns dos aspectos formais de formas truncadas do português brasileiro e do espanhol peninsular. O resultado dessa descrição aponta que há sete padrões de formas truncadas nessas línguas. Os dados de truncamento são analisados sob a perspectiva da Morfologia Distribuída (DM) que “não prevê a presença de um léxico gerativo na arquitetura da gramática” e que argumenta “em favor de que os processos de formação de palavras se dão no componente sintático dessa gramática” (*op.cit.* p. 63).

Os sete padrões para o truncamento estabelecidos por Scher serão descritos e exemplificados a seguir.

- (i) **Padrão I:** a forma truncada corresponde a formas composicionais ou derivacionais e realiza apenas sua parte final. (*noia* < *parnoia*; *fessô* < *professor*; *chaça* < *cachaça*).
- (ii) **Padrão II:** forma truncada corresponde a um composto e realiza apenas o morfema inicial (*psico* < *psicologia*; *super* < *supermercado*; *eco* < *ecografia*).
- (iii) **Padrão III:** forma truncada corresponde a uma palavra bimorfêmica e realiza parte da raiz de sua forma correspondente, mantendo uma vogal que está presente na sua estrutura silábica (*deprê* < *depressão*; *preju* < *prejuízo*; *pregui* < *preguiça*).

- (iv) **Padrão IV:** forma truncada corresponde a uma palavra bimorfêmica, ou interpretada como tal pelo falante, e preserva a raiz da palavra correspondente, acrescentando-se a ela a vogal -a (tipo mais frequente em PB) (*salafra* < *salafrário*; *reaça* < *reacionário*; *delega* < *delegado*).
- (v) **Padrão V:** forma truncada corresponde a uma palavra bimorfêmica, ou interpretada como tal pelo falante: raiz, ou parte da raiz da palavra correspondente + sequência (V)C *-(a)s* ou *-(i)s* ou (V)CV *-(u)ca* (*migs* < *amigo*; *mamis* < *mamãe/mãe*; *legas* < *legal*; *feijoca* < *feijoada*).
- (vi) **Padrão VI:** forma truncada preserva a consoante final da raiz. É dividida em dois grupos: com epêntese (consoante final oclusiva: *trab(i)* < *trabalho*; *bob(i)* < *bobeira*; *net(i)* < *internet*); e sem epêntese (consoante final licenciada para coda: *mongol* < *mongoloide*; *fortal* < (*Fortaleza*); *niver* < *aniversário*).
- (vii) **Padrão VII:** a forma truncada corresponde a uma forma derivada. Preserva a raiz até sua consoante final e insere uma vogal, mesmo nos casos em que não há proibição para a coda da sílaba final. (*envase* < *envasamento*; *encaixe* < *encaixamento*; *escape* < *escapamento*; *fabrico* < *fabricação*).

Esses padrões se aplicam no Português Brasileiro bem como no Espanhol Peninsular, com pequenas modificações. A observação dos padrões do truncamento levou a autora a formular novos questionamentos. A autora sugere uma reorganização dos padrões que leva em conta fatores como: (a) se o material que se realiza na forma truncada estava à direita ou à esquerda da representação em sua estrutura subjacente; (b) se a palavra-base era formada por composição ou derivação; (c) se o último segmento da raiz nas formas truncadas é uma vogal ou consoante e se, sendo uma consoante, há inserção de material fonológico; e (d) qual é esse material inserido. Como resposta a essas questões, Scher constrói o diagrama abaixo.



**Figura 4** - Diagrama do processo do truncamento proposto por Scher (2011, p. 73)

Percebe-se, no diagrama, que há semelhanças entre sete os padrões sugeridos por Scher; por esse motivo, a autora sugere que se reduzam os padrões das formas truncadas para três: os padrões I, II e um terceiro padrão que reúna os padrões de III a VII.

A análise dos dados e dos diferentes padrões do truncamento levam a autora a concluir que os padrões devem ser formulados com base em suas propriedades formais e que, entre as propriedades morfológicas, está o fato de que a raiz tem um papel importante na formação de formas truncadas, pois é sempre ela, ou parte importante dela que permanece na forma truncada.

### 2.3.7 Belchor (2014)

Belchor (2014) faz uma análise do truncamento com base nos pressupostos da Morfologia Prosódica Circunscritiva. Os dados utilizados na análise são de um *corpus* coletado, em grande parte, por Gonçalves e Vazquez (2004) e complementado por Belchor (2009). Os dados foram coletados de jornais de grande circulação, como *O Globo* e *Jornal do Brasil*; dicionários eletrônicos, como Aurélio e o dicionário informal ([www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br)); além de dados produzidos em diversas situações de interação entre falantes. Os dados foram divididos em três padrões: ‘refri’, ‘odonto’ e ‘flagra’ e cada um deles é analisado separadamente de acordo com a MP Circunscritiva.

O padrão ‘refri’ engloba as formas truncadas que apresentam estrutura composta pelas duas primeiras sílabas da base e formam um pé iâmbico. Nos termos da MP Circunscritiva, de acordo com a autora, nesses dados, a circunscrição “mapeia as duas primeiras sílabas da palavra-matriz e envia essa informação para o molde, formatado para o posicionamento da cabeça do pé à direita – o que garante a formação de pés iâmbicos e, por conseguinte, de *outputs* oxítonos.” (p. 103).

A circunscrição é positiva nos dados do padrão ‘refri’, ou seja, a porção mapeada é a enviada para o molde. O mapeamento ocorre da esquerda para direita, a partir do início da palavra-matriz, e a instrução determina que sejam circunscritas as duas primeiras sílabas integrais da base. O formato do molde exige que a forma truncada apresente a cabeça do pé à direita, formando, portanto, um pé iâmbico.

No padrão ‘odonto’, a base das palavras truncadas é, em sua maioria, de compostos formados por dois ou mais radicais de origem grega ou latina, como em *fonoaudiologia* e *eletrocardiograma*, ou de um radical adjungido a uma palavra, como em *heterossexual* e *microcomputador*. Há ainda dados que se caracterizam pela presença de um prefixo, como em *pré-vestibular* e *ex-namorado*. Os truncamentos do padrão ‘odonto’ caracterizam-se pela preservação integral do radical situado mais à esquerda da palavra-matriz. Em relação ao formato prosódico, a autora afirma que o molde consiste em um pé trocaico e, por essa razão,

a circunscrição mapeia o primeiro morfema a partir da margem esquerda da base e envia essa informação para o molde, configurando melodicamente como um troqueu moraico do tipo (\* .) no caso dos dados que possuem duas ou mais sílabas (‘últra’; ‘elétro’), ou do tipo (\* ), no caso dos monossílabos (‘êx’; ‘pós’). (BELCHOR, 2014, p. 112)

O terceiro padrão, ‘flagra’, pode ser considerado misto, visto que há um equilíbrio entre a relevância de fatores prosódicos e morfológicos, pois o mapeamento da base delimita o radical, priorizando a informação morfológica na circunscrição, porém, o material circunscrito deve atender a condições prosódicas para formar o *output*. A tonicidade dos *outputs* é, de forma categórica, paroxítona, formando pés trocaicos. Os radicais mapeados são, em sua maioria, terminados em consoantes que não podem ocupar a posição final de um vocábulo, dessa forma, fazendo-se necessário o acréscimo da vogal -a.

Diferentemente de Gonçalves (2004), Belchor propõe que a circunscrição no padrão ‘flagra’ é positiva e ela ocorre da esquerda para a direita, a partir do início da base, como nos outros padrões. A circunscrição mapeia um único morfema da base, no caso, o radical. No entanto, segundo a autora, há alguns casos nos quais o radical não é integralmente aproveitado no *output* e, por isso, devem ser observadas algumas condições que atuam sobre o material resultante da circunscrição. A primeira condição exige que o molde deva ser terminado em consoante para que haja a afixação do marcador -a. Isso faz com que, no caso de radicais terminados em vogal, ela seja suprimida. A segunda condição impõe um limite de três sílabas para o *output*. A terceira condição também tem relação com o tamanho da forma truncada e exige que a parte da base enviada para o molde seja uma sequência que, acrescida do marcador -a, não se torne igual nem maior que a base<sup>6</sup>.

A autora conseguiu cumprir com a sua proposta de descrever todo o seu *corpus* com base na MP Circunscritiva e mostrar que, para os três padrões analisados, há parâmetros de circunscrição e molde que garantem uma grande regularidade no formato morfoprosódico das formas truncadas.

### 2.3.8 Scher (2016)

Scher (2016) analisa o processo do truncamento a partir da Morfologia Distribuída (DM) e propõe que o truncamento pode não ser resultado de um processo que envolve primitivos fonológicos e morfológicos, como propõem os autores apresentados anteriormente, mas que seja um processo morfológico. A autora resgata uma análise concatenativa para o processo do truncamento e tem como foco dois dos padrões analisados por Scher (2011): o Tipo III e o Tipo IV, que estão exemplificados em (9).

(9)	<b>Tipo III</b>	<b>Tipo IV</b>
	sarja – sargento	saudas – saudade
	neura - neurose	vont(i)s – vontade

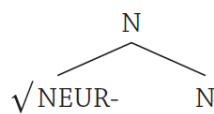
---

<sup>6</sup> Aqui, cabe questionar o que a autora entende como “menor ou igual à base”. Se o tamanho for medido em número de sílabas, há contraexemplos para essa condição proposta por Belchor. Há exemplos de truncamentos como *português* > *portuga*, *chinês* > *china* e *sapatão* > *sapata*, nos quais o número de sílabas da forma truncada se mantém o mesmo da sua base.

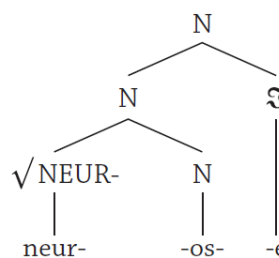


Com base na estrutura de gramática proposta pela DM, a autora afirma que os truncamentos podem ser tratados como derivação de uma raiz, ao invés de algum processo de apagamento de segmento da palavra-matriz. Ela propõe que as formas truncadas são independentemente derivadas por um processo sintático que envolve categorização da raiz, seguido por uma operação morfológica que insere uma vogal temática na derivação. Na sequência, regras de inserção vocabular se aplicam e itens de vocabulário, como morfemas categoriais e sufixos temáticos são aplicados à raiz e a outros nós terminais (p.342). Esse processo é exemplificado nas representações em (10) e (11).

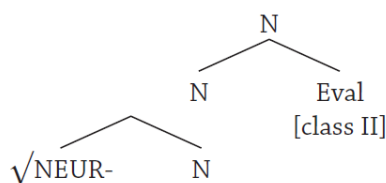
(10) a. syntactic derivation



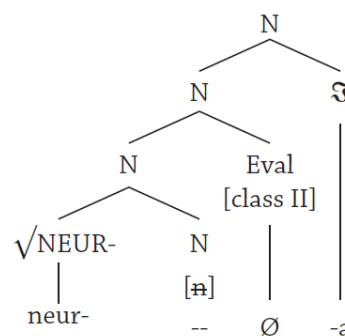
b. morphological derivation



(11) a. syntactic derivation



b. morphological derivation



A formação dos truncamentos de tipos III e IV envolve a presença de [EVAL], como vemos na representação acima. [EVAL] é uma categoria avaliativa que dá o caráter apreciativo às formas truncadas. Em (11b), vemos que o traço [n] é deletado. De acordo com a autora, antes da inserção vocabular, se aplica uma regra de empobrecimento que apaga o traço [n] na presença de [EVAL]. É importante destacar, no entanto, que, quando apagado, [n] já cumpriu seu papel de definir a classe gramatical da palavra que está sendo formada. [n] é apagado na inserção vocabular e, por isso, nenhum item de vocabulário será inserido na cabeça N. [EVAL] é preenchido por um item de vocabulário nulo e √ é preenchido por morfemas de classe (ALCÂNTARA, 2010), como vemos em (12c).

- (12) a. [-os] → [n]  
 b. ∅ → [EVAL]  
 c. [-o] → [classe I]  
     [-a] → [classe II]  
     [-e] → [classe III]

Em palavras monomorfêmicas como *cerveja* e *pijama*, para as quais poderia não parecer possível a formação de truncamentos, a autora propõe que uma **reanálise** ocorra para que os truncamentos *cerva* e *pija* surjam. Dentro dessa perspectiva, os falantes reanalisam palavras como *cerveja*, *pijama*, *fortuna* e *vestibular* como formas bimorfêmicas ou ainda multimorfêmicas (*cerv-*ej*-a*, *pij-am-a*, *fort-un-a* e *ves-tib-ul-ar*). Apesar de não serem considerados morfemas, as formas *-ej-*, *-am-*, *-un-*, *-ul-* e *-ar-* são vistas como tal pelos falantes. A evidência para isso estaria em outras palavras que também possuem essas formas, como *sertaneja* e *dinheirama*.

Por fim, a autora discute em qual das classes morfêmicas formais propostas por Alcântara (2010) *-as* e *-is*, que são acrescentadas a truncamentos como *bermas* e *tranquis*, se encaixariam. Como primeira hipótese, a autora propõe que essas formas façam parte da Classe II, que abrange as palavras terminadas em *a*, tanto femininas quanto masculinas, e que, portanto, *-as* e *-is* seriam alomorfes de *a*. De acordo com a autora, essa hipótese se sustenta no fato de que, apesar de ser foneticamente nulo, [EVAL] contém traços idiossincráticos da classe II, que vão exigir a inserção de itens de vocabulário dessa classe no morfema abstrato, que irá corresponder ao sufixo temático na estrutura do truncamento (3). Seria natural, portanto, com a inserção de [EVAL], que tanto o *a* quanto *-as* e *-is* fossem inseridos na palavra.

Apesar de essa ser uma hipótese que parece bastante consistente, Scher ainda considera uma discussão levantada por Alcântara (2003) na sua análise. Nesse trabalho, Alcântara propõe uma nova classe – Classe V –, que engloba palavras como *oásis*, *vírus* e *brócolis*. Essas palavras têm a mesma forma para o singular e o plural e não necessitam do acréscimo de *e* para a formação do plural, como ocorre em *capuz-capuzes*. Os truncamentos terminados em *-as* e *-is* têm essa mesma característica, ou seja, não é possível formar o plural a partir do acréscimo de *-e* (*bermas* - *\*bermases*). Outra característica das formas da Classe V é o fato de que o segmento *-s*, que aparece no final de *vírus* e *oásis*, não fazer parte da palavra, pois na derivação ele desaparece (*vírus* – *viral*

- *\*viral*). O mesmo acontece com os truncamentos em que *-as* e *-is* que também não fazem parte da raiz da palavra (*bermas* – *bermuda* - *\*bermasmuda*).

A questão levantada por Scher é que, ao considerar *-as* e *-is* como pertencentes à Classe V, teríamos que explicar por que, na presença de [EVAL], a vogal *a* da Classe II não é inserida, como é exigido por [EVAL]. E se, por outro lado, *-as* e *-is* pertencem à Classe II (e são alomorfes de *a*), de que forma eles se distinguem das palavras da Classe V?

### **Síntese do capítulo**

Nesse capítulo vimos que o truncamento se enquadra em uma categoria de processos de formação de palavras que envolvem padrões não lineares de formação. Esses processos são denominados de processos não concatenativos. Apresentamos diferentes abordagens para o processo do truncamento que vão desde abordagens mais tradicionais até estudos mais recentes acerca do processo.

Nas gramáticas tradicionais, não há uma descrição mais precisa e sistemática do truncamento e do seu funcionamento. As análises de Cunha & Cintra e Bechara se assemelham por usar do termo *abreviação* para denominar o truncamento e por se valerem da noção de economia linguística como justificativa para sua ocorrência. Nos manuais de linguística, os autores (BASILIO, 1991; SANDMANN, 1992; VILALVA, 2007) entendem o truncamento, a acronímia e a abreviação como processos diferentes e admitem que há alguma regularidade em formas truncadas derivadas de compostos (ex.: *mini* < *minissaia*; *foto* < *fotografia*). No entanto, para os demais casos de truncamento, os autores ainda entendem que não há uma previsibilidade no processo e, por isso, ele seria assistemático.

Trabalhos como os de Araújo (2002), Gonçalves (2004), Martini (2010), Scher (2011, 2016), Belchor (2009, 2014), entre outros, analisam o truncamento de forma mais sistemática, com o objetivo de encontrar alguma regularidade no processo. Para tanto, baseiam-se em teorias morfológicas que lhes dão respaldo para explicar o funcionamento de processos como o truncamento. Araújo (2002), Gonçalves (2004), Gonçalves e Vazquez (2004), Vilela, Godoy e Silva (2006), Martini (2010) e Belchor (2009, 2014) fazem uso de teorias que aliam primitivos morfológicos e prosódicos, como é o caso da Morfologia Prosódica e da Teoria da Otimidade (e suas subteorias, como a Teoria da Correspondência).

Nos trabalhos de Araújo (2002), Vilela, Godoy e Silva (2006) e Martini (2010), há uma categoria de palavras encurtadas que os autores não classificam como truncamentos. São as formas encurtadas a partir de palavras compostas, como *odonto* < *odontologia*, *oftalmo* < *oftalmologista*. Araújo chama essas formas de pseudotruncamentos. Vilela, Godoy e Silva classificam esse processo como redução vocabular. Martini não nomeia essas formas, mas, assim como os outros autores, afirma que esses fenômenos são puramente morfológicos, pois há a manutenção integral do morfema à esquerda da forma da base e, portanto, são diferentes do truncamento que se caracteriza por ser um fenômeno morfofonológico.

Scher (2011, 2016) faz uma análise do truncamento a partir da Morfologia Distribuída. Diferentemente dos outros autores aqui apresentados, acredita que o processo possa ser morfológico e, por isso, resgata uma análise concatenativa do fenômeno. A autora ressalta o papel importante da raiz no truncamento e acredita que as formas truncadas podem ser tratadas como uma derivação de uma raiz, ao invés de algum processo de apagamento de segmento da palavra-matriz.

No próximo capítulo, discutiremos o *status* da vogal final do truncamento e verificaremos como essa vogal é classificada nos trabalhos acerca do truncamento no português brasileiro.

### 3 STATUS DA VOGAL FINAL DE FORMAS TRUNCADAS NO PORTUGUÊS

Nos diferentes estudos sobre o processo do truncamento, não há consenso na definição da vogal final da forma truncada, principalmente no que diz respeito à vogal que é acrescida ao final de algumas dessas formas, como nos exemplos a seguir.

- (13) delegado > delega  
 salafrário > salaфра  
 baterista > batera  
 vagabunda > vagaba  
 comunista > comuna  
 marginal > margina

(GONÇALVES, 2004, p.19)

Alguns autores definem esse *a* que é acrescido à forma truncada como vogal temática, outros como um afixo derivacional ou, ainda, como um afixo específico do processo de truncamento. Os autores parecem concordar que o *a* adjungido à palavra truncada não se trata de um sufixo de gênero, ou seja, não é o morfema de gênero feminino.

Neste capítulo, vamos realizar um percurso nas descrições morfológicas do português, nos detendo, principalmente, nas definições de vogal temática, sufixo de gênero e sufixos derivacionais. Faremos, ainda, uma revisão dos diferentes trabalhos sobre truncamento no português brasileiro e sobre como os mesmos definem essa vogal final das formas truncadas.

#### 3.1 O nome e os mecanismos de flexão e derivação

##### 3.1.1 Flexão de gênero

De acordo com Camara Jr. (2009 [1970]), a flexão é um processo sistemático e obrigatório. Os morfemas flexionais estão “concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação” (p. 82) e a concordância é um traço característico da flexão, pois decorre na sua repetição, ainda que como alomorfes, em vocábulos encadeados em uma sentença. A derivação, por outro lado, não obedece a uma pauta sistemática e

obrigatória. Por esse motivo, os morfemas derivacionais não constituem um quadro regular, coerente e preciso, como ocorre com os morfemas flexionais.

Ainda sobre a flexão de gênero, Câmara Jr. afirma que ela é exposta de forma errônea nas Gramáticas Tradicionais do Português. Isso ocorre, pois a natureza semântica do gênero costuma ser associada ao sexo biológico. Essa associação seria equivocada pois o gênero abrange todos os substantivos do português, mesmo os que não se referem a animais providos de sexo, como *casa*, *ponte*, *pente*, *sofá*, que designam apenas “coisas”. Em português, a correspondência entre gênero gramatical e sexo biológico somente ocorrerá em substantivos animados, pois neles, a atribuição de gênero também lhes atribui um sexo determinado. Como dito anteriormente, gênero é atribuído a todos os substantivos do português, sejam eles sexuados ou não, evidenciando a não correlação entre gênero gramatical e sexo biológico.

O autor também se opõe ao que afirmava a tradição gramatical portuguesa, de que haveria uma oposição entre a forma masculina -o e a forma feminina -a. De acordo com Câmara Jr., o -o não pode ser considerado como marca de masculino simplesmente por opor-se a -a, pois, seguindo essa lógica, -e também deveria ser considerado masculino (*mestre – mestra*), no entanto o -e pode estar ligado também ao gênero feminino, como em *ponte*. A proposta do autor é a de uma **oposição privativa**, ou seja, um morfema zero substancia o masculino oposto ao morfema -a que substancia o feminino. Do ponto de vista semântico, o autor afirma que

o masculino é uma forma geral, não marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer (*jarra* é uma espécie de “jarro”, *barca* um tipo especial de “barco” como *ursa* é a fêmea do animal chamado *urso*, e *menina* uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como a de “menino”). (CAMARA JR., 2009 [1970], p. 88 e 89)

A marcação de gênero em português, de acordo com a proposta de Câmara Jr, presume um gênero não marcado (ou *default*) – o masculino – e um gênero marcado – o feminino. Uma das evidências de que a oposição entre masculino e feminino no português constitui uma oposição privativa é o caráter genérico do masculino, que, como forma não marcada, pode substituir a forma feminina, como no exemplo *O lobo é um animal feroz*, no qual *lobo* pode representar tanto o macho quanto a fêmea, podendo referir-se ao animal de forma genérica. Já o uso do feminino implica referência exclusiva ao sexo feminino sendo, por conseguinte, a forma marcada.

O morfema zero, como dito anteriormente, substancia o masculino em qualquer caso. Todos os segmentos terminais dos substantivos masculinos são classificados como *vogal temática* por Camara Jr. O morfema -a substancia o gênero feminino, esse morfema pode assumir alomorfa, podendo exponer-se também por um zero. Já a vogal /e/, como em *ponte* e *penete*, será sempre classificada como vogal temática.

### 3.1.2 Vogal temática

Os segmentos terminais dos nomes carregam informação referente a alguma marca morfológica de gênero ou referente a uma classe temática e é a partir destas informações que se dá o reconhecimento de gênero em português. Camara Jr. defende que, no português, somente o -a pode ser classificado como morfema de gênero, os demais segmentos terminais dos nomes (-e e -o) serão sempre vogais temáticas. Mesmo a vogal -a pode também ser classificada como vogal temática. São os casos de substantivos não sexoados terminados em -a, nos quais o -a não é classificado como sufixo de gênero, mas como vogal temática. De acordo com Rosa (2011, p.128), a vogal temática é um “formativo que expande a raiz para a constituição do tema, a base para as marcas flexionais”. A noção de classe temática é de extrema importância para a flexão tanto nominal quanto verbal. A classe temática verbal tem influência sobre as conjugações dos verbos, classificando-os segundo sua distribuição mórfica de tempo e aspecto. Já a classe temática nominal tem influência sobre a semântica dos nomes em relação ao seu gênero e à forma de sua base (KOLODNY, 2016, p. 16). Rosa (*op. cit.*), usa nomenclaturas diferentes para esses segmentos terminais em nomes e em verbos: para os nomes, usa o termo *índice temático* e deixa apenas para os verbos o termo *vogal temática*.

Alguns autores, diferentemente de Camara Jr., defendem que o -o pode sim ser marca de masculino e não apenas vogal temática. Essa é a proposta de Kehdi (1998) que apresenta a hipótese de que o masculino possui uma marca formal em português e que essa marca é -o. Para sustentar sua hipótese, o autor apresenta alguns exemplos da língua, como o caso do acréscimo de uma terminação que contenha -o a uma palavra feminina, no qual a palavra passa a masculina (*mulher/mulheraço; cabeça/cabeçalho*). Outro exemplo, agora diacrônico, é o caso dos nomes de árvores que, em latim, eram femininos (*populus, malus*), mas que, no português, ao terminarem com -o, são sempre masculinos. Por fim, o autor menciona o fato de que, na linguagem espontânea, surgem criações de

palavras masculinas que se opõem a palavras que eram originalmente femininas na língua, como *coiso*, *madrasto*, *corujo*, *crianço*, *onço*, etc. (KEHDI, 1998, p.62).

Schwindt (2018) realiza um estudo para investigar a produtividade de gênero e classe temática em PB. Nesse sentido, o autor procura responder, entre outras questões, “se há predominâncias no emprego de masculino ou de feminino em PB e, neste caso, se essas predominâncias estão efetivamente expressas por marcas fonológicas e se manifestam em contextos específicos” (SCHWINDT, 2018, p. 752). Nesse estudo, o autor faz uso de dados de léxico dicionarizado (Dicionário Aurélio Eletrônico), de uso vernacular (Projeto VARSUL) e de um *corpus* de referência (Projeto ASPA). A partir da análise, Schwindt verifica alguns resultados interessantes no que diz respeito a gênero e sua relação com classe temática. O autor verifica, primeiramente, que há um importante equilíbrio, nos dados, entre palavras masculinas e femininas. Tanto no léxico quanto no uso, em média, 90% das palavras terminadas em *a* são femininas e quase que categoricamente as palavras terminadas em *o* são masculinas. As palavras de gênero único terminadas em *e* estão perfeitamente distribuídas entre masculino e feminino (nos dados do léxico dicionarizado). Esses resultados mostram que há correspondência, na maioria dos dados, entre segmento terminal e gênero. São poucos os substantivos sexuados – 5,5% e 13,4% no léxico e no uso, respectivamente. No léxico dicionarizado, aproximadamente um terço desses substantivos sexuados diz respeito a substantivos biformes que opõem *a* e *o*. No uso, um quarto dos sexuados corresponde a palavras que fazem a oposição *a/o*. Ou seja, em relação ao total de dados, apenas uma pequena parcela faz oposição entre *a* e *o*. Por fim, o autor apresenta um resultado importante que pode dar força à tese de que o masculino é menos marcado na língua: entre os nomes biformes e comuns de dois gêneros da amostra de uso, 69,1% e 85,5%, respectivamente, do total de cada uma dessas subcategorias, foram empregados no masculino (SCHWINDT, 2018, p. 754).

A intuição dos falantes de que *a* representa o feminino e *o*, o masculino, tem respaldo na língua, pois, na maioria dos dados analisados por Schwindt (*op. cit.*), há correspondência entre o segmento terminal e gênero. Apesar disso, o número de dados de substantivos sexuados e que façam oposição entre *a* e *o* (como *menino/menina*) é baixo em relação ao total de dados. Esses dados podem ser relevantes para compreender como os falantes entendem a vogal final do truncamento. Em casos como *foto* e *moto*, por exemplo, pode-se questionar se os falantes identificam essas formas truncadas como palavras femininas terminadas em *o*, caso raro na língua, ou se ainda recuperam a palavra-base dessas formas.



Schwindt (2018), assim como Kehdi, defende o *o* como uma possível marca de masculino. Para Camara Jr., os morfemas de gênero e classe temática já nasciam combinados a fonemas. Schwindt, por outro lado, propõe uma análise que desvincula morfologia de substância fônica e assume que há categorias morfológicas para gênero (GEN) e classe temática (CL) independentes descombinadas de fonologia enquanto *input*. Nessa análise, a língua dispõe de sons listados para a realização desses morfemas. Os morfemas, portanto, nascem abstratos e “estão sujeitos a *exponenciação*, isto é, são *realizados fonologicamente*” (SCHWINDT, 2018, p. 751).

Ainda sobre a relação entre classe temática e gênero, Schwindt (2011) propõe um ranking de restrições dos morfemas envolvidos na estruturação do gênero em português.

MAX-M(CL3) >> MAX-M(FEM) >> MAX-M(CL2) >> MAX-M(CL1) >> MAX-M(MASC)  
*e*                      *a*                      *o*                      *a*                      *O*

Fonte: Schwindt (2011, p. 271)

No trabalho de 2018, Schwindt recupera essa hierarquia e propõe generalizações que podem ser comprovadas pelos resultados dos dados analisados no trabalho. Essas generalizações, apresentadas de forma resumida, são as que seguem.

- Os segmentos da escala podem se confundir fonologicamente, mas não morfologicamente, isto é, estão sujeitos apenas à homofonia acidental.
- *e* está no topo da hierarquia, pois é menos previsível em termos de GEN. Isso se reflete nos dados analisados, nos quais há um equilíbrio entre palavras masculinas e femininas nesta classe.
- O morfema de feminino destaca-se como o padrão mais distintivo de marcação de GEN no português e, por isso, está na segunda posição da escala. Em termos de disponibilidade, o autor atenta para o fato de que “qualquer substantivo sexuado pode ser flexionado no feminino pela adição de *a* depois da raiz (ex. *o, a hétero* → *a hétera*; *o, a tenente* → *a tenenta*)” (p. 1654) e o mesmo não é verdade com o masculino, ou seja, a adição de *o* não forma masculinos na gramática padrão. Em termos de rentabilidade, o fato de que os nomes masculinos superarem os femininos no conjunto dos biformes e comum de dois revela que o feminino é mais marcado do que o masculino.

- A ordem de  $_{CL2}$  e  $_{CL1}$ , respectivamente, no ranking, é sustentada em função da produtividade. Nas amostras, foram encontradas mais palavras terminadas em *a* do que em *o*. Soma-se a isso o fato de que há, na língua, palavras masculinas terminadas em *a* (ex. problema, enigma), no entanto, o contrário não é verdadeiro. Desse modo, pertencer à  $_{CL2}$  é mais específico, ou mais marcado do que pertencer à  $_{CL1}$ .
- A presença do último elemento do ranking –  $_{MASC}$  – se justifica pela existência de formas aparentemente disponíveis na gramática da criança ou até em uma fala criativa de adultos, como *crianço*, *formigo*, etc. O autor explica que “ $_{MASC}$ , portanto, no fim da hierarquia, dá conta de uma potencialidade (disponibilidade) da gramática do português e não se submete, neste caso, a medidas objetivas de rentabilidade” (p. 759).

Essa escala proposta por Schwindt (2011) parte da fidelidade à realização de morfemas mais gerais à fidelidade da realização de morfemas mais específicos e tem como vantagem o fato de associar  $_{GEN}$  e  $_{CL}$  numa só escala.

### 3.1.3 Flexão e Derivação

Aronoff e Fudeman (2011 [2005]) afirmam que a diferença entre derivação e flexão pode ser resumida dessa forma: na derivação, são formados novos lexemas, já na flexão, são produzidas diferentes formas de um mesmo lexema que são determinadas pelo contexto sintático. Nesse sentido, uma generalização que os autores apresentam para a flexão é a de que ela é a realização de traços morfossintáticos (aqueles que são relevantes para a sintaxe), como caso e número, por exemplo. A flexão também se caracteriza por ser mais produtiva do que a derivação. A morfologia flexional pode aplicar-se a palavras de diferentes categorias com relativa liberdade. Um exemplo disso é o plural do inglês, que, com o acréscimo de [z], pode passar para o plural quase que categoricamente todas as palavras do inglês. Por outro lado, nem todos os adjetivos em inglês podem ser transformados em advérbios pelo acréscimo do sufixo derivacional *-ly* (*op. cit.* p. 169).

De acordo com os autores, o processo de derivação pode gerar mudança no significado e na categoria lexical da palavra, já na flexão isso não ocorre. Os autores afirmam também que a derivação costuma ocorrer mais próximo da raiz ou do radical do

que a flexão. Em um exemplo como (14), com dados do inglês, o sufixo flexional de terceira pessoa do singular ocorre após o sufixo derivacional *-ize*.

(14) popular-ize-s  
comercial-ize-s

(ARONOFF; FUDEMAN, 2011, p.169)

Por fim, os autores apontam para o fato de que, apesar das generalizações que diferenciam os dois processos, a forma morfológica pela qual a flexão e a derivação serão expressas pode ser muito similar. Ambas podem ser expressas por prefixos<sup>7</sup>, sufixos ou formas não segmentais. A diferença entre flexão e derivação é talvez não tanto na forma, mas sim na função. (*op. cit.* p, 171).

Fábregas e Scalise (2012, p.86), de forma semelhante à Aronoff e Fudeman, afirmam que os processos flexionais não alteram propriedades de um item, mas resultam em formas gramaticais diferentes adotadas por um vocábulo em diferentes contextos sintáticos. Já os processos derivacionais modificam propriedades associadas a um item listado no léxico, fazendo com que, em muitos casos, a nova forma precise ser listada no léxico. Os autores citam as três categorias a seguir que podem ser modificadas pela derivação.

- a) a **categoria gramatical**. Se se assume que as unidades são listadas no léxico com suas categorias gramaticais, então um processo morfológico que modifica essa informação produz uma nova palavra.
- b) a **semântica** associada a palavra de base. A palavra *infeliz*, por exemplo, tem um significado diferente da palavra *feliz*, da qual é derivada.
- c) o **número de argumentos** ('subcategorização' de um item) e as **restrições de seleção** que uma unidade impõe nestes argumentos.

Uma mudança em alguma dessas propriedades geralmente justifica a introdução de uma nova entrada no léxico de uma palavra criada por um processo morfológico, como ocorre com a derivação que, segundo os autores, criam novas palavras.

Alguns autores classificam a vogal -a, que é afixada em algumas formas truncadas, como um sufixo derivacional. Levando em conta as descrições do processo da derivação,

---

<sup>7</sup> No caso do português, não há prefixos flexionais. A flexão é expressa apenas por sufixos.

é preciso questionar-se se o processo de truncamento possui características iguais ou similares às do processo de derivação.

### 3.2 Vogal final das formas truncadas

Dentre os autores que analisam de forma sistemática o processo do truncamento, apenas alguns tratam da categorização da vogal final do truncamento. A partir do levantamento e revisão teórica dos trabalhos sobre o processo do truncamento, foram encontradas apenas reflexões acerca da vogal *a* que é acrescida a algumas formas truncadas, como em *baterista* > *batera* e *vestibular* > *vestiba*. Os trabalhos nos quais encontramos uma classificação para essa vogal que é adjungida à forma truncada são os de Gonçalves (2004), Araujo (2002), Belchor (2009, 2014), Santos (2002) e Scher (2016), que serão descritos nas seções a seguir.

#### 3.2.1 Gonçalves (2004)

Gonçalves (2004), em sua análise acerca do truncamento, trata de casos nos quais as formas truncadas são resultado da reprodução de parte da base e do acréscimo de uma vogal que nem sempre está presente na palavra-matriz, como nos exemplos apresentados em (7), no capítulo anterior.

Gonçalves dá destaque a essa vogal que é acrescida a forma truncada, pois ela nem sempre existe na palavra-matriz, como em ‘vestiba’, por ‘vestibular’, ‘estranja’, por ‘estrangeiro’, e ‘sarja’, por ‘sargento’. O autor afirma que a vogal *a* funciona como “uma espécie de afixo de Truncamento, que, por isso, pode ser considerado processo simultaneamente não concatenativo (cópia) e aglutinativo (acrécimo de vogal final)” (GONÇALVES, 2004, p.13). O autor, portanto, não faz uso de uma classificação morfológica mais clássica para classificar essa vogal *a*. Ele afirma que a vogal é uma espécie de afixo, mas que não se trata de um afixo relacionado a algum morfema de gênero ou derivacional, mas sim, de um afixo específico do processo do truncamento. O acréscimo da vogal *a* nas formas truncadas também é um dos argumentos usados por Gonçalves para diferenciar o truncamento da hipocorização.

### 3.2.2 Belchor (2009, 2014)

Belchor, tanto em sua dissertação (2009) quanto em sua tese (2014), divide o processo de truncamento em três padrões: ‘refri’, ‘odonto’ e ‘flagra’. O padrão ‘flagra’ é o que engloba os casos de truncamentos nos quais a vogal *a* é adjungida à forma truncada. Em ambos os trabalhos, a exemplo de Gonçalves (2004) e Katamba (1993), considera a vogal *a* como um **marcador de palavra**, que tem um papel distinto das vogais temáticas.

A noção de marcador de palavra usada pela autora é baseada na proposta de Moreno (1997) que afirma que as vogais temáticas contrastam em função com os marcadores de palavra. Em uma derivação deverbal, por exemplo, a vogal temática permanece no radical mesmo após a derivação, como nos exemplos *amar* > *amante*, *vender* > *vendedora*, nos quais as vogais temáticas -a e -e permanecem nos vocábulos derivados. Já os marcadores de palavras não podem ser seguidos por nenhuma espécie de afixo, flexional ou derivacional, à exceção do -s.

Apesar de os truncamentos não servirem em geral de base para derivações sufixais, Belchor (2014) afirma que há evidências de que a vogal final das formas truncadas seja, de fato, um marcador de palavra, pois desaparecem em derivados, como se observa em ‘japa’ < ‘japinha’ e ‘cerva’ < ‘cervinha’, mas a vogal final -a admite flexão de número por meio do acréscimo de -s, como em ‘neura’ / ‘neuras’, por exemplo. Por fim, a autora afirma ainda que não parece haver dúvidas de que essa vogal não é uma marca morfológica de gênero feminino, uma vez que, “nas formas de dois gêneros, a oposição é marcada pelo determinante: o ‘estrânja’ x a ‘estrânja’” (*op. cit.*: 123).

### 3.2.3 Araújo (2002)

Ao tratar sobre os truncamentos trissilábicos, Araújo (2002) verifica que eles violam uma das condições propostas por ele, na qual as duas primeiras sílabas da palavra-matriz são selecionadas na formação da palavra truncada e o restante é descartado. Araújo afirma que essas formas são menos comuns do que os truncamentos dissilábicos e que elas surgem da necessidade de se garantir a fidelidade da forma truncada ao conteúdo lexical da palavra-matriz. Essa fidelidade seria mantida pois os truncamentos trissilábicos tendem a manter a raiz da palavra-matriz, facilitando o resgate do seu conteúdo lexical mesmo após o encurtamento.

No que diz respeito à vogal -a que é acrescentada aos truncamentos trissilábicos, o autor a chama de uma espécie de *epêntese* que tem por função a manutenção da base. O autor não especifica o como e o porquê deste corte na palavra-matriz que é feito justamente em uma consoante, mas afirma que essa epêntese ocorre como forma de impedir codas proibidas como em \*portug, para ‘português’.

(...) se a lexicalidade mesma da palavra é expressa por sua raiz, manter o máximo possível desse elemento idiossincrático é preferível, senão fundamental. Caso contrário a possibilidade de rastreamento lexical estaria comprometida. A manutenção da base fica evidenciada pela terminação uniforme desse tipo de truncamento, ou seja, a vogal final é sempre /a/. Nesse caso, a epêntese é a alternativa ao apagamento que poderia provocar a perda da lexicalidade e, ao mesmo tempo, impedir codas proibidas como \*saláfr, truncamento agramatical de salafrário.

(ARAÚJO, 2002, p.72)

Para Araújo, a vogal -a dos truncamentos trissilábicos impede que se produzam formas agramaticais no português, com codas proibidas e, ao mesmo tempo, impede que se apague mais material fonológico da palavra-matriz, o que poderia provocar a perda de lexicalidade da palavra truncada.

### 3.2.4 Vilela, Godoy e Silva (2006)

Vilela, Godoy e Silva (2006), em um artigo no qual revisam os trabalhos de Gonçalves (1999) e Araújo (2002), reservam uma seção do artigo que chamam de “vogal temática”, que trata justamente da vogal -a que é acrescentada às formas truncadas. No entanto, as autoras não dão maiores explicações das razões da escolha dessa nomenclatura para classificar essa vogal. A seção é destinada a questionamentos à afirmação de Gonçalves (1999) de que há sempre a inserção de uma vogal -a no truncamento. As autoras afirmam que, para os truncamentos trissilábicos, a generalização da vogal final -a pode valer como tendência, apesar de haver alguns contraexemplos. Já para os casos dos truncamentos dissilábicos, a vogal -a também é acrescentada em alguns casos, mas há, porém, nos dados das autoras

(...) muitos truncamentos que não terminam com a vogal -a, mas numa vogal presente na palavra-matriz (Exs.: profissional > *profi*; faculdade > *facu*; rapaziada > *rapaze*, etc.). Em nossa pesquisa, atestamos que, de um total de 47 truncamentos dissilábicos, 24 terminam em -a, e 23 terminam em outras vogais. Temos, portanto, um índice de quase 50% de contra-exemplos à generalização proposta por Gonçalves (1999).

(VILELA, GODOY e SILVA, 2006, p. 160)

Apesar de não apresentarem argumentos para a escolha de classificar a vogal final -a como *vogal temática*, as autoras podem tê-la assim classificado, pensando que essa vogal -a não teria a função de marcar gênero. Em um truncamento como *vestiba* (para *vestibular*), por exemplo, a forma truncada é masculina – o *vestiba* -, e do mesmo modo que com uma palavra como *o planeta*, o -a deve ser entendido como vogal temática.

### 3.2.4 Santos (2002)

Santos (2002) destaca o *status* morfopragmático da vogal final -a, pois ela pode expressar pejoratividade, como em *japa*, *trava*, ou afetividade, como em *Sampa*, *Floripa*, *cerva*. Essa função expressiva pode também ser atribuída a uma vogal final -o, em formas truncadas como *milico* < *militar*, *boteco* < *botequim*, *motô* < *motorista*, *traveco* < *travesti*<sup>8</sup>. Sobre essa propriedade expressiva, Santos afirma que

(...) a vogal final do Truncamento, diferentemente do processo de Derivação Regressiva, torna inoperante a especificação de traço de gênero do produto de todas as formações truncadas obtidas a partir de bases sufixadas, cuja forma derivante a tinha especificada. Além disso, essa vogal tem status morfológico diferente das vogais finais de formas como *casa*, *branco* e *morte*, entre outras, uma vez que não parecem ter função meramente classificatória, como os índices temáticos, apresentando feição mais próxima a dos sufixos derivacionais.

(SANTOS, 2002, p. 36 *apud* MARTINI, 2010, p. 205)

Diferentemente das vogais das formas truncadas, as vogais temáticas dos fenômenos concatenativos não têm essa propriedade expressiva dos truncamentos e, por esse motivo, que elas seriam mais próximas de sufixos derivacionais.

---

<sup>8</sup> A afirmação de que o acréscimo da vogal final -o é o que atribui caráter expressivo à palavra pode ser questionado. Scher (2016) propõem que em formas como *padaria* > *padoca*, *feijoada* > *feijuca* e *metranca* > *metralhadora*, -oc, -uc e -anc podem ser interpretados como sufixos avaliativos, que dão um caráter avaliativo à palavra. Portanto, em *milico*, *boteco* e *traveco*, -ic e -ec também poderiam ser interpretados como sufixos avaliativos e, por isso, seriam eles que atribuiriam o caráter expressivo à palavra e não a vogal final -o.

### 3.2.5 Scher (2016)

Para tratar das formas truncadas do Tipo III, Scher (2016) baseia-se em na proposta de Alcântara (2003, 2010) de morfemas de classe. De acordo com o autor, substantivos e adjetivos são divididos em três classes: classe I, constituída de nomes terminados em *-o*; classe II, constituída de nomes terminados em *-a*; e a classe III, formada por nome terminados em *-e* ou outro segmento. Scher observa que, diferentemente de suas palavras-base, que são nomes com diferentes terminações e, portanto, pertencentes a diferentes classes, a maioria dos truncamentos em PB são terminados em *-a* e, portanto, parecem pertencer à classe II.

A autora observa que as formas truncadas não pertencem necessariamente à mesma classe de sua palavra de origem. *Sarja* e *neura*, por exemplo, são truncamentos terminados em *-a*, pertencentes à classe II. Suas palavras-base – *sarjento* e *neurose* – pertence, respectivamente, às classes I e III. Apesar de poderem pertencer à classes morfológicas diferentes, truncamentos e suas palavras-base têm o mesmo gênero, como vemos nos exemplos em (15).

- (15) o/um sarja      o/um sargento  
       a/uma neura    a/uma neurose

(SCHER, 2016, p. 334)

Apesar da inserção da vogal *-a* nas formas truncadas, o gênero permanece o mesmo de suas palavras de origem. Isso dá força ao argumento de Scher de que essa vogal inserida é um morfema de classe e não um morfema de gênero.

### Síntese do capítulo

Nesse capítulo, realizamos um percurso pelas descrições morfológicas do português. Discutimos os conceitos de vogal temática, sufixo de gênero e sufixo derivacional. Por fim, discutimos o *status* da vogal final do truncamento, mais especificamente, da vogal *a* que é acrescida a algumas formas truncadas e, a partir de estudos acerca do truncamento, verificamos como os autores classificam essa vogal.

Para discutir gênero e classe temática, nos voltamos para o trabalho de Câmara Jr (2009 [1970]) que define gênero no português a partir da noção de *oposição privativa*. Segundo o autor, o morfema zero substancia o masculino, que é o gênero não marcado



(*default*), e o morfema -a substancia feminino, que é o gênero marcado do português. De acordo com essa noção, apenas -a pode ser morfema de gênero e, portanto, as vogais -e e -o são sempre vogais temáticas. Kehdi (1998) e Schwindt (2018) defendem que -o também pode ser morfema de gênero masculino no português.

De forma diferente de Camara Jr., que defende que os morfemas de gênero e classe temática já nascem combinados a fonemas, Schwindt (2018) propõe uma análise que desvincula morfologia de substância fônica e na qual as categorias morfológicas para gênero e classe temática são independentes e descombinadas de fonologia no *input*. A partir dessa hipótese, o autor propõe um ranking de restrições que trata da relação entre classe temática e gênero. O morfema -o de masculino está na última posição desse ranking e a sua presença no ranking se justifica pela existência de formas aparentemente disponíveis na língua, como *crianço* e *formigo*, que surgem na fala de crianças.

Em relação à derivação, vimos que, a partir dela, são formados novos lexemas, ou seja, novas palavras que se constituem como novas entradas no léxico. Diferentemente da flexão, a derivação pode gerar mudanças no significado e na categoria lexical da palavra.

Nos estudos sobre o truncamento, encontramos diversas classificações para a vogal *a* que é acrescida a formas truncadas como *portuga*. Gonçalves (2004) entende que essa vogal *a* funciona como uma espécie de afixo do truncamento, que dá ao processo tanto um caráter não concatenativo (cópia) como aglutinativo (acréscimo da vogal). Belchor (2009, 2014) classifica essa vogal como um marcador de palavra, baseada na proposta de Moreno (1997).

Araújo (2002) entende a vogal *a* dos truncamentos trissílabos (*portuga*) como uma espécie de epêntese que tem por função a manutenção da base. Essa vogal, segundo o autor, impede que se produzam formas agramaticais no português (*\*portug*) e impede, ainda que se apague mais material fonológico da palavra-matriz, o que poderia fazer com o falante não recuperasse mais a base da forma truncada. Vilela, Godoy e Silva (2006) chamam a vogal -a de vogal temática, mas não especificam o porquê dessa classificação.

Santos (2002) evidencia o *status* morfopragmático da vogal *a*, visto que, ao ser acrescida às palavras truncadas, ela expressa pejoratividade e afetividade. Por esse motivo, o autor afirma que ela se aproxima mais de sufixos derivacionais e possui características diferentes dos índices temáticos, pois não parece ter função meramente classificatória.

Por fim, Scher (2016) propõem uma análise a partir da proposta de morfemas de classe de Alcântara (2003, 2010) e defende que a vogal *-a* que é inserida nas formas truncada é um morfema de classe tal qual os morfemas que são inseridos em outras formas não verbais do português. De acordo com a divisão de classes de Alcântara, a vogal *-a* das formas truncadas pertence à classe II.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Levantamento de dados e composição do *corpus*

Para compor o *corpus* utilizado neste trabalho, parte dos dados foi extraída de trabalhos anteriores sobre esse processo (ARAUJO, 2002; VILELA, GODOY & SILVA, 2006; SCHER, 2011; BELCHOR, 2014). Além disso, ao longo do trabalho de levantamento, dados encontrados em redes sociais ou produzidos em situações de interação entre falantes foram sendo anotados e também compuseram o *corpus*.

Considerando os resultados de trabalhos sobre o truncamento em PB, como os de Gonçalves (2004), Araujo (2002), Belchor (2014), entre outros já citados no capítulo 2, que apontam para a importância tanto de fatores morfológicos quanto fonológicos, os dados foram organizados de acordo com critérios fonológicos e morfológicos tanto da base submetida ao processo quanto de seu produto, isto é, da forma efetivamente truncada. Os critérios utilizados foram número de sílabas, acento, palavra fonológica e palavra morfológica. Portanto, além de considerarmos o padrão acentual e o número de sílabas do truncamento e de sua palavra-base, analisamos se a forma truncada resultava de uma palavra composta por dois acentos fonológicos, como em *pós-graduação*, ou ainda se a palavra-base era composta de duas palavras morfológicas, com raízes eruditas, como, por exemplo, em *odontologia*.

Um exemplo da organização do *corpus* está no Quadro 1.

**Quadro 1** - Exemplo de organização dos dados do corpus desse trabalho

BASE	PRODUTO	Autor
<b>Dissílabos</b>	<b>Dissílabos</b>	
<b>Oxítonos</b>	<b>Paroxítonos</b>	
burguês	BURga	VGS
chinês	CHIna	VGS; B
milhão	MILha	VGS
mulher	MULha	VGS
tostão	TUSta	VGS
playboy	PLAYba	B
brasil	BRAsa	VGS
<b>Trissílabos</b>	<b>Dissílabos</b>	
<b>Oxítonos</b>	<b>Oxítonos</b>	
condição	conDI	B
visual	viSU	B
cafuné	caFU	B
guarujá	guaRU	B
carnaval	carNA	B; VGS

Legenda: VSG: Vilela, Godoy e Silva (2006); B: Belchor (2014)

O quadro exemplifica como classificamos os dados da base e do produto e como essa classificação possibilita que os dados sejam agrupados a partir da relação entre a palavra-base e o truncamento. Nesse fragmento do quadro, por exemplo, temos truncamentos dissílabos e paroxítonos que são produzidos a partir de bases dissílabas e oxítonas. Esses agrupamentos serão importantes para a seleção dos dados para os testes, como veremos nas seções 4.2 e 4.3. Na coluna *Autor*, utilizamos alguns códigos para identificarmos qual a fonte dos dados. Nesse exemplo, temos VGS, que representa o trabalho de Vilela, Godoy e Silva (2006) e B, que representa o trabalho de Belchor (2014).

Os dados de formas truncadas em que há acréscimo de material fonológico, como em *batera* (*baterista* > *batera*), não foram separados do restante dos dados em um quadro específico para eles. Para que eles pudessem ser identificados no *corpus*, modificamos a cor da fonte para vermelho, como é possível ver no Quadro 1.

Dados de truncamentos que têm como base palavras compostas, formadas por raízes eruditas ou com prefixos autoacentuados foram organizados separadamente dos outros dados, como vemos no Quadro 2.

**Quadro 2** - Dados de truncamento formados a partir de compostos e/ou palavras compostas por duas palavras fonológicas.

<b>Compostos</b>		
gastroenterologista	GAStro	B
ecocardiograma	Eco	B
poliomielite	POLio	B
eletrocardiograma	eLEtro	B; VGS
fonoaudiologia	FOno	B; S
<b>2 palavras fonológicas – prefixo autoacentuado</b>		
vice-presidente/governador	vice	VGS
pós-graduação/operatório	pós	B; VGS
pré- vestibular/operatório/primário/escola	pré	B; VGS
ex-marido/namorado	ex	B; VGS
pró-resgate	pró	B

Nas próximas seções, serão apresentados os dois testes que foram realizados para este trabalho, quais foram os seus objetivos e de que modo o *corpus* foi utilizado nos testes.

#### **4.2 Teste *online***

Com o objetivo mais geral de detectar padrões no processo do truncamento, foi elaborado um teste *online*. O teste foi baseado em experimentos feitos por Gonçalves e Vazquez (2004) e Belchor (2014), mais especificamente nas duas primeiras questões dos experimentos. Na primeira questão do teste desenvolvido por Gonçalves e Vazquez (2004), os entrevistados deveriam escrever o significado de palavras truncadas que, teoricamente, são de uso generalizado. Essa questão tinha como objetivo constatar se os falantes reconheciam o significado de cada truncamento. Na segunda questão, os entrevistados eram apresentados a palavras polissílabas e deveriam propor formas encurtadas para elas. Os autores afirmam que o objetivo do teste era observar qual estratégia era usada pelos entrevistados para reduzir as palavras.

De forma semelhante, Belchor (2014) propõe um teste no qual, na primeira etapa, uma lista de formas truncadas era apresentada aos informantes para que eles respondessem qual eram suas bases. Na segunda etapa, foram apresentados vocábulos considerados passíveis de truncamento para que os informantes realizassem o encurtamento.

Tendo esses trabalhos como base, foi elaborado um teste *online* composto de um questionário social e de três exercícios. O teste foi ancorado na plataforma *SurveyMonkey* – disponível em <https://www.surveymonkey.com/> –, que permite a criação de questionários *online* para pesquisas de diversos fins. Os dados da pesquisa ficam armazenados na plataforma e é possível, ainda, gerar informações estatísticas e gráficos a partir das respostas dos informantes. As respostas do nosso questionário eram completamente anônimas, o nome do informante não era solicitado em nenhum momento e não tínhamos acesso ao endereço de IP do respondente. A plataforma *SurveyMonkey* oferece a opção “respostas anônimas” de modo que o endereço de IP do respondente não seja salvo pela plataforma. A divulgação do teste foi feita através de redes sociais e contou com 43 participantes.

Ao acessar o link do questionário, os participantes eram apresentados a uma tela com a descrição do que consistia o teste e à qual pesquisa ele estava vinculado. O participante também era informado de que sua resposta seria totalmente anônima e que os dados seriam usados apenas para fins da pesquisa.

A primeira etapa do teste consistia em um questionário social. Os campos a serem preenchidos pelos informantes eram: *gênero*, *idade*, *escolaridade* e *curso superior* (caso o informante optasse por curso superior completo ou incompleto no campo *escolaridade*). Para analisarmos o perfil dos participantes da pesquisa, elaboramos um quadro quantitativo com os dados do questionário social.

**Quadro 3** - Perfil dos participantes do teste *online*

<b>Gênero</b>	<b>Nº de informantes</b>	<b>%</b>
Feminino	37	86
Masculino	6	14
Outro	0	0
<b>Total</b>	43	100
<b>Idade</b>		
18 a 25 anos	22	51
26 a 35 anos	13	30,2
36 a 45 anos	2	4,7
Mais de 45 anos	6	14
<b>Total</b>	43	100
<b>Escolaridade</b>		
Ensino Fundamental incompleto	0	0
Ensino Fundamental completo	0	0
Ensino Médio incompleto	0	0
Ensino Médio completo	0	0
Ensino Superior incompleto	17	39,5
Ensino Superior completo	26	60,5
<b>Total</b>	43	100
<b>Curso Superior</b>		
Letras	37	82,2
Direito	2	4,4
Jornalismo	2	4,4
Nutrição	1	2,2
Marketing	1	2,2
Administração	2	4,4
<b>Total</b>	45 <sup>9</sup>	100

A grande maioria dos informantes é composta por mulheres: 37 dos 43 informantes (86%). 51% dos informantes têm entre 18 e 25 anos de idade e 30,2% têm entre 26 e 35. Portanto, 35 dos 43 informantes têm entre 18 e 35 anos, o que equivale a 81,2% dos dados. No que diz respeito à escolaridade, todos os informantes possuem Ensino Superior completo ou incompleto e a grande maioria deles cursa ou cursou Letras (82,2%).

<sup>9</sup> Dois informantes cursavam ou eram formados em dois cursos de graduação. Por esse motivo, o total dos dados é maior do que nas outras questões.

A segunda etapa do teste consistia em três exercícios. Esses exercícios tinham, como objetivo geral, observar padrões no processo do truncamento. Para sua elaboração, utilizamos os dados do *corpus* que foi composto na primeira etapa da pesquisa. Como dito anteriormente neste capítulo, a organização do *corpus* a partir de critérios fonológicos e morfológicos foi essencial para a elaboração do nosso teste. Em todos os exercícios do teste, procuramos incluir exemplares de todas as combinações do *corpus*. Voltando ao quadro 1, incluímos, por exemplo, tanto dados de truncamentos dissílabos e paroxítonos, de base dissílaba e oxítona, quanto de truncamentos dissílabos e oxítonos, de base trissílaba e oxítona. Do mesmo modo, em cada exercício, foram também incluídos dados de palavras-base compostas ou com dois acentos fonológicos. O nosso objetivo era verificar se os informantes atenderiam às expectativas, propondo as formas esperadas (com a estrutura silábica e acentual esperada) ou se iriam propor novas formas e com estruturas diferentes das esperadas.

Seguindo a proposta de Belchor (2014), foram incluídas, no teste, formas distratoras, ou seja, formas truncadas aparentemente inexistentes, bem como bases para as quais não foi encontrado truncamento conhecido. O objetivo era verificar se os informantes seriam capazes de associar as formas truncadas desconhecidas a alguma palavra-base e detectar qual a sua estratégia para encurtar as bases sem truncamento conhecido. Segundo a autora, em seu teste, esse procedimento “foi adotado com o propósito de reafirmar as estratégias utilizadas no encurtamento, sem que o informante optasse por uma forma já conhecida, não aplicando, assim, as táticas que respondem pela formação dos truncamentos” (BELCHOR, 2014, p. 63). No teste *online*, foram utilizadas as mesmas palavras distratoras utilizadas por Belchor (2014) em seu teste.

No primeiro exercício, os informantes foram apresentados a uma lista de 30 formas truncadas e deveriam identificar a palavra-base dessas formas, como vemos na imagem a seguir.



- \* 5 Abaixo, há uma lista de palavras encurtadas. Você deve preencher as lacunas com a palavra que você considera dar origem a cada uma dessas formas. As sílabas estão em caixa alta (letra maiúscula: como em viSU) para indicar a sílaba mais forte (tônica) da palavra.

viSU	<input type="text"/>
BURga	<input type="text"/>
conDI	<input type="text"/>
JApá	<input type="text"/>

**Figura 5** - Exemplo do exercício 1 do teste *online* (imagem retirada da plataforma SurveyMonkey)

Como o teste era apenas escrito, não havia áudio dos dados, optamos por marcar a sílaba tônica das palavras escrevendo-as em caixa alta para que os informantes pudessem identificá-la. Essa escolha de dar destaque à sílaba tônica se deve pela hipótese de que o acento da forma truncada é importante para a sua identificação com a sua palavra-base. Temos como exemplo as formas ['profɪ] e [pro'fɪ], apresentados por Araújo (2002, p. 70), que têm como palavra-base, respectivamente, *professor* e *profissional*. Nesse caso, o acento é essencial para diferenciar os dois truncamentos.

No segundo exercício do teste, foram apresentadas palavras do português (30 palavras) e os informantes deveriam propor uma forma truncada para cada palavra, como vemos na Figura 6.

- \* 6 A partir das palavras abaixo, sugira uma forma encurtada da palavra que lhe pareça soar bem na fala informal. Escreva em caixa alta (letra maiúscula) a sílaba ou vogal que você considera forte (tônica) em cada uma das palavras que você sugerir.

macromolécula	<input type="text"/>
chinês	<input type="text"/>
tostão	<input type="text"/>
Carnaval	<input type="text"/>

**Figura 6** - Exemplo do exercício 2 do teste *online* (imagem retirada da plataforma SurveyMonkey)

Nesse exercício, tínhamos como objetivo observar qual a estratégia usada pelos informantes para reduzir as palavras. Pretendíamos checar se o acento da palavra-base seria mantido ou se haveria algum padrão acentual preferido nas formas truncadas que funcionaria independentemente do acento da palavra-base. Se haveria sempre uma diminuição em número de sílabas da palavra-base em relação a sua forma truncada. Novamente, por se tratar de um teste escrito, havia uma barreira em como poderíamos identificar a sílaba tônica dos truncamentos propostos pelos informantes. Solicitamos que, da mesma forma como foi feito no primeiro exercício, os informantes marcassem a sílaba ou a vogal que considerassem tônica com letra maiúscula. Essa solicitação não foi atendida por todos os informantes, como veremos no próximo capítulo, na discussão dos resultados. No entanto, dentro das limitações que um teste escrito e *online* nos proporciona, acreditamos que essa foi a opção mais viável.

No terceiro e último exercício, os informantes foram apresentados novamente a uma lista de formas truncadas (com 20 palavras) e deveriam propor um diminutivo (com *inho/inha/zinho/zinha*) para essas formas, como vemos na Figura 7.

\* **7** Proponha um diminutivo para as palavras abaixo usando uma dessas terminações *inho/inha/zinho/zinha*.

CEva	<input type="text"/>
comPUta	<input type="text"/>
Llpo	<input type="text"/>
peRlfa	<input type="text"/>

**Figura 7** - Exemplo do exercício 3 do teste *online* (imagem retirada da plataforma SurveyMonkey)

Com esse exercício, tínhamos a pretensão de colaborar para a discussão sobre o *status* da vogal final do truncamento (cf. capítulo 3). O objetivo era verificar se, ao propor um diminutivo para a forma truncada, os informantes recuperariam o gênero da palavra-base ou se, ao invés disso, utilizariam a vogal final do truncamento. Pretendemos verificar, portanto, se em um truncamento como *foto*, por exemplo, os informantes

optariam pelo diminutivo *fotinho*, utilizando a vogal final do truncamento, ou *fotinha*, recuperando o expoente de feminino.

Tendo em vista a melhora do teste e procurando abranger um grupo de informantes mais diversificado (com um número mais equilibrado de homens e mulheres e com informantes que não fossem estudantes do curso de Letras), reformulamos o teste *online* e realizamos uma nova aplicação do teste. As modificações feitas no teste, bem como o contexto de aplicação serão explicados a seguir.

### **4.3 Teste presencial**

Após a reformulação do teste *online*, o novo teste foi aplicado em uma escola de Ensino Médio da rede privada de Porto Alegre. Diferentemente do teste *online*, esse teste foi impresso em papel e os participantes deviam responder às questões à mão. Os participantes foram estudantes de duas turmas: uma do primeiro ano e outra do segundo ano do Ensino Médio. Os informantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 3), informando que conheciam os objetivos da pesquisa, que estavam cientes de que responderiam a um questionário, que nenhum dado pessoal seria revelado em nenhuma instância da pesquisa e que, por se tratar de uma participação voluntária, poderiam desistir de participar da pesquisa em qualquer etapa e, com isso, teriam seus dados excluídos da pesquisa. O teste contou com 46 participantes.

Assim como no teste *online*, o teste presencial era constituído de um questionário social e três exercícios. O questionário social era constituído dos mesmos campos a serem preenchidos, foi acrescido somente um campo que diz respeito ao *local de residência* dos informantes (estado e cidade). Por ter sido aplicado em uma escola, todos os informantes possuíam ensino médio incompleto e todos eram residentes de Porto Alegre.

**Quadro 4** - Perfil dos participantes do teste presencial

<b>Gênero</b>	<b>Nº de informantes</b>	<b>%</b>
Feminino	26	56,5
Masculino	20	43,5
Outro	0	0
<b>Total</b>	46	100
<b>Idade</b>		
15	23	50,0
16	15	32,6
17	5	10,9
18	2	4,3
não respondeu	1	2,2
<b>Total</b>	46	100

Nessa nova aplicação do teste, houve um equilíbrio maior entre o número de informantes homens e mulheres: dos 46 informantes, 26 eram mulheres (56,5%) e 20 eram homens (43,5%). A faixa etária dos informantes foi de 15 a 18 anos, sendo que metade tinha 15 anos. Nos parece interessante aplicar o teste com pessoas de faixas etárias mais baixas, pois se a hipótese de que o processo ocorre com maior frequência entre os mais jovens se confirma, podemos obter dados interessantes e significativos com essa faixa etária.

Os exercícios deste teste foram os mesmos do teste *online*, porém com algumas modificações, a começar pelas palavras distratoras. Assim como no teste *online*, usamos formas truncadas que eram, a princípio, inexistentes, bem como palavras-base para as quais não havia truncamentos conhecidos. No entanto, não utilizamos as mesmas palavras utilizadas por Belchor (2014), como fizemos no teste *online*, mas sim pensamos em novas palavras e criamos novas formas truncadas para servirem como formas distratoras para esse teste.

No primeiro exercício, novamente apresentamos uma lista de 30 formas truncadas e os participantes deviam indicar quais eram as suas palavras de origem. Com exceção das formas distratoras, os truncamentos usados foram os mesmos do teste *online*.

No segundo exercício, 30 palavras do português foram apresentadas aos informantes e eles deveriam propor formas truncadas para elas e indicar qual a sílaba tônica dessas formas, do mesmo modo que no teste *online*. No entanto, agora, as palavras

estavam inseridas em sentenças, de modo que ficasse mais claro o sentido das palavras que estávamos apresentando. Como o teste foi aplicado em papel, foi solicitado que os informantes marcassem a sílaba tônica do truncamento sublinhando ou circulando-a. Uma amostra do exercício pode ser vista na Figura 8.

## PERGUNTA 2

A partir das palavras **em destaque** abaixo, sugira uma forma encurtada da palavra que lhe pareça soar bem na fala informal. Sublinhe ou circule a sílaba ou vogal que você considera forte (tônica) em cada uma das palavras que você sugerir.

- A pesquisa tratava da análise da **macromolécula** de uma proteína.  
\_\_\_\_\_
- O **chinês** inaugurou uma nova loja.  
\_\_\_\_\_
- Não custou nenhum **tostão** para consertar o aparelho.  
\_\_\_\_\_

**Figura 8** - Exemplo do exercício 2 do teste presencial

O terceiro exercício foi o mesmo do teste *online*: propor diminutivos para 20 formas truncadas. No entanto, como o exercício anterior, as palavras estavam inseridas em sentenças para melhor compreensão do significado por parte dos informantes. Nesse teste, a compreensão do significado da palavra truncada era essencial para que os informantes pudessem resgatar a palavra-base do truncamento e, dessa forma, pudessem também recuperar seu gênero.

## PERGUNTA 3

Proponha um diminutivo para as palavras **em destaque** abaixo usando uma dessas terminações inho/inha/zinho/zinha.

- Vamos tomar uma **ceva**?  
\_\_\_\_\_
- O meu **computa** estragou de novo!  
\_\_\_\_\_
- Ela fez uma **lipo**.  
\_\_\_\_\_

### Figura 9 - Exemplo do exercício 3 do teste presencial

Na próxima seção, explicamos como os dados foram organizados, quais os critérios usados na sua codificação e qual foi o tratamento dado a eles.

#### 4.4 Tratamento e análise dos dados

Os dados de ambos os testes foram organizados e codificados em uma tabela Excel. Nos exercícios 1 e 2, os dados foram codificados de acordo com o seu acento e o número de sílabas, bem como se a palavra apresentava mais de um acento fonológico. Codificamos tanto as palavras utilizadas no teste, quanto as respostas dos informantes, de modo que pudéssemos comparar a suas estruturas. Também foi anotado qual era o acento e o número de sílaba que esperávamos como resposta para as formas apresentadas nos testes, para que fosse possível verificar se a resposta dos informantes coincidia com a que era esperada.

No terceiro exercício, também codificamos tanto os dados utilizados no teste quanto os dados das respostas dos informantes. Dos truncamentos utilizados no teste foi anotado qual era a sua vogal final e qual era o gênero de sua palavra-base. Das respostas dos informantes, também foi anotado a vogal final e se a forma de diminutivo escolhida havia sido -inh- ou -zinh-.

A análise estatística dos dados foi feita com o *software* SPSS<sup>10</sup>. Os resultados da análise quantitativa, bem como de uma análise qualitativa dos dados serão apresentados e discutidos no próximo capítulo.

#### Síntese do capítulo

Neste capítulo, vimos que os dados foram levantados a partir de trabalhos anteriores sobre o truncamento e foram organizados em um *corpus* de acordo com critérios fonológicos e morfológicos, como acento, número de sílabas, palavra fonológica e palavra morfológica. Esses dados foram usados na construção de um teste *online*, que foi aplicado através uma plataforma na internet e que foi reformulado e aplicado presencialmente em duas turmas de uma escola privada de Porto Alegre. Os testes têm

---

<sup>10</sup> Statistical Package for Social Sciences, pacote de programas estatísticos empregados em ciências humanas e sociais. Disponível em: [www.spss.com](http://www.spss.com) (Acesso em 10/07/2018)

como objetivos verificar qual as estratégias usadas pelos falantes para truncar palavras do português e encontrar possíveis padrões no processo de truncamento, bem como discutir qual o *status* da vogal final do truncamento.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Teste *online*

Como explanado no capítulo anterior, que tratou da metodologia empregada neste trabalho, realizou-se um teste *online*, ancorado na plataforma *SurveyMonkey*, com 43 informantes. O teste era composto de três exercícios. No primeiro, os informantes eram apresentados a formas truncadas e deveriam recuperar a palavra-base dessas formas. No segundo exercício, havia uma lista de palavras do português e solicitava-se que os informantes propusessem truncamentos a essas palavras. No terceiro e último exercício, os informantes deveriam propor diminutivos (com *inho/inha/zinho/zinha*) para os truncamentos aos quais eram apresentados. A seguir, apresentamos os resultados obtidos a partir do teste *online*.

#### 5.1.1 Exercício 1

No exercício 1, os informantes, em geral, conseguiram associar os truncamentos fornecidos a bases do português, houve apenas 2,71% de respostas em branco. A identificação das formas truncadas com as bases esperadas, ou seja, com as bases às quais elas estavam associadas no *corpus* variou entre 53,5% e 100%. Os dados que obtiveram um consenso de 100% na relação do truncamento com a base foram os truncamentos *reFRI*, *maDRUGa*, *PROfe*, *aNIver* e *oFTALmo*. Acreditamos que essas são formas já bastante usuais e muito produtivas no português brasileiro, por isso, há consenso na escolha da palavra-base. É interessante notar que esse resultado mostra que, apesar de muito produtivos na língua, os falantes ainda recuperam as bases dessas formas truncadas. Quando olhamos para o resultado de *boTEco*, vemos que 53,5% das respostas apontaram *botequim* como palavra-base. No entanto, o restante das respostas foram *bar* (16,3%) ou *boteco* (20,9%), indicando que uma grande parte dos informantes não via mais essa forma como um truncamento, mas como uma palavra completa da língua.

Um dado que destoou dos demais foi *CONfa*, que, de acordo com o nosso *corpus*, seria a forma truncada para *confiança* ou *confusão*. Apenas 18,6% dos informantes (8 de 43) apontaram *confiança* como palavra-base e 4,7% (2 informantes) deram *confusão* como resposta. As respostas para esse truncamento foram variadas. Nove informantes (20,9%) apontaram *confraternização* como palavra-base para *confa* e cinco informantes



(11,6%) deixaram esse campo em branco. Considerando que esse dado fazia parte dos *corpora* levantados por Belchor (2014), que apresenta dados do dialeto carioca, e de Vilela, Godoy e Silva (2007), com dados do dialeto mineiro, é possível supor que essa forma truncada possa não estar completamente introduzida no dialeto gaúcho ou não faça parte do léxico do grupo social que o teste abrangeu (com faixa etária entre 18 e 35 anos e com Ensino Superior).

Como dito no capítulo anterior, codificamos os dados de acordo com seu acento e número de sílabas, de modo a poder realizar uma comparação dessas informações entre as formas truncadas e as palavras-base propostas pelos informantes. Na Tabela 1, relacionamos o acento das formas truncadas do teste com o acento das palavras-base das respostas dos informantes.

**Tabela 1** - Teste *online*: Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade dos truncamentos

Tonicidade truncamento	Tonicidade palavra-base					TOTAL
	2 acentos	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
Oxítona	73 13,06%	285 <b>50,98%</b>	182 32,56%	3 0,54%	16 2,86%	559 100%
Paroxítona	85 11,63%	341 <b>46,65%</b>	286 <b>39,12%</b>	0 0%	19 2,60%	731 100%
TOTAL	158 12,25%	626 <b>48,53%</b>	468 <b>36,28%</b>	3 0,23%	35 2,71%	1290 100%

p = 0,049

Para os truncamentos oxítonos, um pouco mais da metade (50,98%) dos participantes indicou uma palavra-base também oxítona. Um número considerável de participantes (32,56%) optou por palavras paroxítonas e 13,06% dos participantes indicaram palavras que possuem dois acentos como a origem dos truncamentos oxítonos. Houve apenas três dados de palavras-base proparoxítonas (0,54%).

Nos truncamentos paroxítonos, houve um certo equilíbrio entre palavras-base oxítonas (46,65%) e paroxítonas (39,12%), com vantagem para as oxítonas. 11,63% das palavras-base indicadas possuíam dois acentos e não houve nenhum dado de palavra proparoxítona.

De um modo geral, o resultado é maior nas palavras-base oxítonas e paroxítonas. Isso se reflete no total, no qual 48,53% das palavras-base indicadas eram paroxítonas, 36,28% eram oxítonas, 12,25% possuíam dois acentos e apenas 0,23% representam as

palavras-base proparoxítonas. Os 2,71% correspondem a respostas em branco. É importante ressaltar, no entanto, que a relação analisada nessa tabela não se mostrou significativa, pois o p-valor ficou muito próximo de 5% ( $p=0,049$ )<sup>11</sup>.

Para compreender melhor esses resultados, na Tabela 2, analisamos se o padrão acentual das palavras-base propostas pelos informantes correspondia ao padrão esperado.

**Tabela 2** - Teste *online*: Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade esperada para as palavras-base

Tonicidade esperada	Tonicidade palavra-base					TOTAL
	2 acentos	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
2 acentos	158 <b>91,86%</b>	8 4,65%	1 0,58%	1 0,58%	4 2,33%	172 100%
Oxítona	0 0%	589 <b>85,61%</b>	78 11,34%	0 0%	21 3,05%	688 100%
paroxítona	0 0%	29 6,74%	389 <b>90,47%</b>	2 0,47%	10 2,33%	430 100%
TOTAL	158 12,25%	626 48,53%	468 36,28%	3 0,23%	35 2,71%	1290 100%

Percebemos que, de um modo geral, o padrão acentual das palavras escolhidas pelos informantes era o mesmo do esperado. Quando o esperado eram palavras compostas de dois acentos fonológicos, 91,86% das repostas corresponderam à expectativa. Resultado parecido com as paroxítonas, em que 90,47% das respostas corresponderam ao esperado. Quando o acento esperado era oxítono, 85,61% das respostas eram de palavras oxítonas e 11,34% eram de paroxítonas.

As formas truncadas para as quais esperávamos palavras-base compostas de dois acentos fonológicos eram *pós* e *bi*. No caso de *pós*, 34 informantes (79,1%) propuseram *pós-graduação* como base, que era a resposta esperada. Para o truncamento *bi*, 37 informantes (86%) indicaram *bissexual* como base e dois (4,6%) apontaram *bicampeão*. Em ambos os casos, o truncamento é formado por um prefixo e, por isso, parece que o critério para o encurtamento dessas palavras é mais morfológico do que fonológico, pois os falantes enxergam um limite morfológico na palavra e é nesse limite que fazem o corte.

Um dado que corrobora essa hipótese é o truncamento *aGRI*, que era uma das formas distratoras do exercício 1, ou seja, era um truncamento que, a princípio, é

<sup>11</sup> Veremos que, na análise dos resultados do teste presencial, diferentemente do teste *online*, essa relação se mostrou significativa.

inexistente na língua. Mesmo assim, a maioria dos informantes sugeriu *agricultura* ou *agricultor* como base para esse truncamento. Teríamos, aqui, um caso semelhante à *oFTALmo*, que tem como base *oftalmologista* ou *oftalmologia*. Nos dois casos, temos o que chamamos de raízes eruditas, que são construções com bases presas de origem grega ou latina. Em *agricultor/agricultura* e em *oftalmologista/oftalmologia*, assim como nos casos dos prefixos *pós* e *bi*, os falantes identificam um limite morfológico e fazem uso dele para formar o truncamento.

Olharemos, agora, para o número de sílabas. A Tabela 3 compara o número de sílabas da palavra truncada com o número de sílabas das palavras-base das respostas dos informantes.

**Tabela 3** - Teste *online*: Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas dos truncamentos

Nº sílabas truncamento	Nº sílabas palavras-base					TOTAL
	1	2	3	4	x	
1 sílaba	2 2,33%	4 4,65%	1 1,16%	75 <b>87,21%</b>	4 4,65%	86 100%
2 sílabas	0 0%	87 10,12%	364 <b>42,33%</b>	384 <b>44,65%</b>	25 2,91%	860 100%
3 sílabas	7 2,03%	3 0,87%	64 18,6%	264 <b>76,74%</b>	6 1,74%	344 100%
TOTAL	9 0,70%	94 7,29%	429 33,26%	723 56,05%	35 2,71%	1290 100%

$p < 0,001$

Havia apenas duas palavras truncadas com apenas uma sílaba neste exercício do teste. Neste contexto, 87,21% dos informantes optou por uma palavra-base polissílaba. Os dois truncamentos com uma só sílaba são *pós* e *bi*, e a maioria das respostas apontou *pós-graduação* e *bissexual*, respectivamente, como base, como foi explanado anteriormente.

No caso de truncamentos com duas sílabas, os resultados dividiram-se entre palavras-base com três sílabas e polissílabas (42,33% e 44,65, respectivamente). Para os casos de truncamentos com três sílabas, 76,74% são de palavras-base polissílabas. O restante se concentra, em sua maioria, nas palavras trissílabas (18,60%).

No total, a maioria das palavras-base propostas pelos informantes é polissílaba (56,05%). No entanto, as palavras trissílabas também apresentam um percentual considerável, com 33,26%. Cabe, aqui, o questionamento acerca da relação entre o

tamanho da palavra-base e o truncamento. Será que quanto maior o truncamento, maior precisa ser a palavra da qual ele se origina? A partir do resultado aqui observado, pode-se afirmar que o truncamento ser menor em número de sílabas do que a palavra de origem parece ser uma tendência, mas não é uma regra. Cerca de 10% dos truncamentos dissílabos do teste tiveram propostas de palavras-base também dissílabas. No caso dos truncamentos trissílabos esse resultado é um pouco maior: 18,60% das palavras-base também eram trissílabos.

Assim como no padrão acentual, analisamos se o número de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes correspondia ao número esperado.

**Tabela 4** - Teste *online*: Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para as palavras-base

Nº sílabas esperado	Nº sílabas palavras-base					TOTAL
	1	2	3	4	x	
2 sílabas	0	69	13	0	4	86
	0%	<b>80,23%</b>	15,12%	0%	4,65%	100%
3 sílabas	7	10	371	34	8	430
	1,63%	2,33%	<b>86,28%</b>	7,91%	1,86%	100%
4 sílabas	2	15	45	689	23	774
	0,26%	1,94%	5,81%	<b>89,02%</b>	2,97%	100%
TOTAL	9	94	429	723	35	1290
	0,70%	7,29%	33,26%	56,05%	2,71%	100%

Percebemos que, de um modo geral, o número de sílabas das palavras sugeridas pelos informantes era o mesmo do esperado, com uma correspondência que varia entre 80% e 89%. Há uma concentração de dados em casos em que o número de sílabas esperado era dois, mas os informantes responderam com palavras-base trissílabas. Nestes casos, temos uma porcentagem de 15,12%. Esses dados se concentram todos nas respostas para o truncamento *BURga*, que teve quatro informantes que apontaram *burguesa* como base e seis informantes responderam que *hambúrguer* seria a palavra-base desse truncamento. O caso de *burguesa* é interessante pois podemos imaginar que os informantes optaram pela forma feminina (ao invés de *burguês*, que era o esperado) em função da vogal final do truncamento, que é *a*. Se esse for o caso, os informantes entenderam o *a* de *burga* como uma marca de gênero, o que é bastante interessante para a discussão do *status* da vogal final do truncamento.

No caso de *hambúrguer*, teríamos um truncamento formado a partir da porção final da palavra, como teríamos em *noia* para *paranoia*, por exemplo. O interessante, nesse caso, seria o corte feito no ataque da última sílaba da palavra para que o *a* fosse acrescido. Esse dado se diferencia de truncamentos como *batera* e *vestiba*, nos quais a parte inicial da palavra é mantida.

Na próxima seção, veremos os resultados para exercício 2 do teste, no qual os informantes eram apresentados a palavras do português e deveriam propor truncamentos para elas.

### 5.1.2 Exercício 2

No exercício 2, o percentual de formas truncadas produzidos pelos informantes que corresponderam às formas presentes no *corpus* variou entre 2,3% e 97,7%. Apesar da grande variação, é importante ressaltar que a média de correspondência foi de quase 70%. Há apenas quatro dados que se distanciaram muito da média: *tostão* (2,3%), *juvenil* (7%), *futebol* (13,9%) e *confiança* (11,6%). Devemos ressaltar que, até esse momento, ainda não estamos olhando para o acento das formas, visto que vários informantes sugeriram formas truncadas, mas não marcaram qual seriam suas sílabas tônicas.

Dentre os dados nos quais quase não houve correspondência com os dados do *corpus*, *tostão* é o dado com o qual houve mais variação nas respostas. A forma truncada para *tostão* nos nossos dados é *tusta*, no entanto, apenas um informante sugeriu essa forma. As respostas em maior número foram *tosti* (18,6%) e *tosta* (25,6%). Os resultados de *juvenil* e *futebol* se assemelham muito. Para *juvenil*, 51,2% dos informantes indicaram *juve* como sua forma truncada e 11,6% propuseram o truncamento *juvi*. O mesmo ocorre com *futebol*, em que 23,3% das respostas foram em favor da forma *fute* e 32,6% em favor de *futi*. Podemos supor que essa forma terminada em *i* poderia ser apenas a redução da vogal *e* no final da palavra, sendo que, dentre aqueles que marcaram o acento na sua resposta, a maioria indicou que esses seriam truncamentos paroxítonos, o que faria com que estes *e* e *i* finais fossem átonos, possibilitando a redução. Por fim, em *confiança*, 55,8% das respostas apontaram *confi* como um possível truncamento. O que há em comum entre essas formas é que houve uma preferência por manter a vogal da base, ao invés de acrescentar o *a*; e nos casos em que esperávamos truncamentos trissílabos – como em *futiba* e *juvena* – os informantes preferiam formas dissílabas.

Olhemos agora para os dados referentes ao acento das formas que foram encurtadas pelos informantes. Nesta primeira tabela, comparamos o acento das palavras que foram apresentadas aos informantes no exercício e o acento dos truncamentos que eles sugeriram.

**Tabela 5** - Teste *online*: Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade das palavras-base

Tonicidade palavra-base	Tonicidade truncamento				TOTAL
	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
2 acentos	100 33,22%	152 <b>50,50%</b>	2 0,66%	47 15,61%	301 100%
oxítona	152 27,19%	303 <b>54,20%</b>	0 0%	104 18,60%	559 100%
paroxítona	158 36,74%	22 <b>51,40%</b>	0 0%	51 11,86%	430 100%
TOTAL	410 31,78%	676 <b>52,40%</b>	2 0,16%	202 15,66%	1290 100%

p = 0,001

Nessa tabela, é interessante notar que, não importando o padrão acentual da palavra de origem, pelo menos 50% das palavras truncadas propostas pelos informantes eram paroxítonas, o que parece respeitar o padrão acentual mais geral do português. O contexto em que se encontrou uma maior vantagem para os truncamentos paroxítonos foi o de palavras oxítonas (54,20%). Os truncamentos oxítonos também apresentam um resultado relevante, com um percentual em torno dos 30%. Esse resultado se reflete no total, com 52,40% para os truncamentos paroxítonos e 31,78% para os oxítonos.

Nesse teste, tivemos uma porcentagem maior de respostas em branco ou que não foram consideradas válidas (15,66%). Isso ocorre, pois, como dito anteriormente, alguns informantes, apesar de proporem truncamentos, não marcaram qual seria a sílaba tônica dessas formas truncadas. Portanto, essas repostas tiveram que ser desconsideradas nessa análise do acento, mas serão consideradas nas análises relacionadas ao número de sílabas.

Na Tabela 6, analisamos se a tonicidade das formas truncadas formadas pelos informantes, era a mesma que esperávamos, de acordo com os dados do *corpus*.

**Tabela 6** - Teste *online*: Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade esperada para os truncamentos

Tonicidade esperada	Tonicidade truncamento				TOTAL
	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
distratora	74 28,68%	124 <b>48,06%</b>	2 0,78%	58 22,48%	258 100%
oxítona	235 <b>68,31%</b>	66 19,19%	0 0%	43 12,50%	344 100%
paroxítona	101 14,68%	486 <b>70,64%</b>	0 0%	101 14,68%	688 100%
TOTAL	410 31,78%	676 52,40%	2 0,16%	202 15,66%	1290 100%

No exercício 2, havia seis palavras distratoras (*macromolécula*, *flexibilidade*, *particular*, *ventilador*, *poligamia* e *hermografia*). Essas são palavras que não constavam no nosso *corpus* e, portanto, não tínhamos conhecimento de formas truncadas para elas. Nesse contexto, 22,48% dos informantes não responderam ou tiveram respostas que não consideramos válidas ou, ainda, não marcaram a sílaba tônica da forma truncada, 48,06% sugeriram truncamentos paroxítonos e 28,68% sugeriram formas oxítonas.

Dentre as respostas dadas para as palavras distratoras, há algumas que merecem ser destacadas e discutidas. Esperávamos que, para a palavra *macromolécula*, os informantes identificassem o limite morfológico e sugerissem *MAcro* como sua forma truncada. Isso ocorreu em boa parte dos dados (44%). No entanto, em 14% das respostas os informantes não identificaram esse limite morfológico e sugeriram *macroMOL* como truncamento, fazendo uso de algum outro critério que não o morfológico para encurtar a palavra. Em contrapartida, um informante deu como resposta um dado que nos dá evidência a favor do argumento de que teríamos duas raízes e/ou duas palavras fonológicas em *macromolécula*. O dado em questão foi *maCREcula* e nos parece que o informante identificou as duas raízes e fez um *blend* delas, algo parecido com o que ocorre em formas como *mãedrasta* e *bebemorar* (GONÇALVES, 2004), em que teríamos a junção de dois vocábulos. Em *maCREcula*, para realizar o *blend*, o informante utiliza a parte inicial de *macro* e as últimas sílabas de *molécula*, o que evidencia a sua percepção de que haveria duas palavras em *macromolécula*.

Para a palavra *flexibilidade*, 44,2% dos informantes acreditam que *flex* possa ser um truncamento possível. Acreditamos que isso possa ter ocorrido, pois *flex* é uma palavra presente na mídia atual. No entanto, geralmente, *flex* é usado como adjetivo (“O

carro é *flex*”), e não como um substantivo, como seria nesse caso. Considerando que essa era uma palavra distratora, que não havia registro de forma truncada para ela, os informantes podem ter se valido de uma palavra que tinham no léxico e que faz parte do mesmo campo semântico, mesmo que talvez não a usariam no lugar de *flexibilidade* em uma fala usual.

Na sequência da tabela, temos os contextos nos quais se esperava que o truncamento fosse oxítono. Nesse contexto, houve uma correspondência de 68,31% com o esperado. Em 19,19% das respostas, os truncamentos eram paroxítonos. Dentre esses truncamentos paroxítonos, estão formas truncadas para as palavras *carnaval* e *preguiça*. Em *carnaval*, 62,8% dos informantes indicaram que o truncamento *carna* seria paroxítono (*CARna*). Aqui, poderia haver algum efeito do acento secundário da palavra: sendo apagada a sílaba tônica, o acento principal passaria para sílaba portadora do acento secundário (como sugere Araújo, 2002). Já em *preguiça*, 30,2% dos informantes marcaram a primeira sílaba de *pregui* como tônica (*PREgui*). Nesse caso, ao invés de se manter o acento na sílaba que era originalmente tônica na palavra-base, parece que se optou por um padrão acentual mais regular da língua, criando um troqueu silábico.

Por fim, nos contextos nos quais esperavam-se truncamentos paroxítonos, há uma maior correspondência: 70,64% das respostas eram de truncamentos paroxítonos e 14,68 correspondiam a formas oxítonas.

Na tabela a seguir, analisa-se o número de sílabas das formas truncadas propostas pelos informantes em relação ao número de sílaba de suas palavras-base.

**Tabela 7** - Teste *online*: Proporção do nº de sílabas dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação ao nº de sílabas das palavras-base

Nº sílabas palavra-base	Nº sílabas truncamento					TOTAL
	1	2	3	4	x	
2 sílabas	9 10,47%	59 <b>68,60%</b>	0 0%	0 0%	18 20,93%	86 100%
3 sílabas	18 4,65%	310 <b>80,10%</b>	28 7,24%	0 0%	31 8,01%	387 100%
4 sílabas	106 12,97%	380 <b>46,51%</b>	240 29,38%	10 1,22%	81 9,91%	817 100%
TOTAL	133 10,31%	749 58,06%	268 20,78%	10 0,78%	130 10,08%	1290 100%

p < 0,001



Para todos os contextos, prevaleceram os truncamentos com duas sílabas, com um percentual de 68,60% para o contexto de palavra-base dissílaba, 80,10% para palavras-base trissílabas e 46,51% para palavras polissílabas. É interessante notar, no entanto, que, nos contextos de palavras-base polissílabas, 29,38% dos informantes optaram por truncamentos trissílabos. Esse resultado é semelhante ao que propõe Martini (2010). A autora afirma que com palavras-base dissílabas, como *chinês*, *burguês* e *mulher*, o truncamento também será dissílaba (*china*, *burga* e *mulha*). Se a palavra-base for trissílaba, como em *japonês* e *flagrante*, a tendência será formar truncamentos dissílabos (*japa* e *flagra*, respectivamente). Já quando a palavra é polissílaba, o truncamento seria trissílaba, como em *baterista* > *batera* e *traficante* > *trafica*. Martini observa, em seus dados, que “formas derivantes mais curtas tendem a gerar truncamentos dissilábicos, ao passo que formas derivantes mais extensas tendem a formar truncamentos trissilábicos.” (p.236). Nos nossos dados, quando a palavra-base é polissílaba, ainda há uma preferência por truncamentos dissílabos, no entanto, o número de truncamentos trissílabos é maior do que nos outros contextos.

Aqui, portanto, não parece haver uma preferência pela correspondência entre o número de sílabas da palavra-base e da forma truncada. Apesar do número considerável de truncamentos trissílabos para bases polissílabas, há ainda uma preferência por truncamentos dissílabos.

Na Tabela 8, analisamos se o número de sílabas das formas truncadas propostas pelos informantes correspondia ao número esperado.

**Tabela 8** - Teste *online*: Proporção do nº de sílabas dos truncamentos propostos pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para os truncamentos

Nº sílabas esperado	Nº sílabas truncamento					TOTAL
	1	2	3	4	x	
1 sílaba	78 <b>90,70%</b>	2 2,33%	0 0%	0 0%	6 6,98%	86 100%
2 sílabas	18 2,99%	510 <b>84,72%</b>	12 1,99%	3 0,50%	59 9,80%	602 100%
3 sílabas	15 4,36%	91 26,45%	213 <b>61,92%</b>	1 0,29%	24 6,98%	344 100%
distratora	22 8,53%	146 <b>56,59%</b>	43 16,67%	6 2,33%	41 15,89%	258 100%
TOTAL	133 10,31%	749 58,06%	268 20,78%	10 0,78%	130 10,08%	1290 100%

Assim como no resultado do exercício 1, o número de sílabas das formas truncadas sugeridas pelos informantes é, em sua maioria, o mesmo esperado. Para os dois dados para os quais esperávamos truncamentos monossílabos (*pré-escola* > *pré* e *tricampeão* > *tri*), 90,70% das respostas corresponderam ao esperado. Quando eram esperados truncamentos dissílabos, a correspondência foi de 84,72%. Nos dados nos quais esperávamos truncamentos trissílabos, o percentual de correspondência foi um pouco menor (61,92%) e 26,45% dos informantes optaram por truncamentos dissílabos. Para as palavras distratoras, 56,59% das respostas foram de formas truncadas dissílabas. Como visto na tabela 7, percebe-se, aqui, uma preferência por truncamentos dissílabos.

### 5.1.3 Exercício 3

Neste último exercício do teste, os participantes eram apresentados a formas truncadas e deveriam formar diminutivos utilizando -inho(a) ou -zinho(a). Nosso objetivo era verificar se, ao formar a forma diminutiva, os informantes manteriam a vogal final do truncamento ou se resgatariam o gênero da palavra-base. Na tabela 9, analisamos se há correspondência entre o gênero da palavra e a vogal final escolhida para a forma diminutiva.

**Tabela 9** - Teste *online*: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero das formas truncadas

Gênero do truncamento	Vogal final do diminutivo				TOTAL
	A	O	O/A	x	
Feminino	270 <b>57,08%</b>	107 22,62%	0 0%	96 20,30%	473 100%
Masculino	63 29,30%	108 <b>50,23%</b>	0 0%	44 20,47%	215 100%
Masculino/Feminino	56 32,56%	83 <b>48,26%</b>	2 1,16%	31 18,02%	172 100%
TOTAL	389 45,23%	298 34,65%	2 0,23%	171 19,88%	860 100%

$p < 0,001$

A maior parte dos truncamentos femininos teve como resposta uma forma diminutiva terminada em *a* (57,08%). Nos truncamentos masculinos, a maior parte dos informantes optou por uma forma diminutiva com *o* (50,23). Nos truncamentos femininos, houve uma quantidade considerável de respostas com vogal final *o* (22,62%).

O contrário também é verdadeiro: para os truncamentos masculinos, 29,30% das respostas foram de diminutivos com vogal final *a*. Isso pode ser melhor esclarecido quando fizermos um cruzamento entre o gênero do truncamento e a sua vogal final, de modo a verificar se esses casos são, por exemplo, de truncamentos masculinos terminados em *a*, nos quais os informantes optaram por manter a vogal final do truncamento na forma diminutiva.

A categoria classificada como Masculino/Feminino se refere aos truncamentos de substantivos sexuais biformes ou comuns de dois gêneros que poderiam tanto representar o gênero masculino ou feminino<sup>12</sup>. Nesse contexto, houve uma vantagem para os diminutivos formados com a vogal final *o* (48,26%), mas com uma quantidade significativa para as formas terminadas em *a* (32,56%). Isso também poderá ser melhor explicado com o cruzamento citado anteriormente e que será apresentado em seguida. É interessante notar, ainda, que é nesse contexto – Masculino/Feminino – que há dados para essa categoria que chamamos de O/A. Acrescentamos essa categoria, pois um informante, compreendendo o caráter ambíguo de dois substantivos – um deles biforme e o outro comuns de dois gêneros –, deixou claro, em sua resposta, que poderia formar o diminutivo tanto com *-a* quanto com *-o* (*oftalmo* > *oftalmozinho(a)*; *comuna* > *comunazinho(a)*).<sup>13</sup>

Na Tabela 10, relacionamos a vogal final das formas truncadas apresentadas aos informantes e a vogal escolhida nos diminutivos propostos por eles.

**Tabela 10** - Teste *online*: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação às vogais finais das formas truncadas

Vogal final do truncamento	Vogal final do diminutivo				TOTAL
	A	O	O/A	x	
A	250 <b>48,45%</b>	137 26,55%	1 0,19%	128 24,81%	516 100%
E	18 <b>41,86%</b>	6 13,95%	0 0%	19 44,19%	43 100%
O	121 40,20%	155 <b>51,50%</b>	1 0,33%	24 7,97%	301 100%
TOTAL	389 45,23%	298 34,65%	2 0,23%	171 19,88%	860 100%

p < 0,001

<sup>12</sup> Os truncamentos classificados como Masculino/Feminino eram: *freela* (*freelancer*), *oftalmo* (*oftalmologista*), *delega* (*delegado*) e *comuna* (*comunista*).

<sup>13</sup> Uma das formas distratoras apresentadas aos informantes era *tempera*, que seria um truncamento para *temperatura*. No entanto, percebemos nas respostas dos informantes que eles associaram essa forma à terceira pessoa do singular do verbo *temperar* no presente do indicativo ou ainda com o substantivo *tempero*. Por isso, esse dado foi desconsiderado da análise.

As formas diminutivas terminadas em *a* aparecem em maior número nos truncamentos também terminados em *a* (48,45%). É interessante notar, no entanto, que o percentual de diminutivos com *a* também é alto nos contextos de truncamentos com *e* (41,86%) e com *o* (40,2%). Há apenas um truncamento terminado em *e* e é a forma *porCE*, que tem como base *porcelana*. Considerando que a vogal final desse truncamento não poderia ser mantida na forma diminutiva (não seria possível formar um diminutivo com *inhe* ou *zinhe*), é provável que, neste caso, os informantes recorreram ao gênero da palavra-base, por isso, a preferência pelo diminutivo com a vogal *a*.

O contexto em que prevalecem os diminutivos com *o*, é o contexto de truncamentos também terminados com *o*. No entanto, como mencionado anteriormente, é considerável o número de informantes que optaram por diminutivos com *a* nesse contexto. Voltando para o contexto de vogal final *a*, há também um percentual expressivo de diminutivos com *o* (26,5%). Olhemos para isso com maior clareza na tabela 11 a seguir.

Como dito anteriormente, fizemos um cruzamento entre o gênero e a vogal final das formas truncadas, para que, dessa forma, pudéssemos verificar se os informantes, ao formar o diminutivo dos truncamentos, optam por manter a vogal final do truncamento ou se essa escolha da vogal final do diminutivo é feita de acordo como gênero da palavra.

**Tabela 11** - Teste *online*: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero e à vogal final dos truncamentos

Gênero + Vogal final	Vogal final do diminutivo				TOTAL
	A	O	O/A	x	
FA	142 <b>66,05%</b>	9 4,19%	0 0%	64 29,77%	215 100%
FE	18 <b>41,86%</b>	6 13,95%	0 0%	19 44,19%	43 100%
FO	110 <b>51,16%</b>	92 <b>42,79%</b>	0 0%	13 6,05%	215 100%
MA	55 31,98%	77 <b>44,77%</b>	0 0%	40 23,26%	172 100%
MO	56 32,56%	83 <b>48,26%</b>	2 1,16%	31 18,02%	172 100%
MFA	8 18,60%	31 <b>72,09%</b>	0 0%	4 9,30%	43 100%
TOTAL	389 45,23%	298 34,65%	2 0,23%	171 19,88%	860 100%

$p < 0,001$  | Legenda: F – feminino; M – masculino; MF – masculino/feminino; A – palavra terminada em -a; E – palavra terminada em -e; O – palavra terminada em -o

Em todos os truncamentos femininos, não importando a vogal final, houve uma preferência por diminutivos terminados em *a*. No entanto, é interessante observar que, nos casos de truncamentos femininos terminados em *o*, houve um número expressivo de formas diminutivas também terminadas em *o* (42,79%).

Olhando para esses truncamentos femininos terminados em *o*, encontramos alguns resultados interessantes. O primeiro deles é em relação à forma truncada *foto*, dos 43 informantes, 30 responderam que *fotinho* seria a sua forma diminutiva e 10 responderam *fotinha* seria o diminutivo de *foto*. Esse dado é muito interessante, pois parece que os informantes que responderam com o diminutivo em *o* já enxergam *foto* como uma palavra da língua, ou seja, como uma palavra feminina terminada em *o*. Por esse motivo, não haveria a necessidade de marcar o gênero da palavra com *a* na forma diminutiva. Esse seria um dado raro na língua, visto que são quase inexistentes as palavras femininas terminadas em *o* (cf. Capítulo 3).

Para *lipo* – forma truncada de *lipoaspiração* –, houve 14 respostas (32,6%) para *lipinho* e 21 respostas (48,8%) para *lipozinha*. No caso de *lipinho*, podemos supor que, assim como em *fotinho*, os informantes reconhecem essa forma como um substantivo feminino terminado em *o*. Já em *lipozinha*, se recupera o gênero da palavra e ele é marcado na vogal final do diminutivo, seguindo o padrão geral da língua. Em relação à escolha de *-inho* ou *-zinho*, recorremos aos trabalhos de Menuzzi (1993) e de Lee (1999). Menuzzi (1993, p.2) afirma que a regularidade da alternância entre *-inho* e *-zinho* é definida, em parte, pela distinção morfológica entre nomes temáticos e nomes não temáticos. Aos nomes temáticos, ou seja, nomes com vogais temáticas (ex.: *porta*, *louco*, *doce*), é acrescido *-inho*. Já em os nomes não temáticos (ex.: *mar*, *papel*, *café*) é o sufixo *-zinho* que é acrescido. Lee (1999, p.114), de forma semelhante a Menuzzi, diz que *-inho* “é acrescido aos radicais com vogais temáticas (-a, -o, -e, que representam, nas palavras não verbais, classes morfológicas, como número e gênero)” enquanto que *-zinho* “é acrescido aos radicais sem vogais temáticas.” A partir dessas afirmações, poderíamos supor que, em *lipozinha*, se reconheceria que o *o* final de *lipo* como parte da raiz e não como uma vogal temática ou marca de gênero. Já em *lipinho*, do mesmo modo que em *foto*, é possível supor que talvez essa forma já esteja no léxico dos falantes e o *o* seja compreendido como uma vogal temática de uma palavra feminina terminada em *o*.

Nos truncamentos masculinos, tanto naqueles terminados em *o* quanto nos terminados em *a*, preferiu-se diminutivos com a vogal final *o*. Porém, assim como nos truncamentos femininos, há uma diferença no resultado dos truncamentos masculinos

com vogal final *a*: 31,98% das formas diminutivas eram terminadas em *a*. Esse resultado poderia supor que, em alguns casos, os falantes não recuperariam a palavra-base para formar o diminutivo e seriam guiados apenas pela vogal final da forma truncada. É o que pode ter acontecido em dados como *telefinha* (*telefa* < *telefone*) e em *Maraquinha* (*Maraca* < *Maracanã*), que tiveram 10 e 12 respostas, respectivamente.

Nas formas truncadas bifformes ou comuns de dois gêneros, apesar de todas terminarem em *a*, houve uma preferência pelo *o*, o que pode confirmar o caráter *default* e menos marcado dela no português. Ainda assim, houve uma porcentagem considerável de diminutivos terminados em *a*, o que poderia novamente dar força à tese citada acima, de que os informantes se baseiam na vogal final da forma truncada para formar o diminutivo, sem recuperar a palavra-base.

## 5.2 Teste presencial

O teste presencial foi aplicado a 46 participantes de uma escola da rede privada de Porto Alegre. Todos tinham entre 15 e 18 anos e eram residentes de Porto Alegre. Neste teste, foram aplicados os mesmos exercícios do teste *online*, porém, com algumas modificações. Foram modificadas as palavras distratoras e, nos exercícios 2 e 3, as palavras estavam inseridas em sentenças, de modo que o entendimento do seu significado pelos informantes fosse facilitado. Vejamos, nas seções que seguem, os resultados para o teste presencial em comparação aos resultados do teste *online*.

### 5.2.1 Exercício 1

Assim como no teste *online*, os informantes, de um modo geral, conseguiram associar os truncamentos a palavras-base do português. Nesse teste, no entanto, tivemos um percentual um pouco maior de respostas em branco: 10%. A identificação dos truncamentos a bases esperadas de acordo com o *corpus* variou entre 13% e 100%. Os dados com 100% de correspondência foram *profe*, *aniver* e *oftalmo*. No teste *online*, *refri* e *madruga* também tiveram 100% de correspondência. Aqui, apesar de não terem atingido 100%, o percentual não se distanciou muito disso: *refri* teve 95,7% de correspondência e *madruga* teve 97,8%, com apenas uma resposta diferente.

A forma truncada *confa* foi, novamente, o dado que apresentou o menor percentual de correspondência com a forma esperada. Apenas 13% dos informantes apontaram que

*confiança* seria a palavra-base para *confa*. As palavras-base mais recorrentes foram *confraternização*, com um percentual de 23,9%, e *confraria*, com 13%. No teste *online*, levantamos a hipótese de que esse truncamento poderia não estar completamente inserido no dialeto gaúcho ou que poderia não fazer parte do léxico do grupo social abrangido pelo teste *online*. Nesse teste, temos um grupo social um pouco diferente: a faixa etária varia entre 15 e 18 anos e todos têm Ensino Médio incompleto. Mesmo assim, o resultado para essa forma truncada foi bastante parecido. A primeira hipótese, portanto, parece ser a mais consistente para esse contexto.

O caso de *boteco*, discutido no teste *online*, precisa ser destacado novamente. No teste *online*, 53,5% dos informantes haviam apontado *botequim* como palavra-base deste truncamento. Nesse teste, apenas 26,1% dos informantes responderam *botequim*. O maior percentual de respostas foi *bar*, com 47,8%. Esse resultado só reforça o que foi dito anteriormente: um grande número de informantes não identifica mais *boteco* como um truncamento de uma palavra, mas sim, como uma palavra completa da língua. Para esses informantes, *boteco* já foi completamente lexicalizado.

Na Tabela 12, comparamos o acento das formas truncadas do teste com o acento das palavras-base das respostas dos informantes.

**Tabela 12** - Teste presencial: Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade dos truncamentos

Tonicidade truncamento	Tonicidade palavra-base					TOTAL
	2 acentos	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
oxítona	47 8,51%	305 <b>55,25%</b>	165 29,89%	1 0,18%	34 6,16%	552 100%
paroxítona	89 10,75%	349 <b>42,15%</b>	285 <b>34,42%</b>	1 0,12%	104 12,56%	828 100%
TOTAL	136 9,86%	654 47,39%	450 32,61%	2 0,14%	138 10,00%	1380 100%

p < 0,001

Esse resultado é muito semelhante ao do teste *online*. Para os truncamentos oxítonos, a maior parte das palavras-base indicadas eram também oxítonas (55,25%). Mesmo assim, houve um percentual considerável de 29,89% de palavras-base paroxítonas para esse contexto e 8,51% dos participantes apontaram palavras com dois acentos como base dos truncamentos oxítonos. Houve apenas um dado de palavra-base proparoxítona.

No contexto dos truncamentos paroxítonos, há, novamente, um certo equilíbrio entre respostas com palavras-base oxítonas (42,15%) e paroxítonas (34,42%). 10,75% das palavras-base possuíam dois acentos e há apenas um dado de palavra proparoxítona.

Analisemos, agora, na Tabela 13, se o padrão acentual das palavras-base das respostas dos informantes corresponde ao padrão esperado.

**Tabela 13** - Teste presencial: Proporção da tonicidade das palavras-base propostas pelos informantes em relação à tonicidade esperada para as palavras-base

Tonicidade esperada	Tonicidade palavra-base					TOTAL
	2 acentos	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
2 acentos	135 <b>73,37%</b>	31 16,85%	3 1,63%	1 0,54%	14 7,61%	184 100%
oxítona	1 0,13%	586 <b>74,94%</b>	99 12,66%	1 0,13%	95 12,15%	782 100%
paroxítona	0 0%	37 8,94%	348 <b>84,06%</b>	0 0%	29 7%	414 100%
TOTAL	136 9,86%	654 47,39%	450 32,61%	2 0,14%	138 10%	1380 100%

Assim como no teste *online*, o padrão acentual das palavras escolhidas pelos informantes é, de um modo geral o mesmo do esperado. É preciso lembrar que tivemos um número maior de respostas em branco, por isso, os percentuais serão um pouco menores em relação ao teste *online*. Quando eram esperadas palavras oxítonas, houve 74,94% de correspondência. Quando o acento esperado era paroxítono, 84,06% das respostas foram de palavras paroxítonas. O contexto no qual houve uma diferença em relação ao teste *online* foi nos truncamentos para os quais havia a expectativa de palavras com dois acentos fonológicos. No teste *online*, houve quase 92% de correspondência. Aqui, apenas 73,37% das respostas eram de palavras com dois acentos e 16,85% das palavras-base sugeridas eram oxítonas.

Eram esperadas palavras-base com dois acentos fonológicos para os mesmos truncamentos do teste *online*: *pós* e *bi*. No caso de *bi*, 76,1% dos informantes indicaram *bissexual* como resposta e 4,3% apontara *bicampeão* como base para *bi*. Esse resultado é semelhante ao do teste *online*. O dado que se diferencia, aqui, é *pós*. 17,4% das respostas foram com palavras nas quais *pós* é um sufixo (*pós-graduação*, *pós-doutorado* e *pós-parto*) e corresponderam ao esperado. No entanto, 21,7% (10 informantes) entenderem que *após* poderia ser a base de *pós* e 39,1% apontaram *depois* como palavra-base. Talvez,



aqui, mais do que imaginar que *pós* possa ser realmente um truncamento para *após* ou *depois*, podemos supor que os informantes recorreram à semântica da palavra, procurando palavras que tenham o mesmo sentido ou um sentido semelhante ao que é dado com o prefixo *pós*.

Na Tabela 14, relaciona-se o número de sílabas da palavra truncada com o número de sílabas das palavras-base das repostas dos informantes.

**Tabela 14** - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas dos truncamentos

Nº sílabas truncamento	Nº sílabas palavras-base				TOTAL
	2	3	4	x	
1 sílaba	29 31,52%	5 5,43%	47 <b>51,09%</b>	11 11,96%	92 100%
2 sílabas	113 12,93%	385 <b>44,05%</b>	311 <b>35,58%</b>	65 7,44%	874 100%
3 sílabas	11 2,66%	39 9,42%	302 <b>72,95%</b>	62 14,98%	414 100%
TOTAL	153 11,09%	429 31,09%	660 47,83%	138 10%	1380 100%

$p < 0,001$

As duas palavras truncadas com apenas uma sílaba no exercício 1 eram *bi* e *pós*. Como dito anteriormente, houve um grande número de respostas que apontaram *após* e *depois* como palavras-base de *pós*. São esses dados que aumentam o percentual de palavras-base dissílabas (31,52%) no contexto de truncamento monossílabo. Mesmo assim, a maior parte das respostas foi de bases polissílabas (51,09%), como ocorreu no teste *online*.

Para os truncamentos dissílabos, o número de palavras-base trissílabas aumentou um pouco em relação ao teste *online* (de 42,33% para 44,05%) e o número de palavras-base polissílabas diminuiu (de 44,65% para 35,58%). Nos truncamentos com três sílabas, grande parte das palavras-base indicadas pelos informantes eram polissílabas (72,95%).

Ao questionarmos, novamente, a relação entre o tamanho da palavra-base e o tamanho do truncamento, chegamos à mesma conclusão do teste *online* em relação a esses resultados: parece haver uma tendência de o truncamento ser menor em número de sílabas do que a sua palavra de origem. No entanto, vimos que para quase 13% dos truncamentos dissílabos foram propostas palavras-base também dissílabas. Para os truncamentos trissílabos, 9,42% das palavras-base também eram formadas por três sílabas.

Na Tabela 15, analisamos se o número de sílabas esperado para as palavras-base corresponde ao que foi proposto nas respostas dos informantes.

**Tabela 15** - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas das palavras-base propostas pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para as palavras-base

Nº sílabas esperado	Nº sílabas palavras-base				TOTAL
	2	3	4	x	
1 sílaba	72 <b>78,26%</b>	5 5,43%	5 5,43%	10 10,87%	92 100%
2 sílabas	23 4,55%	348 <b>68,77%</b>	74 14,62%	61 12,06%	506 100%
3 sílabas	58 7,42%	76 9,72%	581 <b>74,30%</b>	67 8,57%	782 100%
TOTAL	153 11,09%	429 31,09%	660 47,83%	138 10%	1380 100%

Considerando os 10% de respostas em branco do teste, há, de um modo geral, correspondência entre o número de sílabas das palavras-base sugeridas pelos informantes e o esperado, assim como ocorreu no teste *online*. A correspondência varia entre 68,26% e 78,26%.

Aqui, um percentual que destoa um pouco do esperado é os 14,62% no contexto em que eram esperadas palavras com três sílabas, mas que as repostas eram de palavras polissílabas. Ao investigar mais a fundo quais eram esses casos, encontramos alguns dados que merecem destaque. No truncamento *viSU*, para o qual esperava-se *visual* como resposta, sete informantes (15,2%) apontaram *visualizar* como palavra-base. Esse dado é interessante, pois o processo do truncamento se dá, geralmente, com os nomes e não com verbos. Para a forma *conDI*, três informantes também indicaram o verbo *condicionar* como palavra-base. Esses dados são um pouco estranhos, pois não há registro de truncamento com verbos. É possível que, no exercício de pensar em uma base para as formas truncadas, a semelhança com esses verbos tenha facilitado essa escolha. É preciso lembrar que, nesse primeiro exercício, os dados não estão inseridos em frases, pois não queríamos influenciar a escolha dos informantes na seleção das palavras-base. Isso pode ter contribuído para o surgimento de verbos como resposta.

Há, ainda, a forma truncada *insTRU*, que era uma forma distratora, formada a partir de *instrução*. A maior parte dos informantes (56,5%) apontou *instrução* como palavra-base. No entanto, onze informantes (23,6%) entenderam que *instrumento* poderia

ser base para *insTRU* e nos parece que essa seria uma associação possível. No nosso *corpus*, temos um dado de truncamento para *alojamento*, em que a forma truncada é também formada com as duas primeiras sílabas e é também oxítone (*aLO*).

### 5.2.2 Exercício 2

No exercício 2 deste teste, com exceção de quatro dados, o percentual de correspondência entre as formas truncadas produzidas pelos informantes e as formas presentes no *corpus* variou entre 34,8% e 95,7%. A média de correspondência, incluído os dados mais destoantes, foi de 60,3%. Assim como na análise feita no teste *online*, até esse momento, ainda não estamos olhando para o acento das formas, devido ao grande número de informantes que não marcaram a sílaba tônica das formas truncadas que sugeriram. Nesse exercício, temos 60,43% de respostas em que não é possível identificar a sílaba tônica das formas truncadas, destes, 15,14% são de respostas em branco ou que foram desconsideradas da análise geral.

Os quatro dados que apresentaram um baixo percentual de correspondência com o esperado de acordo com o *corpus* foram os mesmos do teste *online*: *tostão* (2,2%), *futebol* (4,3%), *confiança* (10,9%) e *juvenil* (10,9%). Para *tostão*, novamente apenas um informante sugeriu *tusta*, que era o truncamento esperado. Houve um número muito grande de respostas em branco para essa palavra (30 de 46 informantes). Dentre as respostas restantes, *tosta* foi a forma que teve maior número de respostas: 6 informantes (13%). Esse dado é semelhante ao esperado, o que muda é apenas a elevação da vogal tônica (*tusta~tosta*).

Para *futebol*, apenas dois informantes produziram o truncamento esperado – *futiba* – e o produziram com -s no final: *futibas*. No teste *online*, houve um grande número de respostas com formas como *fute* e *futi*. Nesse teste, 37% das respostas foram também de *fute* e 2,2% de *futi*. No entanto, 50% escreveram *fut* como resposta, sem uma vogal final. Acreditamos que, considerando a estrutura fonológica do português e até a forma como são ditas palavras estrangeiras introduzidas na língua que terminam em oclusivas, como *pop* ([ˈpɔpɪ]) e *reset* ([heˈzɛtʃi]), imaginamos que essa forma *fut* seria produzida com uma epêntese de [i] no final – [futi] – e poderia ser contabilizada junto com os dados de *futi* e *fute* (se consideramos que *futi* seja apenas uma forma com vogal final reduzida de *fute*). Para *juvenil* e *confiança*, as repostas são semelhantes, 37% dos informantes propuseram *juve* como truncamento e 58,7% das respostas foram de *confi*. Assim como detectado no

teste *online*, há, nestas formas, uma preferência por manter a vogal da base, ao invés de acrescentar o *a* e preserva-se as duas primeiras sílabas da palavra.

Passemos agora para os dados referentes à tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes. Como mencionado anteriormente, em 60,43% das repostas, não foi possível identificar qual era a sílaba tônicas dos truncamentos. Na Tabela 16, comparamos o acento das palavras-base com o das formas truncadas produzidas pelos informantes.

**Tabela 16** - Teste presencial: Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade das palavras-base

Tonicidade palavra-base	Tonicidade truncamento				TOTAL
	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
2 acentos	90 27,95%	60 18,63%	6 1,86%	166 51,55%	322 100%
Oxítona	59 9,87%	163 27,26%	2 0,33%	374 62,54%	598 100%
Paroxítona	60 13,04%	104 22,61%	2 0,43%	294 63,91%	460 100%
TOTAL	209 15,14%	327 23,70%	10 0,72%	834 60,43%	1380 100%

$p < 0,001$

No teste *online*, a maior parte dos truncamentos era paroxítono. Esse resultado se repete, aqui, em certa medida. Tanto para palavras-base oxítonas quanto para as paroxítonas há uma preferência por truncamentos paroxítonos (27,26% e 22,61%, respectivamente). No contexto de palavras-base com dois acentos fonológicos, os truncamentos oxítonos tiveram uma leve vantagem. Nesse contexto, há formas para as quais são realmente esperados truncamentos oxítonos, como em *pré-escola* > *pré* e *tricampeão* > *tri*. Para a palavra *macromolécula*, a forma esperada era *macro*, considerando que o falante identificaria o limite morfológico da palavra (composta por duas raízes). Para 45,7% dos informantes, essa foi a forma produzida. No entanto, assim como no teste *online*, alguns informantes (17,4%) propuseram *macroMOL* como forma truncada de *macromolécula*, não identificando o limite morfológico e fazendo uso de algum outro critério para fazer o corte.

Na Tabela 17, verificamos se a tonicidade das formas truncadas produzidas pelos informantes corresponde ao que era esperado de acordo como *corpus*.

**Tabela 17** - Teste presencial: Proporção da tonicidade dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação à tonicidade esperada para os truncamentos

Tonicidade esperada	Tonicidade truncamento				TOTAL
	oxítona	paroxítona	proparoxítona	x	
distratora	24 8,70%	69 <b>25%</b>	4 1,45%	179 64,86%	276 100%
oxítona	128 <b>34,78%</b>	47 12,77%	2 0,54%	191 51,90%	368 100%
paroxítona	57 7,74%	211 <b>28,67%</b>	4 0,54%	464 63,04%	736 100%
TOTAL	209 15,14%	327 23,70%	10 0,72%	834 60,43%	1380 100%

Dentre as palavras distratoras, houve uma preferência por formas truncadas paroxítonas. Em palavras como *maturidade* e *paladar*, por exemplo, tivemos respostas com formas oxítonas dissílabas, como *maTU* e *paLA*, assim como formas truncadas trissílabas, como *maTUrA* e *paLAdA*, que sofre o acréscimo do *a*.

Nas duas palavras distratoras formadas por raízes eruditas e dois acentos fonológicos – *monogamia* e *cetografia* –, grande parte dos truncamentos foi formado apenas com a primeira raiz da palavra – *mono* e *ceto*, respectivamente – no entanto, surgiram dados nos quais parece se aplicar as regras de truncamentos trissílabos. Para *cetografia*, quatro informantes formaram *ceTOgra* e para *monogamia*, 16 informantes produziram *moNOga*. Isso se repete em *tricampeão*, que não era palavra distratora, em que um informante propôs *triCAMpa* como truncamento. Nesses dados, ao invés de o corte ser feito no limite morfológico da palavra, parece que se aplicam as regras dos truncamentos trissílabos, nos quais o corte é feito no ataque da terceira sílaba da palavra e acrescenta-se *a*, como em *português* > *portug* + *a* > *portuga*.

Para os contextos nos quais eram esperadas formas truncadas oxítonas e paroxítonas houve, de um modo geral, correspondência nas repostas dos informantes. No contexto em que eram esperadas formas oxítonas, 12,77% das repostas foram de formas paroxítonas. Assim como no teste *online*, as formas truncadas para *carnaval* e *preguiça*, para as quais se esperavam truncamentos oxítonos, tiveram repostas com truncamentos paroxítonos. Em *carnaval*, 28,3% dos informantes indicaram que *carNa* seria paroxítono (*CARna*); e para *preguiça*, 17,4% dos informantes marcaram a primeira sílaba de *pregui* como tônica (*PREgui*). Isso pode reforçar o que foi dito na análise do teste *online*. Em *CARna*, a sílaba tônica da forma truncada era a sílaba portadora do acento secundário na

palavra-base, isso pode ter tido algum efeito no processo. Já em *PREgui*, dá-se preferência para o padrão acentual mais regular da língua – o troqueu – e o acento passa da sílaba que era tônica na palavra de origem para a primeira sílaba do truncamento.

**Tabela 18** - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas dos truncamentos produzidos pelos informantes em relação ao nº de sílabas das palavras-base

Nº sílabas palavra-base	Nº sílabas truncamento					TOTAL
	1	2	3	4	x	
2 sílabas	7 7,61%	47 <b>51,09%</b>	0 0%	0 0%	38 41,30%	92 100%
3 sílabas	8 1,74%	327 <b>71,09%</b>	51 11,09%	0 0%	74 16,09%	460 100%
4 sílabas	73 8,82%	367 <b>44,32%</b>	262 <b>31,64%</b>	29 3,50%	97 11,71%	828 100%
TOTAL	88 6,38%	741 53,70%	313 22,68%	29 2,10%	209 15,14%	1380 100%

p < 0,001

Repete-se, aqui, na Tabela 18, o resultado encontrado no teste *online*: para todos os contextos, prevalecem os truncamentos dissílabos (51,09% para o contexto de dissílabos, 71,09% para os trissílabos e 44,32% para as palavras polissílabas). No contexto de palavras-base polissílabas, há um número expressivo de truncamentos trissílabos (31,64%). Esse resultado reforça a proposta de Martini (2010), citada na análise do teste *online*, de que bases dissílabas e trissílabas tendem a formar truncamentos dissílabos e bases polissílabas tendem a formar truncamentos trissílabos.

Na próxima tabela, analisamos se o número de sílabas das formas truncadas produzidas pelos informantes corresponde ao número esperado.

**Tabela 19** - Teste presencial: Proporção do nº de sílabas dos truncamentos propostos pelos informantes em relação ao nº de sílabas esperado para os truncamentos

Nº sílabas esperado	Nº sílabas truncamento					TOTAL
	1	2	3	4	x	
1 sílaba	73 <b>79,35%</b>	1 1,09%	5 5,43%	0 0%	13 14,13%	92 100%
2 sílabas	13 2,02%	499 <b>77,48%</b>	21 3,26%	2 0,31%	109 16,93%	644 100%
3 sílabas	3 0,82%	102 27,72%	211 <b>57,34%</b>	13 3,53%	39 10,60%	368 100%
distratora	0 0%	139 <b>50,36%</b>	75 27,17%	14 5,07%	48 17,39%	276 100%
TOTAL	89 6,45%	741 53,70%	312 22,61%	29 2,10%	209 15,14%	1380 100%

A partir da tabela, vemos que o número de sílabas dos truncamentos produzidos pelos informantes é, de modo geral, o mesmo que o esperado. Assim como no teste *online*, há grande correspondência no contexto em que esperávamos truncamentos monossílabos (79,35%). No contexto em que eram esperados truncamentos dissílabos, 77,48% corresponderam ao esperado. Nos dados nos quais esperávamos truncamentos com três sílabas, a correspondência foi de 57,34%, um pouco menor do que nos outros contextos, e 27,72% dos informantes produziram truncamentos dissílabos. Para as palavras distratoras, 50,36% das respostas foram de truncamentos dissílabos.

### 5.2.3 Exercício 3

No último exercício do teste, os informantes deveriam formar diminutivos a partir de formas truncadas. Na Tabela 20, comparamos o gênero da palavra com a vogal final escolhida para o seu diminutivo.

**Tabela 20** - Teste presencial: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero das formas truncadas

Gênero do truncamento	Vogal final do diminutivo			TOTAL
	A	O	x	
Feminino	279 <b>67,39%</b>	85 20,53%	50 12,08%	414 100%
Masculino	92 28,57%	163 <b>50,62%</b>	67 20,81%	322 100%
Masculino/Feminino	64 34,78%	92 <b>50%</b>	28 15,22%	184 100%
TOTAL	435 47,28%	340 36,96%	145 15,76%	920 100%

$p < 0,001$

Nos truncamentos femininos, a maior parte dos informantes optou por diminutivos terminados em *a* (67,39%). Nos truncamentos masculinos, a preferência é por diminutivos com *o* (50,62%). Há um número considerável de diminutivos com *o* nos truncamentos femininos (20,53%), bem como de diminutivos com *a* nos truncamentos masculinos (28,57%). Na tabela 22 esses dados poderão ser melhor esclarecidos através do cruzamento entre o gênero e a vogal final dos truncamentos.

De forma semelhante ao teste *online*, houve uma preferência por diminutivos terminados em *o* no contexto de truncamentos de substantivos biformes ou comuns de dois gêneros (os truncamentos classificados como Masculino/Feminino são os mesmos do teste *online*), com um percentual de 50%. Mesmo assim, o percentual de diminutivos terminados em *a* nesse contexto é também considerável (34,78%).

Na próxima tabela, as vogais finais das formas truncadas e dos diminutivos formados pelos informantes são relacionadas.



**Tabela 21** - Teste presencial: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação às vogais finais das formas truncadas

Vogal final do truncamento	Vogal final do diminutivo			TOTAL
	A	O	X	
A	286 <b>51,81%</b>	166 30,07%	100 18,12%	552 100%
I	31 <b>67,39%</b>	3 6,52%	12 26,09%	46 100%
O	118 36,65%	171 <b>53,11%</b>	33 10,25%	322 100%
TOTAL	435 47,28%	340 36,96%	145 15,76%	920 100%

$p < 0,001$

Os diminutivos terminados em *a* prevalecem no contexto de truncamentos terminados com *a* e com *i* (51,81% e 67,39%). A palavra terminada com *i*, nesse teste, é *perSI*, que era uma forma distratora. Assim como ocorreu com *porCE*, no teste *online*, imaginamos que o informante, por não poder usar a vogal final da forma truncada no diminutivo, recorreu ao gênero da palavra e optou pelo diminutivo com *a*.

As formas diminutivas terminadas em *o* apresentam um maior número de dados nos contextos de truncamentos também terminados em *o*. É interessante notar, que há um número expressivo de diminutivos em *o* nos truncamentos terminados em *a* (30,07%), da mesma forma que há um grande número de diminutivos em *a* nos contextos de truncamentos terminados em *o* (36,65%).

No cruzamento entre gênero e vogal final do truncamento (Tabela 22), podemos olhar com mais detalhamento para estes dados.

**Tabela 22** - Teste presencial: Proporção das vogais finais dos diminutivos em relação ao gênero e à vogal final dos truncamentos

Gênero +Vogal final	Vogal final do diminutivo			TOTAL
	A	O	x	
FA	158 <b>85,87%</b>	6 3,26%	20 10,87%	184 100%
FI	31 <b>67,39%</b>	3 6,52%	12 26,09%	46 100%
FO	90 <b>48,91%</b>	76 <b>41,30%</b>	18 9,78%	184 100%
MA	65 28,26%	109 <b>47,39%</b>	56 24,35%	230 100%
MO	64 34,78%	92 <b>50%</b>	28 15,22%	184 100%
MFA	27 29,35%	54 <b>58,70%</b>	11 11,96%	92 100%
TOTAL	435 47,28%	340 36,96%	145 15,76%	920 100%

p < 0,001 | Legenda: F – feminino; M – masculino; MF – masculino/feminino; A – palavra terminada em -a; I – palavra terminada em -i; O – palavra terminada em -o

Em todas as palavras femininas, a preferência é por diminutivos terminados em *a*. Nos truncamentos femininos terminados em *o*, há um percentual expressivo de diminutivos em *o* (48,91%). Ao olhar para os dados, vemos que o resultado é semelhante ao encontrado no teste *online*. Para *foto*, 28 informantes (60,9%) sugeriram *fotinho* como diminutivo e 11 (23,9%) sugeriram *fotinha*. Isso reforça o que foi dito na análise anterior. Parece que, aqui, os falantes que optaram pelo diminutivo em *o*, já lexicalizaram *foto* como uma palavra do português, ou seja, uma palavra feminina terminada em *o*. O mesmo ocorre com *moto*, em que 20 informantes (43,5%) responderam com *motinho* e 12 informantes (26,1%) responderam com *motinha*.

Com o truncamento *biblio*, de *biblioteca*, a preferência foi pelo diminutivo terminado em *a*: *biblozinha*. Nos parece que *foto* e *moto* são formas mais produtivas e frequentes na língua e isso poderia estar colaborando para sua lexicalização. Já *biblio* ainda é mais facilmente relacionada a sua palavra de origem.

O resultado encontrado para *lipo* é também muito semelhante ao encontrado no teste *online*. A forma *lipozinha* teve a preferência de 52,2% dos informantes e *lipinho* teve um percentual de 23,9%. Por isso, a discussão a respeito do uso de *-inho* e *-zinha*, a partir dos trabalhos de Menuzzi (1993) e Lee (1999), pode também ser levantada a partir dos resultados desse teste.

Olhando para os truncamentos masculinos, há uma preferência pelos diminutivos terminados em *o*. No entanto, o percentual de diminutivos em *a* nos contextos de truncamentos masculinos terminados em *a* é expressivo (28,26%). Formas como *computinha*, *telefinha/telefazinha* e *maraquinha* – que são diminutivos de *computa*, *telefa* e *Maraca*, respectivamente – são exemplos de diminutivos em *a* de palavras masculinas. Assim como se supôs para *fotinho* e *motinho*, podemos supor que os falantes, nesses casos (em menor número do que em *fotinho* e *motinho*), se baseiam apenas pela vogal final do truncamento para formar o diminutivo, sem recuperar a palavra-base.

Por fim, assim como no teste *online*, as formas truncadas biformes ou comuns de dois gêneros (MF) eram todas terminadas em *a*, mas, mesmo assim, a preferência foi por diminutivos em *o*, talvez pelo caráter menos marcado do *o* no português.

### **Síntese e conclusões do capítulo**

A partir da aplicação de dois testes, um aplicado em uma plataforma *online* e outro aplicado presencialmente, verificamos que, de um modo geral, os falantes reconhecem formas truncadas e fazem uso de padrões descritos na literatura para produzir truncamentos a partir de palavras do português. A preferência foi por truncamentos dissílabos, paroxítonos e formados a partir das duas primeiras sílabas das palavras. Registrou-se, também, a ocorrência de truncamentos trissílabos com o acréscimo de *a* (ex.: *portuga*, *delega*). Nos casos de palavras com prefixos autoacentuados ou formados por duas raízes eruditas (caracterizando duas palavras fonológicas), a preferência foi por truncamentos formados pelo prefixo ou pela raiz mais à direita da palavra (ex.: *pré* < *pré-escola*; *oftalmo* < *oftalmologista*).

No primeiro exercício de ambos os testes, no qual os informantes indicavam a base de formas truncadas, houve uma unanimidade quase total na escolha da palavra-base para alguns truncamentos. Essas formas foram *madruga*, *profe*, *aniver* e *oftalmo*, para as quais, nos dois testes, os informantes apontaram, respectivamente, *madrugada*, *professor*, *aniversário* e *oftalmologista* como palavras-base. O que é interessante, nesses casos, é que, apesar de se tratarem de truncamentos muito comuns e frequentes na língua, os falantes ainda recuperam suas bases. O mesmo não ocorre para *boteco*, pois a maioria dos informantes não conseguiu relacionar essa forma truncada à base *botequim*. Isso pode ser um indício de que esse truncamento possa estar lexicalizado, pelo menos na fala desse grupo de informantes.

A nossa hipótese para palavras formadas por prefixos autoacentuados ou em palavras com duas raízes eruditas e que, portanto, são formadas por dois acentos fonológicos, era de que o corte é feito a partir do limite morfológico identificado na palavra, ou seja, preserva-se o prefixo autoacentuado e a raiz à esquerda da palavra. Dessa forma, preserva-se, também, a palavra fonológica à direita. Temos, nesses casos, truncamentos que não são formados a partir de características fonológicas como o pé métrico, por exemplo. Os truncamentos são formados a partir da identificação de um limite morfológico e/ou fonológico na palavra (identifica-se um prefixo, uma raiz ou ainda uma palavra fonológica) e é nesse limite que o corte é feito.

No exercício 2 do teste presencial, no entanto, surgiram algumas respostas para as quais esse limite morfológico e/ou fonológico não foi respeitado na criação de truncamentos. Para as palavras *cetrograma*, *monogamia* e *tricampeão*, algumas formas truncadas produzidas pelos informantes parecem ter sido formadas a partir de outros critérios. Em respostas como *cetogra*, *monoga* e *tricampa* parece que foram aplicadas regras de formação de truncamentos trissílabos, como em *português* > *portuga*. Nesses truncamentos, o corte é feito no ataque da terceira sílaba da palavra e acrescenta-se *a*. Seguindo a proposta de Martini (2010) de que formas derivantes mais extensas formam truncamentos trissílabos, podemos imaginar que os informantes, por não identificarem o limite morfológico dessas palavras, e por essas serem palavras extensas, formaram truncamentos trissílabos.

Em relação ao número de sílabas das formas truncadas, identificamos uma tendência de o truncamento ser menor em número de sílabas em relação à sua palavra de origem. Isso, no entanto, não pode ser entendido como regra, visto que também registramos truncamentos com o mesmo número de sílabas da base. Os nossos resultados também seguem uma tendência identificada por Martini (2010, p. 236): palavras dissílabas geralmente formam truncamentos também dissílabos, palavras trissílabas geralmente formam truncamentos dissílabos e palavras polissílabas tendem a formar truncamentos trissílabos. Alguns dados interessantes nesse sentido foram os truncamentos formados a partir de *futebol* e *juvenil*. Esperávamos truncamentos trissílabos com acréscimo de *a* – *futiba* e *juvena* – no entanto, a maior parte das respostas foram de *fute/futi* e *juve/juvi*, preferindo um truncamento dissílabo, seguindo a tendência proposta por Martini (2010).

O terceiro exercício do teste tinha como objetivo contribuir para a discussão do *status* da vogal final do truncamento. Nesse exercício, os informantes eram solicitados a

propor uma forma diminutiva para alguns truncamentos. Pretendíamos verificar se, ao formar o diminutivo (com *inho*, *inha*, *zinho* ou *zinha*), a escolha por *o* ou *a* como vogal final do diminutivo se dava em função do gênero da palavra ou se era a vogal final da forma truncada que era mantida. De um modo geral, observou-se correspondência da vogal final dos diminutivos com o gênero da palavra-base, independentemente da vogal final do truncamento. Poderíamos supor, portanto, que, nos casos em que há correspondência com gênero, a relação da forma truncada com a palavra-base ainda é transparente aos falantes e, por isso, recuperável. Em um truncamento como *biblio*, supomos que a vogal final é reconhecida como parte da raiz e, ao formar o truncamento, dá-se preferência para o gênero da palavra, produzindo formas como *bibliozinha*.

Apesar de haver correspondência com o expoente de gênero na maioria dos casos, o número de diminutivos nos quais a vogal final correspondeu à vogal final do truncamento é considerável. Em média, cerca de 36% de formas femininas terminadas em *o* e formas masculinas terminadas em *a* tiveram formas diminutivas terminadas na vogal correspondente à vogal final do truncamento e não ao seu expoente de gênero. Isso ocorre com o truncamento *foto*, para o qual cerca de 65% dos informantes optou pela forma diminutiva *fotinho*. O mesmo ocorre com *moto*, que teve cerca de 50% das respostas em favor da forma *motinho*. Nesses casos, nos parece que a base dos truncamentos não é mais tão transparente aos falantes, que já reconhecem *foto* e *moto* como palavras da língua. Sendo assim, esses seriam casos de palavras femininas terminadas em *o*, pouco frequentes na língua, e esse *o* final poderia ser compreendido como vogal temática da palavra.

Em relação à diferença das formas *inho* e *zinho*, nos baseamos nos trabalhos de Menuzzi (1993) e Lee (1999), que apontam que *-inho* seria acrescido a radicais com vogais temáticas, enquanto *-zinho* seria acrescido a radicais sem vogal temática. Partindo dessa lógica, olhamos para os resultados para o truncamento *lipo* e constatamos que, quando a forma diminutiva era terminada em *a*, os informantes preferiam o diminutivo com *zinho*. Já quando o diminutivo era terminado em *o*, *inho* era mais usado. A partir das propostas de Menuzzi e Lee, podemos supor que em *lipozinha*, o *o* final de *lipo* não é visto como uma vogal temática, mas sim como parte da raiz. Já em *lipinho*, a vogal final do diminutivo corresponde à vogal final do truncamento e, se *inho* é acrescido a radicais com VT, podemos supor que, aqui, o *o* pode ser compreendido como uma vogal temática. Aqui, do mesmo modo que com *foto* e *moto*, é possível que a relação do truncamento com a sua base não seja tão transparente.

Para dar força a esse argumento, olhemos para as formas *portuguinha* e *computazinho*. As duas formas derivam de truncamentos terminados em *a*: *portuga* e *computa*. Em *portuguinha*, a vogal final do truncamento é mantida no diminutivo e opta-se por *inha* ao invés de *zinha*. Já em *computa*, a vogal final do diminutivo concorda com o gênero da palavra e é formado com *zinho*. É interessante, nesses casos, que, quando a vogal final do diminutivo é a mesma do truncamento, usa-se *inho(a)* e quando a vogal final do diminutivo concorda com o gênero da palavra, usa-se *zinho(a)*. Isso parece se encaixar dentro das propostas de Menuzzi (1993) e Lee (1999) e, portanto, em *portuga* > *portuguinha*, a vogal final do truncamento poderia ser classificada como vogal temática, e, no caso de *computa* > *computazinho*, a vogal final seria parte da raiz ou até mesmo alguma vogal específica do truncamento, como propõem alguns autores.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O truncamento, assim como os demais processos denominados como “não concatenativos” pela literatura (GONÇALVES, 2004), era considerado idiossincrático e imprevisível por gramáticas tradicionais e manuais de morfologia. Estudos recentes em diferentes vertentes da morfologia têm realizado análises que apontam para a regularidade destes processos. Esses estudos, em sua maioria, indicam que há uma relação entre aspectos fonológicos e morfológicos nos processos não concatenativos, incluindo o truncamento. Neste estudo, nos propusemos a realizar uma análise descritiva do processo do truncamento a partir de dados coletados em um experimento realizado em duas etapas diferentes. Partindo dos pressupostos levantados nos estudos anteriores, analisamos aspectos fonológicos e morfológicos dos dados. O objetivo do nosso estudo foi levantar dados que possam contribuir para a discussão acerca do funcionamento do truncamento e realizar uma análise desses dados que estabeleça um diálogo com os estudos já feitos acerca do fenômeno.

Para realizar o levantamento dos dados e a análise, foram aplicados dois testes, um ancorado em uma plataforma *online* e outro aplicado presencialmente. Apesar de aplicados em contextos e com grupos diferentes, os resultados dos testes *online* e presencial foram bastante semelhantes. No que diz respeito à tonicidade dos truncamentos, parece haver uma preferência por formas paroxítonas. Esse resultado era esperado, visto que este é o padrão acentual mais regular do português. Nas palavras compostas por dois acentos fonológicos e/ou duas raízes eruditas, o corte para a formação das formas truncadas foi feito, em sua maioria, no limite morfológico. Os truncamentos eram, portanto, prefixos autoacentuados ou a primeira raiz das suas palavras-base<sup>14</sup>.

No que diz respeito à relação do número de sílabas da palavra-base e do número de sílabas do truncamento, há uma tendência de a forma truncada ser menor do que sua base; no entanto, isso não pode ser entendido como regra, visto que também verificamos truncamentos com o mesmo número de sílabas da palavra-base. A tendência observada por Martini (2010, p.236) em seus dados foi também observada nos nossos resultados: palavras dissílabas geralmente formam truncamentos também dissílabos, palavras trissílabas geralmente formam truncamentos dissílabos e palavras polissílabas tendem a formar truncamentos trissílabos.

---

<sup>14</sup> O limite morfológico, que delimita o prefixo e as raízes eruditas, coincide, em muitas das vezes, com o limite da palavra fonológica.

Por fim, no que diz respeito à formação de diminutivos a partir de truncamentos, houve correspondência da vogal final do diminutivo com o gênero do truncamento na maioria dos casos. No entanto, em formas mais produtivas e frequentes da língua, como *foto* e *moto*, a maior parte dos informantes formou diminutivos terminados em *o*, a despeito do gênero dessas palavras. Podemos supor que, nesses casos, essas formas já façam parte do léxico dos falantes e, por isso, eles já as entendem como palavras femininas terminadas em *o*. Esse dado é interessante, pois há pouquíssimos dados de palavras femininas terminadas em *o* no português e podemos entender que, em *foto* e *moto*, os falantes não identificam mais o *o* como parte da raiz, mas como a vogal temática da palavra.

Sendo este um estudo descritivo do truncamento, reconhecemos que tem limitações e que os resultados aqui encontrados não podem ser generalizados ao processo do truncamento de um modo geral. No entanto, acreditamos que encontramos resultados que contribuem para a discussão acerca do processo e que vão ao encontro do que dizem os estudos anteriores em relação à regularidade do truncamento.

Para aprimorar este estudo, identifica-se a necessidade de ampliação da coleta de dados em diferentes fontes, como grandes bancos de dados do português, redes sociais, etc. Para investigar com maior precisão e detalhamento o papel do acento no truncamento, entrevistas presenciais e gravadas poderiam ser interessantes. Dessa forma, não dependeríamos da marcação manual da sílaba tônica por parte dos informantes, que está sujeita a possíveis desencontros com a sílaba que efetivamente produziriam como a mais forte ao pronunciar aquela forma. Também estaríamos isentos do problema da não marcação do acento no teste escrito, como ocorreu em uma parte significativa dos dados.

Ainda, como mencionamos no capítulo 2, considerando que alguns autores diferenciam o processo do truncamento da hipocorização, enquanto outros os entendem como o mesmo processo, uma análise futura que tome os dois processos de forma conjunta pode contribuir para a discussão sobre seus limites.

Além disso, investigar o papel da frequência lexical no processo do truncamento poderia nos trazer mais respostas acerca do seu funcionamento. Será que palavras mais frequentes estão mais sujeitas a sofrer truncamentos? Será que quanto mais frequente o truncamento, menos transparente é a sua relação com a sua palavra-base?

Por fim, a sofisticação descritiva que se vislumbra aqui deve abrir espaço para uma análise com fins explicativos, que dialogue com estudos presentes na literatura em diferentes concepções teóricas, ampliando, assim, o entendimento do processo do ponto



de vista de seu enquadramento na gramática do português e das línguas naturais de modo geral. Essa discussão teórico-analítica poderá abranger, entre muitos outros, um debate a respeito da possível forma subjacente dos truncamentos. Teriam os truncamentos uma representação subjacente própria ou esse seria apenas um processo que ocorre na superfície?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, B. et al. Reflexões sobre a interface sintaxe-fonologia. *Anais do Seminário GEL*. Campinas: IEL, 1997, p. 127-134.
- ALCÂNTARA, C. C. As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da teoria da morfologia distribuída. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- ALCÂNTARA, C. C. As classes formais do português brasileiro. *Letras de Hoje* 45(1): 5– 15, 2010.
- ARAÚJO, G. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 61-90, jan./jun. 2002.
- ARONOFF, M.; FUDEMAN, K. *What is morphology?* 2ª ed. Blackwell Publishing. 2011.
- BASILIO, M. *Teoria lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BELCHOR, A. P. V. Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimidade. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- BERLCHOR, A. P. V. A Morfologia Prosódica Circunscritiva aplicada ao truncamento no português brasileiro. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CEGALLA, D. P. *Minigramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.
- COLINA, S. Spanish truncation processes: the emergency of the unmarked. *Linguistics*, Hawthorne, v. 34, n.1, p. 199-218, 1995.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- FÁBREGAS, A.; SCALISE, S. *Morphology: from data to theories*, 1 ed., Edinburg University Press, 2012.
- GONÇALVES, C.A.V. Processos Morfológicos Não concatenativos no português do Brasil: tipos e funções. [Versão revista e ampliada da Comunicação “Processos de redução vocabular: tipos e funções”, apresentada na *XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do GELNE*, Recife, Instituto de Letras da UFPE, set. 1999.
- GONÇALVES, C.A.V. Processos morfológicos não concatenativos: formato morfoprosódico e latitude funcional. *ALFA – Revista de Lingüística*, Araraquara, v. 48, n. 1, p. 9-27, jul./dez. 2004.
- GONÇALVES, C. A .V.; VAZQUEZ R. P. Fla x Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. In: SILVA, J. P. (org.) *Questões de morfossintaxe*. v. 8, p. 56-64, Rio de Janeiro, 2004.
- GONÇALVES, C.A.V. *Introdução à morfologia não linear*. Rio de Janeiro, Publit: 2009.
- KATAMBA, F. *Morphology*. New York: St. Martin’s Press, 1993.
- KEHDI, W. A. *A morfologia e a sintaxe portuguesa na obra de J. Mattoso Camara Jr.* Tese de livre docência. USP, 1998.
- KOLODNY, R. S. Marcação de gênero e classe temática em português e em francês. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- LEE, S-H. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 8, n. 1, p. 113-124, Belo Horizonte, 1999.
- LUFT, C. P. *et al. Novo manual de português, gramática, ortografia oficial, literatura, redação, textos e testes*. São Paulo: Globo, 1996.
- MARTINI, L. D. *Morfologia Prosódica no Português Brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2010.
- MCCARTHY J.; PRINCE, A. Foot and word in prosodic morphology. *Natural language and Linguistic Theory*, Dordrecht, v.8, n.1, p. 209-84, 1990.
- MCCARTHY, J. & PRINCE, A.S. *Prosodic Morphology*. Amherst: University of Massachusetts and Brandeis University, 1986.
- MCCARTHY, J.; PRINCE, A. The emergence of unmarked. *Proceedings of NELS*, 24 (1), p. 333-79, 1995.

- MENUZZI, S. *On the Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. HIL/Leiden University, 1993.
- MORENO, C. Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – PUCRS, 1997.
- PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000.
- ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SANDMANN, A. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SANTOS, J.B.A. *Truncamento no português do Brasil: acaso ou processo?* Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- SCHER, A. P. Formas truncadas em português brasileiro e espanhol peninsular: descrição preliminar. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.
- SCHER, A. P. A study of truncated nominal forms in Brazilian Portuguese: their derivation and their relation to nonverbal form classes. In: Mary A. Kato; Francisco Ordóñez.(Org.). *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. 1ª ed. New York: Oxford University Press, p. 332-353, 2016.
- SCHWINDT, L. C. Teoria da Otimidade e Fonologia. In: Bisol, Leda. (eds.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 257-279, 2005.
- SCHWINDT, L. C. *Zeros na morfologia nominal portuguesa à luz da Optimal Interleaving Theory*. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.
- SCHWINDT, L. C. Exponência de gênero e classe temática em português brasileiro. *Revista DELTA*, v. 34, n. 2, p. 745-768, 2018.
- VILELA, A. C.; GODOY, L. & SILVA, T. C. Truncamento no PB - para uma melhor compreensão do fenômeno. 2006.
- VILLALVA, A. *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.
- WANG, W. Competing changes as a cause of residues. *Language*. 45, n.1, p. 9-25, 1969.

## ANEXOS

### Anexo 1 - Teste *online*

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "Análise do Truncamento no português brasileiro", que visa investigar e descrever o funcionamento do processo do truncamento no português. O estudo será realizado por mim, Débora Heineck, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Schwandt.

A sua participação é voluntária e totalmente anônima. Sua resposta será enviada automaticamente à pesquisadora Débora Heineck e os dados serão usados somente para fins acadêmicos.

O teste dura em torno de 10 minutos.

Qualquer dúvida, entre em contato através do e-mail [heineck.debora@gmail.com](mailto:heineck.debora@gmail.com).

#### 1. Gênero:

Masculino  Feminino  Outro (especifique, se quiser)

#### 2. Idade:

- 18 a 25 anos  
 26 a 35 anos  
 36 a 45 anos  
 mais de 45 anos

#### 3. Escolaridade:

- Ensino Fundamental incompleto  
 Ensino Fundamental completo  
 Ensino Médio incompleto  
 Ensino Médio completo  
 Ensino Superior incompleto  
 Ensino Superior completo

#### 4. Qual curso superior que cursa/cursou:

---

**Exercício 1**

Abaixo, há uma lista de palavras encurtadas. Você deve preencher as lacunas com a palavra que você considera dar origem a cada uma dessas formas. As sílabas estão em caixa alta (letra maiúscula: como em viSU) para indicar a sílaba mais forte (tônica) da palavra.

- viSU
- BURga
- conDI
- JApa
- diRE
- boTEco
- PLAYba
- saCRISta
- beLE
- CONfa
- fisSU
- CUnha
- exPO
- maRAca
- saTIsfa
- aGRI
- DIsser
- reFRI
- FLAgra
- proFI
- PÓS
- maDRUga
- venTI
- moTOra
- PROfe
- aNIver
- FOno
- oFTALmo
- BI
- dePI

**Exercício 2**

A partir das palavras abaixo, sugira uma forma encurtada da palavra que lhe pareça soar bem na fala informal. Escreva em caixa alta (letra maiúscula) a sílaba ou vogal que você considera forte (tônica) em cada uma das palavras que você sugerir.

- macromolécula
- chinês
- tostão
- Carnaval
- flexibilidade
- travesti
- bisavó
- juvenil
- cafuné
- futebol
- preguiça
- neurose
- tranquilo
- particular
- disposição
- vestibular
- qualificação
- bijuteria
- prejuízo
- ventilador
- responsabilidade
- poligamia
- baterista
- confiança
- bicicleta
- odontologia
- hematologista
- pré-escola
- hermografia
- tricampeão

**Exercício 3**

Proponha um diminutivo para as palavras abaixo usando uma dessas terminações: inho/inha/zinho/zinha.

- CEva
- comPUta
- LIpo
- peRifa
- BIra
- saTISfa
- NEUuro
- FREEla
- porCE
- teLEfa
- FOto
- MaRAca
- ofTALmo
- deLEga
- temPEra
- Biblio
- porTUga
- MOto
- comuna
- Retro



**Anexo 2 - Teste presencial****Truncamento – Pesquisa Dissertação****Sobre o informante:****1. Gênero:**

( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro (especifique, se quiser) \_\_\_\_\_

**2. Idade:**

\_\_\_\_\_

**3. Escolaridade:**

( ) Ensino Fundamental incompleto

( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo

( ) Ensino Superior incompleto

( ) Ensino Superior Completo

→ Qual o curso de Ensino Superior que cursa/cursou? \_\_\_\_\_

**4. Local de residência:**

Estado: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

**IMPORTANTE:** Nas perguntas abaixo, você deve preencher as lacunas de acordo com as instruções de cada questão. Caso você não conheça alguma das palavras listadas, proponha ainda assim uma forma que você considera a ela assemelhada. Não há uma resposta certa ou errada, mas sim, a sua intuição sobre essas formas.

### PERGUNTA 1

Abaixo, há uma lista de palavras encurtadas. Você deve preencher as lacunas com a palavra que você considera dar origem a cada uma dessas formas. As sílabas estão sublinhadas (como em visu) para indicar a sílaba mais forte (tônica) da palavra.

- visu \_\_\_\_\_
- burga \_\_\_\_\_
- condi \_\_\_\_\_
- japa \_\_\_\_\_
- zela \_\_\_\_\_
- boteco \_\_\_\_\_
- playba \_\_\_\_\_
- sacrista \_\_\_\_\_
- bele \_\_\_\_\_
- confa \_\_\_\_\_
- fissu \_\_\_\_\_
- cunha \_\_\_\_\_
- expo \_\_\_\_\_
- maraca \_\_\_\_\_
- satisfa \_\_\_\_\_
- instru \_\_\_\_\_
- disser \_\_\_\_\_
- refri \_\_\_\_\_
- flagra \_\_\_\_\_
- profi \_\_\_\_\_
- pós \_\_\_\_\_
- madrug \_\_\_\_\_

- desperta \_\_\_\_\_
- motora \_\_\_\_\_
- profe \_\_\_\_\_
- aniver \_\_\_\_\_
- fono \_\_\_\_\_
- oftalmo \_\_\_\_\_
- bi \_\_\_\_\_
- depi \_\_\_\_\_

## PERGUNTA 2

A partir das palavras **em destaque** abaixo, sugira uma forma encurtada da palavra que lhe pareça soar bem na fala informal. Sublinhe ou circule a sílaba ou vogal que você considera forte (tônica) em cada uma das palavras que você sugerir.

- A pesquisa tratava da análise da **macromolécula** de uma proteína.  
\_\_\_\_\_
- O **chinês** inaugurou uma nova loja.  
\_\_\_\_\_
- Não custou nenhum **tostão** para consertar o aparelho.  
\_\_\_\_\_
- Vamos para o **carnaval** hoje!  
\_\_\_\_\_
- É preciso ter **maturidade** para enfrentar os problemas.  
\_\_\_\_\_
- O **travesti** almoçou no restaurante.  
\_\_\_\_\_
- Minha **bisavó** veio da Itália.  
\_\_\_\_\_
- O **juvenil** vai jogar amanhã.  
\_\_\_\_\_
- Adoro um **cafuné!**  
\_\_\_\_\_
- Jogamos **futebol** todo sábado.

- 
- Estou com uma **preguiça** hoje!

---

  - Essa **neurose** por limpeza não te faz bem.

---

  - Fique **tranquilo**! Tudo vai dar certo!

---

  - É preciso um bom **paladar** para degustar estes queijos.

---

  - Você está sempre com muita **disposição** pela manhã!

---

  - Ele vai prestar o **vestibular** neste fim de semana.

---

  - A **qualificação** da minha tese é na quinta-feira.

---

  - Essa **bijuteria** parece joia de verdade.

---

  - Eu saí no **prejuízo** naquele negócio.

---

  - Posso ligar o **ventilador**?

---

  - Cuidar de uma criança é muita **responsabilidade**.

---

  - A **monogamia** é pregada por várias religiões.

---

  - O **baterista** tocou muito bem hoje!

---

  - O João é de **confiança**.

---

  - Pedro gosta de andar de **bicicleta**.

---

  - Ela está estudando **odontologia**.

---

  - A amostra de sangue será analisada por um **hematologista**.

- 
- Meu filho está na **pré-escola**.
- 
- Os cientistas se detiveram à **cetografia**.
- 
- O meu time é **tricampeão** da Copa do Mundo.
- 

### PERGUNTA 3

Proponha um diminutivo para as palavras **em destaque** abaixo usando uma dessas terminações inho/inha/zinho/zinha.

- Vamos tomar uma **ceva**?  
\_\_\_\_\_
- O meu **computa** estragou de novo!  
\_\_\_\_\_
- Ela fez uma **lipo**.  
\_\_\_\_\_
- Tem cada vez mais gente da **perifa** na Universidade.  
\_\_\_\_\_
- Eles saíram para tomar umas **birra** ontem.  
\_\_\_\_\_
- É muita **satisfa** estar aqui.  
\_\_\_\_\_
- O **neuro** solicitou novos exames.  
\_\_\_\_\_
- Contratei um **freela** para fazer a tradução para mim.  
\_\_\_\_\_
- Vou abrir a **persi** para entrar um pouco de luz na sala.  
\_\_\_\_\_
- Você pode atender o **telefa**, por favor?  
\_\_\_\_\_
- Essa sua **foto** está muito bonita.

- 
- O jogo será no **Maraca**.

---

  - Ele precisa consultar um **oftalmo**.

---

  - O **delega** autorizou a prisão.

---

  - O **eleva** não estava funcionando no meu prédio.

---

  - Passei o dia estudando na **biblio**.

---

  - No Brasil, há muitas piadas com **potuga**.

---

  - Minha **moto** está estacionada nesta rua.

---

  - O **comuna** organizou uma manifestação.

---

  - A professora utilizou o **retro** em aula hoje.

---

**Anexo 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-graduação em Letras

Fonologia e Morfologia

Eu, \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) da pesquisa de mestrado “*Análise do truncamento no português brasileiro*”, sob responsabilidade da pesquisadora Débora Heineck, mestranda do programa de pós-graduação em Letras, e orientação do professor Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt.

Ao assinar este Termo de Consentimento, juntamente com a pesquisadora responsável, declaro que fui informado que esta pesquisa tem por objetivo investigar e descrever o funcionamento do processo do truncamento no português brasileiro.

Fui informado, também, de que a minha participação consiste em responder a um questionário. Com minha autorização, as respostas do questionário passarão a compor o *corpus* de análise desse estudo.

Fui informado(a), ainda, de que minha identidade será mantida em sigilo, de que os dados obtidos através do questionário serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa, e de que, caso eu queira conhecer os resultados desta pesquisa, estes ficarão à disposição com a responsável e, posteriormente, serão publicados como parte integrante da dissertação de mestrado. Além disso, se o trabalho for publicado em revista científica ou divulgado em evento científico, meu nome não será divulgado.

Estou ciente de que esta pesquisa não terá nenhum ônus para mim e também não terá nenhum benefício financeiro. Minha participação é voluntária, ou seja, não é obrigatória, e eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Finalmente, fui informado de que todos os participantes terão uma cópia deste termo assinado pela pesquisadora responsável, e de que poderão ser solicitados, em qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa, devendo o(s) pesquisador(es) ser contatado(s) por email: heineck.debora@gmail.com, telefone: (51) 9\*\*\*\*\*, ou endereço: Avenida \*\*\*\*\*, Porto Alegre, RS, Brasil. Declaro, pois, estar esclarecido sobre todos os aspectos relacionados à minha participação nessa pesquisa, e concordo que minhas respostas ao questionário integrem o *corpus* da pesquisa e sejam analisadas pela pesquisadora.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Assinatura do participante

---

Assinatura da pesquisadora

Débora Heineck

Mestranda em Fonologia e Morfologia